

RELICÁRIO

DOUGLAS PRESTON
& LINCOLN CHILD

Tradução de João Barreiros



SÁIDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer às seguintes pessoas pela ajuda que permitiu que este livro visse a luz do dia: Bob Gleason, Matthew Snyder, Denis Kelly, Stephen de las Heras, Jim Cush, Linda Quinton, Tom Espensheid, Dan Rabinowitz, Caleb Rabinowitz, Karen Lovell, Mark Gallagher, Bob Wincott, Lee Suckno e Georgette Piligian.

Agradecimentos especiais são devidos a Tom Doherty e Harvey Klinger, cujo apoio e diligente esforço permitiram que este Relicário visse a luz do dia.

Obrigado também a todos os que trabalham na promoção de vendas da Tor/Forge por todos os bons serviços e dedicação à causa.

Também gostaríamos de agradecer os esforços de todos os leitores que nos apoiaram, seja pelos telefonemas durante as entrevistas da rádio e da televisão e que falaram connosco durante as sessões de autógrafos, sem esquecer as cartas ou os emails, ou simplesmente por terem lido e apreciado os nossos livros. O vosso entusiasmo pela Relíquia foi a razão principal porque escrevemos esta continuação.

E por fim um grande obrigado a todos vocês — ou seja, todos os que devíamos ter mencionado mas que acabaram por ficar de fora.

“Escutamos o indizível, contemplamos o invisível.”
— KAKUZO OKAKURA, *The Book of Tea*

OSSOS VELHOS

A PRIMEIRA PARTE B

***Reli-cário** (reliquia+ário) — recipiente ou cofre, onde se guardam partes do corpo de um santo ou de uma divindade, ou qualquer outro objecto relacionado*

1

Snow testou o regulador, verificou o estado das duas válvulas de ar, e percorreu com as mãos o escorregadio fato de mergulho. Estava tudo em ordem, tal como da última inspecção, feita apenas há sessenta segundos.

— Só mais cinco minutos — disse o brigadeiro-mor, enquanto diminuía a velocidade da lancha para metade.

— Porreiro! — soou a voz sarcástica de Fernandez, sobrepondo-se ao ruído do enorme motor diesel. — Na maior!

Mais ninguém falou. Snow já tinha percebido que este tipo de conversas fiadas tinha tendência a morrer sempre que o grupo se aproximava do local a inspeccionar.

Olhou por cima do ombro, para lá da popa, e ficou a ver a espuma do rio Harlem a espalhar-se atrás da hélice como um V acastanhado. O rio aqui apresentava-se mais largo, a deslizar pachorrentamente sob a bruma quente e cinzenta desta manhã de Agosto. Desviou o olhar na direcção da margem, e esboçou uma careta ao sentir o tubo de borracha roçar de encontro à pele do pescoço. Gigantescos blocos de apartamentos repletos de janelas quebradas. Carcaças fantasmagóricas de armazéns e fábricas. Um parque infantil abandonado. Não, nem por isso: ali estava uma criancinha a bambolear-se numa barra ferrugenta.

— Ó chefe do mergulho! — clamou a voz de Fernandez. — Vê lá se trazes vestidas as fraldinhas do treino!

Snow puxou pelas extremidades das luvas e continuou a olhar na direcção da margem.

— A última vez que deixámos que uma virgem fizesse este tipo de mergulho, — prosseguiu Fernandez, — cagou o fato todo. Deus do Céu,

que porcaria! Obrigámo-lo a ficar sentado no banco traseiro durante toda a viagem de regresso à base. E isto passou-se lá para as bandas da Liberty Island. Uma simples brincadeira quando comparada à Cloaca.

— Cala a boca, Fernandez — disse o brigadeiro sem erguer a voz.

Snow continuou a olhar por cima da popa. Compreendeu que tinha cometido um erro enorme ao pedir transferência para a brigada fluvial, vindo do Departamento de Polícia de Nova Iorque. Para mal dos seus pecados, lembrou-se de mencionar que em tempos tinha trabalhado num barco de mergulho, no mar de Cortez. Demasiado tarde percebeu que muitos dos homens da brigada fluvial vinham das empresas privadas e já tinham trabalhado nas plataformas de instalação de cabos submarinos e na manutenção dos oleodutos. Na opinião dessa gente, mergulhadores como ele eram todos uns mariquinhas sem nenhuma formação profissional, que só gostavam de águas límpidas e fundos de areias brancas. Fernandez, em particular, nunca o deixava esquecer-se disso.

O barco inclinou-se fortemente para estibordo à medida que o brigadeiro o aproximava da margem. Diminuiu ainda mais a força do motor enquanto se aproximavam de uma série de construções cerradas à beira do rio. De súbito, apareceu-lhes a entrada de um pequeno túnel forrado a tijolos a quebrar a monotonia das fachadas de cimento. O brigadeiro enfiou a embarcação pelo túnel e emergiu do outro lado, numa zona crepuscular. Snow deu-se conta de um cheiro indescritível que emanava destas águas perturbadas. No instante seguinte, sem que pudesse controlar-se, ficou com os olhos marejados de lágrimas. A custo reprimiu um acesso de tosse. Junto à proa, Fernandez olhava para trás, com uma expressão trocista no rosto. Sob o fato de mergulho aberto no peito, Snow viu que ele trazia vestida uma T-shirt com o logótipo não oficial da Brigada de Mergulho: Mergulhamos na merda em busca de coisas mortas! Só que desta vez não era de uma coisa morta que eles andavam à procura, mas de um tijolo enorme de heroína, lançado pela borda da Ponte de Caminhos-de-ferro de Humboldt, na noite anterior, durante um tiroteio com a polícia.

Dos dois lados do estreito canal havia uma passadeira em cimento. Mais à frente, uma lancha da polícia esperava por eles sob a ponte do caminho-de-ferro, com os motores desligados, a balançar ligeiramente no meio das sombras estriadas. Snow viu duas pessoas a bordo: o piloto e um homem encorpado vestido com um fato de poliéster de péssima qualidade. O indivíduo estava a ficar calvo e tinha um charuto molhado a projectar-se dos lábios. Ao vê-los aproximar-se, puxou as calças para cima, cuspiu no canal e ergueu uma das mãos.

— Ora vejam quem ali está! — disse o brigadeiro, apontando com a cabeça na direcção da lancha.

— O tenente D'Agosta! — replicou um dos mergulhadores junto à proa. — Houve chatice da grossa.

— É chato sempre que matam um polícia — disse o brigadeiro, enquanto desligava o motor, pondo a embarcação em paralelo com a lancha da patrulha. D'Agosta recuou um pouco para falar com o grupo de mergulhadores. E à medida que recuava, a lancha da polícia adornou ligeiramente para compensar o peso, e Snow percebeu que a água deixava no casco um resíduo oleoso e esverdeado.

— Bons-dias... — disse D'Agosta. Na obscuridade que reinava sob a ponte, o rosto vermelho do tenente observava-os, de olhos piscos como um troglodita pálido a procurar esconder-se da luz.

— Dirija-se a mim, chefe — respondeu o brigadeiro enquanto prendia um batímetro ao pulso. — O que foi que aconteceu?

— A captura deu para o torto. Afinal o tipo não passava de um mensageiro. Despejou a mercadoria pela borda da ponte. — D'Agosta apontou com o queixo na direcção da estrutura superior. — A seguir disparou sobre um polícia e deram-lhe cabo do canastro. Se conseguirmos encontrar o tijolo, podemos encerrar este caso de merda.

O brigadeiro suspirou: — Se limpam o sebo ao gajo, o que é que nós estamos aqui a fazer?

D'Agosta abanou a cabeça: — Como assim? Então vocês querem deixar um tijolo de heroína que vale seiscentos mil dólares no fundo do canal?

Snow ergueu a cabeça. No meio das barras enegrecidas da ponte, podiam-se entrever as fachadas calcinadas dos prédios. Mil janelas sebatas olhavam para o rio morto. Foi uma pena o mensageiro ter sido obrigado a deitar tudo ao Humboldt Kill, ou seja, à Cloaca Máxima, assim chamada por se parecer com o sistema central de esgotos da Roma Antiga. Chamavam-lhe Cloaca por causa da acumulação centenária de fezes, desperdícios tóxicos, animais mortos e diclorobenzenos. Um ramal do metro esforçava-se lá no alto, entre mil estremecimentos e guinchos. Por baixo dos seus pés, a embarcação vibrava e a superfície viscosa da água espessa parecia igualmente tremelicar, como um pudim de gelatina.

— Tudo bem, malta — ouviu o brigadeiro dizer. — Vamos lá molhar-nos!

Snow afadigou-se a apertar o fato. Sabia que era um mergulhador de primeira qualidade. Crescera em Portsmouth, vivera praticamente ao lado do rio Piscataqua, e já tinha salvado umas quantas vidas humanas. Anos mais tarde, no Mar de Cortez, caçara tubarões e mergulhara a mais de sessenta metros de profundidade. Apesar de tanta experiência anterior, este mergulho não lhe inspirava grande confiança.

Embora Snow nunca tivesse explorado esta zona, o grupo estava sempre a referir-se a ela. De todos os lugares infectos para se mergulhar na cidade de Nova Iorque, a Cloaca era o pior de todos: pior ainda do que o Arthur Kill, Hell Gate, ou mesmo o Canal de Gowanus. Certo dia, disseram-lhe que este fora em tempos um afluente importante do rio Hudson, que atravessava Manhattan de um lado ao outro, a sul de Sugar Hill, em Harlem. Mas séculos de desperdícios, construções desordenadas e consequente abandono tinham-no transformado numa fita estagnada e imóvel de porcaria: como se fosse um caixote de lixo líquido onde se pudesse despear tudo o que coubesse na imaginação.

Snow esperou pela sua vez para retirar as garrafas de oxigénio do depósito de aço inoxidável e em seguida aproximou-se da popa enquanto as prendia aos ombros. Ainda não estava habituado a este tipo de fato de mergulho, pesado e constritor de movimentos. Pelo canto do olho, viu o brigadeiro a aproximar-se:

— Tudo pronto? — disse a voz calma de barítono.

— Acho que sim, chefe — respondeu Snow. — E as lanternas para a cabeça?

O brigadeiro ficou a olhar para ele.

— Estes prédios cortam toda a luz do dia. Vamos precisar de lanternas se quisermos ver um palmo à frente do nariz. Correcto?

O brigadeiro esboçou um sorriso: — Não ia fazer diferença nenhuma. A Cloaca tem seis metros de profundidade. Por baixo disso, existem cerca de três a quatro metros de lodo em suspensão. Logo que as tuas barbatanas tocarem nele, este vai explodir como uma bomba de pó. Não vais conseguir ver nada para lá da máscara. E por baixo do lodo ainda há dez metros de lama. O tijolo vai estar enterrado algures, no meio dessa lama. Lá em baixo terás de usar as mãos para ver.

Olhou para Snow como se quisesse avaliá-lo e hesitou durante alguns instantes: — Escuta, — prosseguiu em voz baixa, — isto não vai ser como aqueles mergulhos de treino que fizeste no Hudson. Só vieste connosco porque o Cooney e o Schultz ainda estão no hospital.

Snow concordou. Ambos os mergulhadores tinham apanhado uma “blastos” — blastomicose, uma infecção fúngica que atacava os órgãos internos — enquanto procuravam por um corpo cravejado de balas no interior de uma limusina no fundo do rio North. Apesar das análises parasitológicas obrigatórias de oito em oito dias, não havia ano em que uma nova doença bizarra não viesse arruinar a saúde dos mergulhadores.

— Não há problema se não quiseres mergulhar desta vez — prosseguiu o brigadeiro. — Podes ficar aqui, no convés, a dar uma ajuda com as cordas de segurança.

Snow olhou na direcção dos outros mergulhadores enquanto estes apertavam os cintos com os pesos, puxavam pelos fechos éclair dos fatos e esticavam as cordas pela borda da embarcação. Recordou-se da primeira regra número um da brigada fluvial: todos mergulham. Fernandez, que estava nesse momento a amarrar uma das cordas ao cunho, observava-o com um ar entendido.

— Eu também vou, chefe! — disse Snow.

O brigadeiro continuou a olhá-lo durante um certo tempo:

— Lembra-te do que te ensinaram durante os treinos. Vai com calma. Quando mergulhamos pela primeira vez no meio daquele lodo, temos tendência a sustar a respiração. Não faças isso; esse é o caminho mais rápido para uma embolia. Não enchas o fato com demasiado ar. E por amor de Deus, nunca largues a corda de segurança. No meio do lodo esquecemo-nos onde é que está a superfície. Se perderes a corda, pode ser que o próximo cadáver que encontremos seja o teu. — Em seguida apontou na direcção da última corda. — Chegou a tua vez.

Snow ficou à espera, esforçando-se por controlar a respiração, enquanto enfiava a máscara por cima da cabeça e apertava a corda de segurança. Finalmente, depois de uma derradeira verificação, lançou-se por cima da borda.

Mesmo através do fato apertado e sufocante, a água tinha um aspecto estranho. Ao mesmo tempo viscosa e xaroposa, não lhe corria junto aos ouvidos ou entre os dedos das mãos. Empurrá-la para os lados era já um esforço, como se estivesse a nadar no meio de óleo de um cárter.

Com o punho cerrado em torno da corda, deixou-se mergulhar uns quantos metros abaixo da superfície. A esta profundidade já mal se via o casco da lancha, engolido por um miasma de minúsculas partículas que coalhava o fluido à sua volta. Procurou concentrar-se no que o rodeava, através da luminosidade mortiça e esverdeada. Mesmo junto ao nariz, ainda conseguia ver a mão enluvada agarrada à corda. A uma distância maior, a outra mão esticada, a dedilhar as águas, era já quase invisível. Uma infinidade de minúsculas partículas negras pendia por todo o lado. Abaixo dos pés não se via coisa alguma: apenas escuridão. Sabia que a seis metros de profundidade estava próximo do tecto de um outro mundo: um mundo feito de lama espessa e constritora.

Pela primeira vez na vida, Snow percebeu como dependia da luz do Sol e das águas límpidas para se sentir em segurança. Mesmo a cinquenta metros de profundidade, as águas do mar de Cortez eram transparentes; ali, a luz da lanterna dava-lhe uma sensação de abertura e espaço. E ao pensar nisto, mergulhou mais uns dois metros, com os olhos a esforçarem-se contra a escuridão dos fundos.

De súbito, quase nos limites do perceptível, viu, ou julgou ver, no meio da correnteza, uma névoa sólida, como se fosse uma superfície venosa e ondulante. Tratava-se da camada exterior de lodo. Mergulhou devagarinho, com o estômago a apertar-se de nervosismo. O brigadeiro conta-lhe que os mergulhadores costumavam ver coisas estranhas nestas águas turvas. Às vezes tornava-se difícil diferenciar entre aquilo que era real e um simples produto da imaginação.

Um dos pés aflorou aquela estranha superfície — chegou mesmo a atravessá-la — e quase de imediato Snow viu-se envolvido por uma nuvem turbilhante que logo suprimiu toda a visibilidade. Tomado de pânico, num movimento convulsivo, agarrou-se à corda de segurança. Por fim lá conseguiu acalmar-se, lembrou-se do rosto trocista de Fernandez e mergulhou um pouco mais. Cada movimento que fazia despertava uma nova tempestade de líquido negro que se lhe colava à máscara. Descobriu que estava instintivamente a sustentar a respiração, como se quisesse proteger-se deste ataque. Fez então um esforço para respirar de um modo calmo, profundo e regular. *Raios partam isto*, pensou. *Bastou mergulhar uma única vez para a brigada fluvial e estou quase a passar-me*. Parou durante alguns instantes, a controlar o ritmo da respiração.

Por fim lá voltou a descer, agarrado à corda de segurança, uns poucos metros de cada vez, com movimentos comedidos, fazendo um esforço enorme para se descontrair. Com uma certa surpresa, deu-se conta de que já não lhe importava que os olhos estivessem abertos ou cerrados. Não conseguia deixar de pensar no espesso manto de lama que o aguardava lá no fundo. Decerto havia coisas encrostadas no meio dela, como se fossem insectos no âmbar..

De súbito as botas pareceram tocar no fundo. Mas este fundo era bem diferente de qualquer outro fundo marinho que Snow já visitara. Este aqui parecia estar em vias de decomposição; cedia sob o peso do seu corpo como um tipo de resistência elástica quase repugnante, trepava à socapa pelos seus tornozelos, pelos joelhos, e por fim pelo peito, como se estivesse a afundar-se num poço de pegajosas areias movediças. Não tardou que a lama lhe cobrisse a cabeça, e ele cada vez mais fundo, sempre a descer, agora mais devagarinho, encapsulado da cabeça aos pés num visco que não podia ser visto mas apenas sentido, um visco que aderiu ao neoprene do fato de mergulho. Ainda assim conseguia escutar o ruído das bolhas das suas exalações a esforçarem-se por ascender à superfície; porém, estas não subiam com o rápido abandono a que estava habituado, mas sim numa lenta e pastosa flatulência. A lama parecia oferecer-lhe cada vez mais resistência à medida que mergulhava. Quantos mais metros deveria descer no meio desta merda?

Sacudiu a mão livre, tal como lhe tinham ensinado, varrendo-a através da imundice. A mão começou a bater em coisas. No meio daquela escuridão, com as espessas luvas calçadas, era difícil saber que tipo de coisas eram: ramos de árvores, cambotas, terríveis emaranhados de arame, enfim, toda uma colecção de desperdícios capturados neste cemitério de lama.

Resolveu descer mais três metros antes de voltar à superfície. E o câbrão do Fernandez, que se atrevesse a troçar dele, depois disto.

Bruscamente, o braço bateu contra qualquer coisa. Quando puxou por ela, o objecto deslizou na sua direcção com aquele tipo de lenta resistência que implicava um certo peso. Snow enrolou a corda de segurança na cova do braço direito e tocou-lhe. Fosse o que fosse, não era o tijolo de heroína. Deixou-a cair.

A coisa contornou-o, a rodopiar na corrente pastosa provocada pelo movimento das barbatanas, e foi bater-lhe no meio da escuridão, arrancando-lhe a máscara da cabeça e o regulador de oxigénio da boca. Logo que conseguiu restabelecer o equilíbrio, Snow passou a mão sobre o objecto, em busca de um ponto de apoio por onde pudesse afastá-lo para longe.

Era como se tivesse enfiado os dedos num novelo qualquer. Talvez um grosso ramo de uma árvore. Porém, este era inexplicavelmente mole em alguns pontos. Apalpou-o, sentindo as superfícies mais lisas, as excrescências rotundas, as protuberâncias flexíveis. Então, num repente, percebeu que estava a tocar num osso. E não apenas num só osso, mas em vários, ligados uns aos outros por farripas de tendões. Tratava-se dos restos quase esqueléticos de um bicho qualquer, talvez de um cavalo; porém, à medida que ia percorrendo os ossos com as mãos, concluiu que só podia tratar-se de um ser humano.

Um esqueleto humano. Uma vez mais, esforçou-se por controlar a respiração e pôr as ideias em ordem. O bom senso e o treino diziam-lhe que não podia abandoná-lo ali. Tinha de o levar consigo.

Começou a enrolar a corda de segurança em torno da cintura e depois à volta dos ossos mais compridos, tão bem quanto lhe era possível fazê-lo, no meio do espesso lamaçal. Partiu do princípio que ainda haveria suficientes tendões a ligar os ossos para conseguir trazer aquela coisa numa única viagem. Snow nunca antes tinha tentado dar um nó com os dedos enluvados, no meio do lodo, numa escuridão de breu. Isto era algo que o brigadeiro não lhe ensinara durante os treinos.

Afinal não tinha encontrado a heroína. Mas mesmo assim estava cheio de sorte por ter tropeçado em algo tão importante. Quem sabe se não se trataria de um crime ainda por resolver? O sacana do Fernandez ia roer-se de inveja quando visse o corpo.

E, contudo, Snow não se sentia nada satisfeito. Só desejava pôr-se a andar dali para fora o mais depressa possível.

Tinha a respiração curta e acelerada. Já nem sequer fazia um esforço para a controlar. O fato estava frio, mas também não podia dar-se ao luxo de perder tempo a insuflá-lo. A corda deu de si e Snow abraçou-se ao esqueleto no meio do lodo, esforçando-se para não o deixar cair. Ainda não tinha deixado de pensar nos metros de lama que tinha por cima da cabeça, no lodo a remoinhar sobre a lama e por fim na zona de águas viscosas que a luz do Sol nunca chegava a penetrar...

A corda apertou-se um pouco mais e Snow soltou um suspiro mental de agradecimento. Agora só tinha de verificar se ela continuava fixa e dar três puxões à linha para assinalar que tinha encontrado qualquer coisa. E depois poderia subir por ela acima para bem longe deste negro horror, entrar na embarcação e partir rumo à terra firme onde tomaria um duche de noventa minutos logo seguido de uma grande bebedeira, para só então começar a pensar se não deveria pedir para voltar ao antigo emprego. Lembrou-se que a época da pesca submarina começava já daqui a um mês. Verificou a corda e apertou-a mais em torno do cadáver. As mãos elevaram-se um pouco, em busca das costelas, do esterno. Enrolou um pouco mais de corda à volta dos ossos, certificando-se de que os laços estavam bem apertados e que a corda não ia deslizar quando o puxassem na direcção da superfície. Os dedos continuaram a subir até que se deram conta de que a coluna vertebral terminava apenas num pedaço de lama negra.

Quanto à cabeça, nada de nada. Instintivamente, afastou a mão e só então compreendeu, num surto de pânico, que tinha largado a corda de segurança. Começou a sacudir os braços em volta e tornou a bater com eles em qualquer coisa: era o esqueleto. Aliviado, abraçou-se a ele em desespero de causa. Rapidamente, apalpou-o um pouco mais abaixo em busca da corda, com os dedos a percorrerem as ossadas, esforçando-se por se recordar onde raio a tinha amarrado.

A corda já ali não estava. Como é que se tinha soltado? Não, isso era impossível. Tentou sacudi-lo, dar-lhe a volta, sempre em busca da corda, e de súbito sentiu o tubo do ar ensarilhar-se em qualquer coisa. Recuou, de novo desorientado, e sentiu os selos da máscara a perderem adesão ao rosto. Qualquer coisa quente e espessa começou a esgueirar-se para o interior. Tentou soltar-se e sentiu que lhe arrancavam a máscara. Uma torrente de lama cobriu-lhe os olhos, enfiou-se-lhe pelo nariz, sugou-lhe o interior do ouvido esquerdo. No cúmulo do horror, percebeu que estava ensarilhado num macabro abraço com um segundo esqueleto. E só então perdeu completamente o tino, num acesso de pânico cego.

...

No convés da lancha da polícia, o tenente D'Agosta observava, com um interesse desprendido, a ascensão do mergulhador novato à superfície. Era um espectáculo digno de se ver: o desgraçado esperneava, com os berros meio abafados pela lama e torrentes de fluidos cor de ocre a sangrarem do fato de mergulho e a mancharem as águas com a cor do chocolate. Devia ter perdido o contacto com a corda de segurança; de facto tivera muita, mas mesmo muita sorte em ter conseguido encontrar o caminho de regresso. D'Agosta aguardou pacientemente enquanto o mergulhador histérico era trazido a bordo, lhe despiam o fato estanque, o lavavam e acalmavam. Viu o homem a vomitar por cima da borda — não no convés, notou D'Agosta com aprovação. Tinha encontrado um esqueleto. Ou mesmo dois, aparentemente. Claro que não era aquilo que lhe tinham mandado fazer, mas mesmo assim não estava mal, para um primeiro mergulho. Havia de escrever uma recomendação qualquer, em nome do desgraçado. Tudo bem, desde que o puto não tivesse ingerido ou respirado nenhuma daquela merda que ainda se lhe colava à boca e ao nariz. E mesmo que fosse esse o caso, bom, os antibióticos que havia por aí costumavam fazer milagres.

O primeiro esqueleto, quando chegou à superfície no meio das águas agitadas, ainda estava coberto de imundices. Um mergulhador que nadava ao lado arrastou-o até junto do casco da lancha de D'Agosta, embrulhou-o numa rede e subiu ao convés com um certo esforço. A rede, a pingar e a raspar em tudo quanto era sítio, passou por cima da borda e foi poisada sobre uma lona, junto aos pés de D'Agosta, como os restos de uma pescaria macabra.

— Céus, bem podiam ter passado isso por água! — disse D'Agosta com o nariz franzido por causa do cheiro a amónia.

Agora que fora trazido à superfície, o esqueleto passava a fazer parte da sua jurisdição. Quem lhe dera que aquela coisa voltasse à procedência! Era notório que não havia nada no lugar onde era suposto encontrar-se a cabeça.

— Dou-lhe uma mangueirada, chefe? — perguntou o mergulhador estendendo a mão para a bomba hidráulica.

— Lava-te primeiro.

O mergulhador tinha um aspecto ridículo, com um preservativo colado à cabeça e lodo a escorrer-lhe por entre as pernas. Dois outros mergulhadores subiram a bordo e começaram a puxar por uma nova corda, enquanto um terceiro trazia à superfície o segundo esqueleto, sustentando-o com a mão livre. Quando o esqueleto foi parar ao convés, e toda a gente pôde confirmar que também este não tinha cabeça, gerou-se um silêncio pesado. D'Agosta passou os olhos pelo enorme tijolo de heroína que en-

tretanto também tinha sido recuperado e que se encontrava agora devidamente selado num saco de provas. Era como se o tal tijolo tivesse de súbito perdido toda a importância.

Puxou uma baforada do charuto e desviou a vista na direcção da Cloaca. Os olhos acabaram por poisar na ancestral boca do esgoto West Side Lateral. Umhas quantas estalactites pingavam do tecto, como se fossem uma fiada de dentinhos. O West Side Lateral era um dos maiores da cidade, drenando praticamente todos os fluidos do Upper West Side. Cada vez que havia chuvadas em Manhattan, a Central de Tratamento de Esgotos do Lower Hudson atingia a capacidade máxima e descarregava milhares de litros de desperdícios não reciclados no West Side Lateral. Precisamente na Cloaca.

Com um suspiro profundo, deitou os restos do charuto por cima da borda.

— Sinto muito, mas vocês vão ter de se molhar outra vez! Quero essas duas cabeças!

2

Louie Padelsky, médico-legista no Instituto de Medicina-legal de Nova Iorque, deitou uma vista de olhos ao relógio da parede, com a barriga a dar horas. Estava literalmente a morrer à fome. Há três dias que não comia nada, a não ser batidos, e hoje era o dia para se dedicar a um almoço mais substancial. Como, por exemplo, coxas de galinha panadas. Percorreu com a mão a pança, apalpou-a nos devidos lugares, pensando que talvez já tivesse perdido uns quantos quilos aqui e ali. *Ah sim, podem crer!*

Bebeu um golo da quinta dose de café puro e consultou a lista. Ah, finalmente aqui estava qualquer coisa mais interessante. Não apenas outra morte por bala, esfaqueamento ou overdose.

As portas de aço inoxidável na extremidade da sala de autópsias abriram-se com estrondo e Sheila Rocco, a enfermeira, empurrou para o interior um carrinho com um cadáver acastanhado e colocou-o sobre a mesa de observação. Padelsky percorreu-o com os olhos, desviou a cabeça, e voltou a olhar para o corpo. Concluiu que cadáver não seria o termo mais correcto para o classificar. A coisa sobre a mesa pouco mais era do que um esqueleto coberto por farripas de carne. Franziu o nariz.

Rocco posicionou a mesa sob as luzes e começou a ligar o tubo de drenagem.

— Não te rales — disse-lhe Padelsky. A única coisa que precisava de ser drenada era o copo de café. Bebeu mais uma golada e deitou o recipiente para o caixote do lixo. Em seguida examinou a tarjeta do corpo, comparou-a com as anotações da lista e inicializou-a. Por fim, calçou um par de luvas verdes de látex.

— O que foi que me trouxeste desta vez, Sheila? Um homem de Pilt-down?

Rocco franziu o sobrolho e ajustou o foco de luz sobre a mesa de observação.

— Este aqui esteve enterrado pelo menos durante um bom par de séculos. E enfiado na merda, nota-se pelo cheiro. Quem sabe se não será o Rei da Cagulândia!

Rocco mordeu os lábios e ficou à espera que Padelsky acabasse de rir. Quando finalmente ele se calou, entregou-lhe o bloco de notas.

Padelsky examinou o documento, com os lábios a moverem-se enquanto lia as linhas impressas. De súbito endireitou-se: — Arrancado ao Humboldt Kill, — murmurou. — Deus do Céu! — Virou-se para o receptáculo das luvas, considerou se haveria ou não de calçar um novo par e por fim decidiu não o fazer. — Humm... Decapitado, mas ainda falta a cabeça... sem roupas, mas encontraram um cinto de metal à volta da cintura. — Examinou o cadáver e a sacola de identificação presa ao carrinho.

— Ora vamos lá ver isto!

Padelsky pegou na sacola. No interior havia um fino cinto de ouro com um fecho Uffizi, com um topázio incrustado. Sabia que as provas já tinham passado pelo laboratório, mas ainda não lhe era admitido tocar-lhes. Notou que o cinto tinha um número gravado nas costas.

— Um objecto caro... — disse Padelsky apontando com o queixo para o cinto. — Talvez seja uma mulher de Pilt-down. Ou um travesti. — E desmanchou-se de novo a rir.

Rocco franziu o sobrolho: — Talvez devêssemos mostrar um bocadinho mais de respeito pelo falecido, não acha, Dr. Padelsky?

— Claro, claro... — Pendurou o bloco de notas num gancho e ajustou o microfone pendurado sobre o carrinho. — Não te importavas de ligar o gravador, Sheila, minha querida?

Logo que a máquina se activou, a voz dele tornou-se de súbito seca e profissional: — Fala o Dr. Padelsky. Estamos no dia 2 de Agosto, às 12:05 da tarde. Estou a ser assistido pela Sheila Rocco e vamos começar o exame do, — olhou para a etiqueta, — número A-1430. Temos presente um corpo sem cabeça, virtualmente esqueletizado, (ó Sheila, não te importavas de endireitar o corpo?) talvez com um metro e quarenta e cinco de altura. Se contarmos com a cabeça, então terá cerca de um metro e sessenta e cinco,

ou sessenta e oito. Ora vamos lá atribuir um sexo ao esqueleto. A cintura pélvica é um bocadinho alargada. Yep, é ginecóide. Estamos pois na presença de uma mulher. Não se notam quebras nas vértebras lombares, portanto deve ter menos de quarenta anos. É difícil determinar quanto tempo esteve imersa. O cadáver liberta um odor de... esgoto. Os ossos têm uma coloração castanha-alaranjada e parece que estiveram enterrados na lama durante muito tempo. Por outro lado, ainda existe suficiente tecido conjuntivo para manter a integridade do corpo, e alguns fiapos de músculos em torno dos côndilos medianos e laterais do fémur, assim como no sacro e no ísquio. Temos aqui material suficiente para uma análise ao ADN. Tesouras, por favor!

Cortou um pedacinho de tecido e enfiou-o numa saqueta.

— Sheila, importavas-te de pôr os ossos da bacia de perfil? Vamos lá ver... o esqueleto ainda se encontra bastante articulado, à excepção, claro, do crânio ausente. Também parece que falta o eixo cérebro-espinal... restam seis vértebras cervicais... faltam duas das costelas flutuantes e a totalidade do pé esquerdo.

Continuou a descrever o esqueleto. Finalmente afastou-se do microfone.

— Sheila, passa-me a pinça, por favor...

Rocco estendeu-lhe um pequeno instrumento que Padelsky utilizou para separar o úmero do cúbito.

— Análise perióstica! — anunciou.

Escarafunchou no meio das vértebras, removeu umas quantas amostras de tecido conectivo enquanto ia raspando o osso. Por fim, enfiou um par de óculos de plástico descartáveis.

— A serra, por favor.

Rocco entregou-lhe uma pequena serra movida a nitrogénio e o médico ligou-a, ficando a aguardar durante alguns momentos até que o tacómetro atingisse o número correcto de rotações por minuto. Quando a lâmina de diamante tocou no osso, a salinha encheu-se de um zunido agudo, como um mosquito furioso. Com ele veio o súbito cheiro a pó de osso, esgotos, medula apodrecida e morte.

Padelsky cortou pedacinhos em várias zonas, que Rocco selou nas saquetas respectivas.

— Quero que faças tomografias e fotos microscópicas de cada uma destas amostras — disse Padelsky enquanto se afastava do carrinho e desligava o gravador. Rocco escreveu os pedidos na tarjeta dos saquinhos com um enorme marcador preto.

Bateram à porta. Sheila foi abrir, saiu da salinha e depois voltou a enfiar a cabeça pela porta.

— Doutor, eles fizeram uma identificação aproximada do cinto. É capaz de ser a Pamela Wisher.

— Pamela Wisher, a menina da alta sociedade? — exclamou Padelsky enquanto retirava os óculos, recuando um pouco. — Porra!

— E há mais outro esqueleto. Descoberto no mesmo lugar!

Padelsky tinha-se entretanto aproximado de um lavatório metálico, prestes a descalçar as luvas e a lavar-se.

— Outro? — perguntou, irritado. — Então por que raio não o trouxeram juntamente com o primeiro? Devia tê-los examinado lado a lado. — Olhou na direcção do relógio. Já eram uma e um quarto. Que grande chatice! Isto significava que não ia haver almoço para ninguém antes das três da tarde! Estava tonto de fome.

Abriam-se as portas e o segundo esqueleto foi conduzido até à luz crua da lâmpada. Padelsky voltou a ligar o gravador, e foi encher mais um copo de café enquanto a enfermeira preparava o corpo.

— Este também não tem cabeça! — disse Rocco.

— Estás a gozar-me! — replicou Padelsky. Aproximou-se, olhou para o esqueleto e depois deixou-se ficar paralisado de pasmo, com o copo de café junto aos lábios.

— Mas que... — Baixou o copo e continuou a olhar, de boca aberta. Em seguida poisou o recipiente do café, aproximou-se rapidamente do carrinho e debruçou-se sobre o esqueleto, percorrendo uma das costelas com as pontas dos dedos enluvados.

— Dr. Padelsky? — chamou Rocco.

O médico endireitou-se, foi até junto do gravador e desligou-o com um gesto brusco.

— Tapa-o e vai chamar o Dr. Brambell. E não contes nada disto a ninguém! — terminou, apontando com a cabeça na direcção do esqueleto.

Rocco hesitou, meio perplexa, com os olhos a esbugalharem-se.

— Quero dizer agora, Rocco, minha querida!

3

Bruscamente, o telefone tocou, quebrando a calma do pequeno escritório do museu. Margo Green, com a cara apenas a poucos centímetros do terminal do computador, deu um salto na cadeira, com um ar culpado. Uma madeixa de cabelos castanhos deslizou-lhe sobre a fronte.

O telefone voltou a tocar e ela inclinou-se para o atender, mas por fim hesitou. Devia tratar-se de um palerma da secção de informática a ligar-lhe para se queixar da imensa quantidade de espaço de processamento de da-

dos ocupado pelo seu programa de regressão cladística. Recostou-se e ficou à espera que o telefone deixasse de tocar, com os músculos das costas e das pernas agradavelmente doridos pelos esforços da noite anterior. Pegou na bola de massagem que estava sobre a secretária e começou a espreme-la num movimento de rotina tão familiar que já se tinha tornado quase instintivo. Mais cinco minutos e o programa estaria terminado. Quando isso acontecesse, podiam protestar à vontade.

Margo sabia perfeitamente o que implicavam as novas políticas de cortes orçamentais que exigiam que os trabalhos mais complexos fossem sempre submetidos a uma aprovação prévia. Por outras palavras: isso significava uma quantidade enorme de e-mails, antes que ela pudesse iniciar qualquer tipo de programa. Mas a verdade é que precisava já dos resultados.

Na Universidade de Colúmbia, onde tinha leccionado antes de vir trabalhar para o Museu de História Natural de Nova Iorque como curadora, não costumavam haver tantos cortes orçamentais. E quanto mais o museu se metia em problemas financeiros, mais parecia confiar no fogo-de-vista em vez da substância. Margo já tinha notado como as coisas estavam a complicar-se em antecipação da grande exposição do ano, AS PRAGAS DO SÉCULO XXI.

Deitou uma vista de olhos ao ecrã, voltou a poisar a bola de exercício, meteu a mão ao saco e retirou um exemplar do New York Post. O Post, acompanhado por uma taça de café do Kilimanjaro, tinha-se tornado no ritual de todas as manhãs de trabalho. Havia qualquer coisa de refrescante na atitude truculenta do Post, como a daquele puto gordo nos Pickwick Papers. Além disso, sabia que o seu amigo Bill Smithback lhe haveria de dizer das boas se alguma vez viesse a descobrir que lhe tinha escapado um dos seus artigos sobre homicídios.

Espalmou o tablóide sobre os joelhos, sem conseguir conter um sorriso com o que diziam os cabeçalhos. Eram Posteanos puros e duros, com um título a vermelho a encher três quartos da página:

CADÁVER NOS ESGOTOS IDENTIFICADO COMO SENDO A DEBUTANTE DESAPARECIDA

Margo leu o primeiro parágrafo. Notava-se à légua que só poderia ter sido escrito pelo Smith. Este era o segundo artigo a aparecer este mês na primeira página. Graças a ele, Smithback ainda haveria de ficar mais pomposo e insuportável do que o costume, impossível de se aturar.

Passou os olhos em diagonal pelo artigo. O estilo era tipicamente Smithoniano: sensacionalista e macabro, repleto de pormenores sinistros. Logo nos primeiros parágrafos resumia todos os factos bem conhecidos

dos nova-iorquinos. A linda “herdeira” Pamela Wisher, famosa pelos seus devaneios nocturnos pelos clubes da moda, tinha desaparecido há quatro meses da cave de um deles, em Central Park South. Desde então, as autoridades espalharam cartazes com a fotografia do seu “rosto sorridente, dentes rutilantes, inexpressivos olhos azuis e cabelos loiros penteados a preceito”, em tudo o que era rua, desde a Rua 57, à 96. Margo já tinha passado várias vezes pela fotocópia colorida da Wisher enquanto fazia jogging, vinda do seu apartamento na Avenida West End em direcção ao museu.

Finalmente, anunciava o artigo num tom afogueado, os restos mortais encontrados no dia anterior — enterrados nas águas do esgoto de Humboldt Kill, num abraço ósseo com um outro esqueleto — tinham sido identificados como pertencentes a Pamela Wisher. O segundo esqueleto ainda estava por identificar. Uma fotografia adjunta mostrava o namorado da Wisher, o jovem visconde Adair, sentado à entrada do Platypus Lounge, com a cabeça entre as mãos, minutos depois de lhe terem dado conhecimento do triste fim da noiva. A polícia, claro, andava a tomar “medidas rigorosas”. Smithback terminava o artigo com várias citações de transeuntes, do género, “espero-que-fritem-o-cabrão-que-lhe-fez-isto!”.

Margo poisou o jornal, enquanto se recordava da fotografia granulada do rosto de Pamela Wisher a observá-la de um dos numerosos cartazes. A miúda merecia uma sorte melhor do que transformar-se na grande notícia deste Verão.

O som estridente do telefone voltou a interromper-lhe os pensamentos. Olhou para o ecrã do computador, feliz por ver que o programa tinha enfim terminado. *Mais vale atender*, pensou. *Este sermão, vou ter de ouvi-lo mais tarde ou mais cedo.*

— Margo Green — disse, erguendo o auscultador.

— Dra. Green? Até que enfim!

O denso sotaque de Queens era-lhe vagamente familiar, como um sonho meio esquecido. Áspero, autoritário. Margo fez um esforço por se recordar de um rosto associado à voz que lhe chegava do outro lado do telefone.

— ...tudo o que podemos dizer é que encontraram um corpo no local, sob circunstâncias que estamos presentemente a investigar...

Surpreendida, encostou-se na cadeira.

— Tenente D’Agosta?

— Precisamos de si no laboratório de Medicina Forense — disse D’Agosta. — E o mais depressa possível, por favor!

— Posso perguntar...

— Lamento, mas não pode. Seja lá o que estiver a fazer, esqueça isso e venha cá abaixo. — A linha desligou-se com um estalido seco.

Margo afastou o auscultador da cara e olhou para o bocal como se estivesse à espera de mais explicações. Por fim pegou na sacola, meteu lá dentro o exemplar do Post — cobrindo cuidadosamente uma pequena pistola semiautomática —, afastou a cadeira da secretária e abandonou o escritório em passo de corrida.

4

Bill Smithback vagueava, indiferente, junto da imponente fachada do número 9, de Central Park South, um prédio da autoria de McKim, Mead & White, feito de tijolo e pedra calcária esculpida. Dois guardas permaneciam de pé, sob o toldo debruado a ouro, que se estendia até à beira do passeio. Do lugar onde estava, conseguia ver uma enorme quantidade de funcionários vigilantes, no interior do opulento átrio. Como já receava, tratava-se de um daqueles blocos de apartamentos, sobrecarregado de empregados. Isto ia ser difícil. Bem difícil!

Virou a esquina da Sexta Avenida e aí parou durante alguns momentos, a pensar na melhor maneira de proceder. Meteu a mão ao bolso exterior do casaco desportivo e localizou com a ponta dos dedos o botão do gravador de microcassetes. Podia ligá-lo sem que ninguém desse por isso logo que a ocasião se apresentasse favorável. Ficou ali, a admirar a sua imagem perdida no meio de incontáveis sapatos italianos na montra de uma loja próxima: parecia o modelo perfeito de betinho, ou pelo menos tanto quanto lhe permitiam as roupas que trazia vestidas. Inspirou fundo e voltou a cruzar a esquina, dirigindo-se em passadas seguras, na direcção do toldo cor de creme. O mais próximo dos dois porteiros uniformizados observou-o, imperturbável, com uma das mãos enluvadas sobre a enorme maçaneta de cobre da porta de entrada.

— Estou aqui para ver a Sra. Wisher — disse Smithback.

— Nome, por favor? — perguntou o homem num tom monocórdico.

— Sou um amigo da Pamela.

— Lamento — respondeu o porteiro sem se mexer um só milímetro.

— Mas a Sra. Wisher não recebe visitas.

Smithback pensou rapidamente. O porteiro tinha-lhe perguntado pelo nome antes de lhe dizer isto. Isso significava que a Sra. Wisher estava à espera de alguém.

— Se precisa mesmo de saber, o assunto é relativo ao encontro marcado para esta manhã. Receio que tenha havido uma alteração. Podia dar-lhe uma apitadela?

O porteiro hesitou durante alguns instantes e em seguida abriu a porta, conduzindo Smithback através do cintilante pavimento de mármore. O jornalista olhou em volta. O *concierge*, um indivíduo idoso e de aspecto lúgubre, estava de pé, por detrás de uma estrutura de bronze mais parecida com uma fortaleza do que com uma secretária. Lá no fundo do átrio, um segurança estava sentado a uma mesa estilo Luís XVI. O ascensorista estava mesmo ao seu lado, de pernas ligeiramente afastadas e as mãos cruzadas sobre o cinto.

— Este cavalheiro vem visitar a Sra. Wisher! — disse o porteiro ao *concierge*.

O *concierge*, protegido pelo bunker de mármore, mirou o intruso da cabeça aos pés: — Ai sim?

Smithback engoliu em seco. Pelo menos tinha conseguido atravessar o átrio.

— É sobre o encontro combinado. Houve uma alteração.

O *concierge* não disse nada, mas os olhos encovados olharam para os sapatos do jornalista e depois começaram a subir pelo casaco desportivo até se fixarem no corte do cabelo. Smithback aguardou em silêncio que a inspecção terminasse, fazendo figas para que tivesse a aparência de um jovem de boas famílias.

— E quem devo anunciar? — perguntou o *concierge* numa voz roufenha.

— Basta dizer que é um amigo da família.

O *concierge* ficou à espera, imperturbável

— Bill Smithback — acrescentou ele à pressa. Tinha a certeza que a Sra. Wisher não costumava ler o New York Post.

O *concierge* pôs-se a olhar para qualquer coisa que devia estar aberta à sua frente: — O que é que aconteceu com o encontro marcado para as onze?

— Mandaram-me cá vir ter — replicou Smithback, muito contente por ainda serem dez e meia.

O *concierge* virou-lhe as costas e desapareceu no interior de um pequeno escritório. Voltou a aparecer sessenta segundos depois.

— Faça o favor de pegar no telefone que se encontra sobre a mesa ao seu lado.

Smithback levou o auscultador à orelha.

— Como? Então o George cancelou tudo? — perguntou uma vozinha seca e viva, característica dos ricos.

— Sra. Wisher, posso subir e conversar um pouco consigo sobre a Pamela?

Fez-se um silêncio.

— Com quem estou a falar? — disse a voz.

— Bill Smithback.

Seguiu-se outro silêncio, desta vez mais prolongado. Smithback prosseguiu: — Tenho uma informação muito importante a dar-lhe sobre a morte da sua filha. Estou certo que a polícia não lhe contou nada. Tenho a certeza que a senhora gostaria de...

A voz quebrou-lhe o ritmo do discurso: — Sim, pois claro, só podia ser isso!

— Espere! — apressou-se a pedir Smithback.

Outro silêncio.

— Sra. Wisher?

Ouviu-se um estalido. A mulher tinha desligado.

Ora bem, pensou Smithback, *fiz os possíveis*. Talvez fosse melhor ficar lá fora, à espera, sentado num banco do jardim do outro lado da rua, na esperança de que ela saísse de casa ainda hoje. Mas mesmo enquanto considerava esta opção, Smithback percebeu que a Sra. Wisher não ia abandonar tão cedo a sua elegante fortaleza.

Soou um telefone junto ao cotovelo do *concierge*. Era a Sra. Wisher, quase de certeza. Sem qualquer vontade de se confrontar com os seguranças, Smithback virou-se e começou a percorrer o átrio num passo apressado.

— Sr. Smithback! — chamou o *concierge* em voz alta.

Smithback voltou-se. Aqui estava a parte que mais detestava.

O *concierge* olhou-o com um ar inexpressivo, ainda com o telefone colado à orelha: — O ascensor é por ali.

— Ascensor?

O *concierge* apontou com a cabeça: — Décimo oitavo andar.

...

O ascensorista abriu primeiro a grade de latão e em seguida as pesadas portas de carvalho, deixando Smithback directamente num vestíbulo cor de pêssego atravancado de arranjos florais. Uma mesinha lateral transbordava de mensagens de condolências, incluindo uma pilha mais fresca que ainda não tinha sido aberta. Ao fundo da sala silenciosa, havia uma dupla porta de vidro, aberta de par em par. Smithback aproximou-se dela devagarinho.

A porta conduzia a um enorme salão. Sofás estilo Império e chaises-longues encontravam-se dispostos em ângulos simétricos à volta da espessa carpete. Um conjunto de altas janelas rasgava a parede mais afastada. Smithback sabia que, quando abertas, as janelas dariam uma vista espectacular do Central Park. Mas neste momento estavam todas cerradas, com as

persianas corridas, mergulhando numa pesada penumbra todo este espaço decorado com bom gosto.

Deu-se conta de um movimento quase imperceptível, vindo de um dos cantos da sala. Ao voltar-se, Smithback deparou com uma mulher pequenina, de cabelos bem penteados, sentada na ponta de um sofá. Vestia um fato negro muito simples. Sem dizer uma palavra, a mulher mandou-o sentar-se. Smithback seleccionou uma poltrona colocada em frente à Sra. Wisher. Um serviço de chá tinha sido posto sobre uma mesinha baixa, entre os dois, e os olhos do jornalista percorreram um prato com scones, vários tipos de compotas, natas e mel. Como a mulher não fez menção de lhe servir fosse o que fosse, Smithback deduziu que todo este aparato se destinava à tal visita combinada para esta hora. Sentiu-se vagamente incomodado ao pensar que o George — sem dúvida a visita das onze — poderia aparecer ali a qualquer momento.

Smithback aclarou a garganta: — Sra. Wisher, lamento muito, mas mesmo muito, o que aconteceu à sua filha...

À medida que ia dizendo isto, apercebeu-se de que estava a ser sincero. Ao ver este elegante salão, compreendeu que nada desta riqueza significava fosse o que fosse perante uma morte tão trágica. A perda sofrida por esta mulher atingiu-o como um soco.

A Sra. Wisher continuava de olhos fixos nele, com as mãos apoiadas no colo. Podia ser que tivesse acenado ligeiramente com a cabeça, mas era impossível saber ao certo no meio desta penumbra. Ora vamos lá ao que interessa, cogitou o jornalista, enquanto enfiava discretamente a mão no bolso do casaco e carregava devagarinho no botão do gravador.

— Desligue isso! — disse-lhe a Sra. Wisher sem erguer a voz. Esta era aguda, um pouco nervosa, mas possuía um inquestionável tom de comando.

Smithback apressou-se a retirar a mão do bolso.

— Perdão?

— Faça o favor de pôr o gravador cá para fora e colocá-lo aqui, onde eu possa ver que está desligado.

— Sim, sim, com certeza — respondeu Smithback, debatendo-se com o aparelho.

— Será que o senhor não tem o menor sentido de decência? — susurrou a mulher.

Smithback poisou o gravador sobre a mesinha do chá, todo envergonhado.

— O senhor diz que lamenta a morte da minha filha — prosseguiu a voz calma. — E contudo atreveu-se a tentar ligar essa coisa horrível. Depois de eu o ter convidado a entrar na minha casa!

Incomodado, Smithback agitou-se na cadeira, sem conseguir olhar a mulher olhos nos olhos.

— Pois bem, — balbuciou, — lamento deveras, mas... afinal trata-se do meu trabalho. — Mesmo enquanto as dizia, as palavras soavam-lhe a falso.

— É verdade, perdi a minha única filha, e agora já não me resta mais ninguém. Agora diga-me, Sr. Smithback, que valores são mais importantes para si?

O jornalista quedou-se silencioso, esforçando-se por confrontar a mulher. Esta permanecia sentada, a olhá-lo no meio da obscuridade, com as duas mãos ainda poisadas sobre o regaço. Aconteceu-lhe então uma coisa muito estranha, tão oposta à sua natureza que ele mal conseguiu reconhecer a emoção. Estava a sentir-se embaraçado. Não, não era bem isso: o termo correcto era envergonhado. Se tivesse combatido por esta reportagem, se tivesse sido ele a descobrir tudo, talvez as coisas fossem diferentes. Mas ter sido conduzido até aqui, para presenciar a dor desta mulher... De súbito, todo o entusiasmo de conseguir uma grande reportagem dissipou-se perante esta nova sensação.

A Sra. Wisher ergueu uma das mãos e, num movimento muito breve, indicou qualquer coisa que se encontrava sobre o canapé ao seu lado.

— Parto do princípio que o senhor é o Smithback que escreve para esse jornal!

Smithback acompanhou-lhe o gesto e notou, muito atrapalhado, que a Sra. Wisher estava a apontar para um exemplar do Post.

— Sou.

De novo a mulher uniu as mãos.

— Só queria ter a certeza. Agora conte-me lá que informações são essas, tão importantes, sobre a morte da minha filha? Não, o melhor é não dizer nada. Não deve ter passado de uma desculpa para vir falar comigo!

Fez-se um novo silêncio. Neste momento, aquilo que Smithback mais desejava era que a verdadeira visita das onze chegasse o mais depressa possível. Qualquer coisa que lhe permitisse sair dali e pusesse um ponto final na conversa.

— Como é que o senhor é capaz? — perguntou ela.

— Como?

— Capaz de inventar estes disparates? Como se não bastasse a minha filha ter sido brutalmente assassinada. São pessoas como o senhor que conspurcam a sua memória!

Smithback engoliu em seco.

— Sra. Wisher, eu só...

— Ao ler estas porcarias, — prosseguiu ela, — qualquer um seria capaz de pensar que a Pamela não passava de uma menina da sociedade egoísta que andava mesmo a pedi-las. O senhor faz com que os leitores fiquem contentes por ela ter morrido. Portanto, a minha pergunta é muito simples: como é capaz?

— Sra. Wisher, as pessoas nesta cidade só percebem que qualquer coisa aconteceu quando levam com ela na cara — começou por dizer Smithback. Mas calou-se logo. Isto não era uma desculpa que a Sra. Wisher fosse capaz de aceitar.

A mulher inclinou-se em frente, muito devagarinho.

— O senhor não sabe absolutamente nada sobre ela, Sr. Smithback! Só viu o que havia à superfície. É só isso que lhe interessa.

— Isso não é verdade! — explodiu Smithback, surpreendido pelo tom da sua voz. — Ou seja, interesse-me por muito mais. Quero conhecer a verdadeira Pamela Wisher!

A mulher olhou-o durante um longo momento. Em seguida levantou-se, abandonou o salão, para voltar pouco depois com uma fotografia emoldurada. Passou-a para as mãos de Smithback. O retrato mostrava uma menina com cerca de seis anos de idade a balançar-se numa corda amarrada ao ramo de um enorme carvalho. A menina, vestida com um bibe, olhava de boca escancarada na direcção da câmara, sem os dois dentes da frente e com as tranças a esvoaçar.

— Esta é a Pamela que eu sempre recordarei, Sr. Smithback! — comentou a Sra. Wisher com uma voz neutra. — Se estiver realmente interessado nela, então publique esta foto. Não aquelas que tem arquivadas no seu pasquim e que a fazem parecer-se com uma debutante desmiolada. — Voltou a sentar-se e alisou o vestido sobre os joelhos. — Estava a começar a sorrir de novo, depois da morte do pai há seis meses. E só queria divertir-se um pouco antes de começar a trabalhar este Outono. O que é que isso tem de mal?

— Trabalho? Como assim? — perguntou Smithback.

Fez-se um pequeno silêncio. Apesar da escuridão funérea, o jornalista percebeu que a Sra. Wisher tinha os olhos pregados nele. — Isso mesmo. A minha filha ia começar a trabalhar numa instituição de apoio aos doentes de SIDA. Mas o senhor já devia ter conhecimento disso, se é que investigou o caso.

Smithback voltou a engolir em seco.

— Esta é a verdadeira Pamela — insistiu a mulher com a voz a quebrar-se. — Boa, generosa, cheia de vida. Quero que o senhor escreva sobre ela.

— Vou fazer o meu melhor... — balbuciou Smithback.

Depois o momento de fraqueza passou e a Sra. Wisher voltou a mos-

trar-se composta e distante. Inclinou a cabeça, fez um gesto breve com a mão, e Smithback percebeu que o tinham libertado. Murmurou uns quantos agradecimentos, recuperou o gravador e dirigiu-se para o ascensor o mais rapidamente possível.

— Só mais uma coisa! — disse a Sra. Wisher com uma súbita dureza na voz. Smithback imobilizou-se junto às portas do salão. — Não me conseguiram dizer quando morreu, porque é que morreu, ou mesmo como morreu. Mas uma coisa lhe prometo: a morte dela não terá sido em vão.

A intensidade expressa na voz da mulher era tal que Smithback se voltou para a confrontar.

— Você disse ainda há pouco que nesta cidade as pessoas não querem saber seja do que for, a não ser que levem com isso nas caras. É precisamente isso que eu conto fazer...

— Como?

Mas a Sra. Wisher encolheu-se no sofá com o rosto mergulhado nas sombras profundas. Completamente esgotado, Smithback atravessou o vestíbulo e chamou o ascensor. Foi só quando se descobriu no meio da rua, a piscar os olhos sob a intensa luminosidade do sol de verão, que voltou a olhar para o retrato da pequena Pamela Wisher que ainda trazia agarrado na mão direita. Começava a dar-se conta de quão terrível era aquela mulher.

5

A porta de metal situada ao fundo do corredor cinzento estava marcada com a discreta indicação ANTROPOLOGIA MÉDICO-LEGAL. Do outro lado havia um laboratório ultramoderno do museu, destinado a examinar despojos humanos. Margo rodou a maçaneta e, para sua surpresa, descobriu que a porta se encontrava trancada. O que era estranho. Já tinha vindo aqui um número incontável de vezes, para assistir aos exames de tudo o que era possível imaginar-se, desde múmias peruanas aos restos de trogloditas Anasazi, e a porta nunca estivera fechada à chave. Levantou a mão para bater. Mas esta estava já a abrir-se, destrancada do interior e o punho fechado apenas raspou o ar.

Margo entrou mas imobilizou-se logo de seguida. O laboratório, habitualmente bem iluminado e cheio de estudantes estagiários e respectivos assistentes, parecia agora soturno e estranho. Os enormes microscópios electrónicos, máquinas de raios-X, visores, e aparelhos de electroforese estavam alinhados contra as paredes, silenciosos. A janela que habitualmen-

te mostrava uma vista panorâmica do Central Park encontrava-se coberta com um espesso cortinado. Um único lago de luz brilhante iluminava o centro da sala; na periferia, um semicírculo de figuras permanecia de pé, no meio das sombras.

No centro do foco de luz encontrava-se uma enorme mesa de dissecações. Qualquer coisa castanha e nodosa jazia sobre ela, ao lado de uma cobertura de plástico azul que cobria um outro objecto, comprido e achataado. Curiosa, Margo examinou-os e percebeu que um deles era um esqueleto humano decorado com fragmentos desidratados de tecido tendinoso. O corpo libertava um ténue mas inquestionável odor a putrefacção.

A porta da sala fechou-se e alguém a trancou por dentro. O tenente Vincent D'Agosta, vestido com aquilo que parecia ser o mesmo fato que ela se lembrava dos tempos dos crimes da Besta do Museu, ocorridos há dezoito meses, reuniu-se ao grupo, e cumprimentou-a com um aceno de cabeça quando se cruzou com ela. Devia ter perdido uns quilos desde que o vira pela última vez. Margo notou que o fato dele era precisamente da mesma cor acastanhada do esqueleto.

À medida que os seus olhos se ajustavam à pouca luz da sala, Margo foi examinando as figuras ali presentes. À esquerda de D'Agosta, um homem de aspecto nervoso, vestido com uma bata de laboratório, segurava uma caneca de café na mãozinha roliça. Logo a seguir reconheceu a forma alta e esguia de Olívia Merriam, a nova directora do museu. Havia ainda uma quarta figura, num plano mais recuado, envolta em sombras. Dessa, Margo pouco mais podia ver do que um vago perfil.

A directora lançou na direcção de Margo um pálido sorriso:

— Muito obrigada por ter comparecido, Dra. Green. Estes cavalheiros — apontou vagamente na direcção de D'Agosta — pediram a nossa ajuda.

Fez-se um silêncio. Finalmente D'Agosta suspirou, irritado:

— Não podemos esperar mais. Ele vive lá para as bandas de Mendham e não me pareceu ter ficado muito contente quando lhe telefonei ontem à noite, a pedir que viesse aqui ter connosco. — Olhou para os presentes, cada um por sua vez. — Leu o artigo do Post esta manhã, correcto?

A directora devolveu-lhe o olhar e respondeu com um certo desprezo na voz: — Não.

— Então permita-me que faça um pequeno resumo. — D'Agosta apontou para o esqueleto sobre a mesa de aço inoxidável. — Apresento-vos a Pamela Wisher. Filha de Anette e do já falecido Horace Wisher. Já devem ter visto o retrato dela espalhado por toda a cidade. Desapareceu por volta das três da madrugada no dia 23 de Maio. Passou a derradeira noite no Whine Cellar, um desses clubes situados nas caves dos prédios de Central Park South. Saiu para telefonar e nunca mais voltou. Pelo menos até ontem,

quando encontrámos o esqueleto dela, aparte o crânio, no fundo do Humboldt Kill. Aparentemente deve ter sido arrastado pelas águas das chuvas, do interior de um dos canais de escoamento do West Side.

Margo voltou a examinar os restos mortais dispostos sobre a mesa. Já estava farta de ver esqueletos, mas até ali nenhum deles pertencia a alguém seu conhecido, ou mesmo uma pessoa de que tivesse ouvido falar, nem que fosse pelo nome. Custava-lhe a crer que este conjunto gorduroso de ossos era a bonita mulher loira referida no artigo que lera ainda há pouco mais de quinze minutos.

— E juntamente com os restos mortais de Pamela Wisher, também encontrámos isto! — D'Agosta apontou com o queixo na direcção da coisa que jazia sob a cobertura de plástico azul. — Por enquanto, a imprensa só sabe que se descobriu um segundo esqueleto. Graças a Deus! — Virou a cabeça na direcção da figura que permanecia oculta nas sombras. — Vou deixar que o Dr. Simon Brambell, o nosso médico-legista, explique tudo.

No instante em que a figura se aproximou do restante grupo, Margo deparou-se com um homem elegante com cerca de sessenta e cinco anos. A pele esticava-se, sem rugas, sobre uma cabeça velha e matreira e a luz ambiente reflectiu-se num par de olhinhos esbugalhados escondidos por detrás de um par de óculos com aros de casca de tartaruga. O rosto esguio era tão desprovido de expressão quanto a cabeça de cabelo.

Levou um dedo ao lábio superior:

— Se não se importam, aproximem-se um pouco mais, — disse com um vago sotaque de Dublin, — para verem melhor as coisas...

Ouviu-se uma rastolhada relutante. O Dr. Brambell agarrou na ponta da cobertura azul, fez uma pequena pausa para olhar de novo em volta, e em seguida arrancou-a com um gesto seco.

Por baixo dela Margo descobriu os restos mortais de um outro corpo sem cabeça, tão castanho e apodrecido quanto o anterior. Porém, à medida que os seus olhos examinavam o corpo, apercebeu-se de qualquer coisa estranha. Susteve a respiração quando se deu conta do que se tratava: a bizarra espessura dos ossos das pernas, as estranhas curvaturas da maior parte das articulações, nada disto batia certo.

Mas que raio, pensou ela.

De súbito ouviu-se uma batida na porta.

— Céus! — exclamou D'Agosta. — Até que enfim!

A porta da sala abriu-se para revelar a presença de Whitney Cadwaller Frock, o famoso biólogo evolucionista, e agora relutante convidado do tenente D'Agosta. A cadeira de rodas gemeu enquanto se aproximava da mesa de dissecações. Sem um único sinal na direcção dos presentes, Frock começou a examinar os dois cadáveres, até que os seus olhos se fixaram

no segundo esqueleto. Após alguns momentos recostou-se na cadeira, com uma madeixa de cabelos brancos a descair-lhe sobre a enorme testa rosada. Só então cumprimentou o tenente D'Agosta e a directora do museu. Por fim, com uma expressão de surpresa no rosto que logo se transformou num sorriso aberto, deu-se conta da presença de Margo.

Margo também sorriu e cumprimentou-o com um aceno de cabeça. Embora Frock tivesse sido o seu principal orientador durante os tempos dos estudos para a tese no museu, nunca mais o vira desde o dia da festa da reforma. Frock tinha-se retirado para se dedicar à escrita, embora ainda não houvesse a menor indicação do prometido segundo volume do seu trabalho mais famoso, *A Evolução Fractal*.

O médico-legista, que mal se dignara a registar a entrada de Frock, prosseguiu na sua exposição:

— Convidei-vos, — continuou num tom prazenteiro, — para examinarem o perióstio dos ossos mais longos, assim como as espículas e osteófitos ao nível da diáfise e das epífises. Reparem na rotação para o exterior, a vinte graus, dos trocânteres. As costelas têm um aspecto trapezoidal em vez de prismático. E para terminar, gostaria que notassem a espessura exagerada dos fémures. No conjunto, este desgraçado tem mesmo mau aspecto. Claro que estas deformações são apenas algumas entre outras tantas. Deixo essas novas descobertas ao vosso critério.

D'Agosta soltou uma fungadela: — Não duvido!

— Naturalmente, — interveio Frock, — ainda não tive oportunidade para fazer um exame mais minucioso. Mas pergunto-me se já considerou a possibilidade de uma HIGS.

Desta feita, o médico-legista olhou para Frock com um pouco mais de atenção.

— Ora aí está uma hipótese bem interessante, mas falsa. O Dr. Frock está a referir-se a uma hiperosteose idiopática generalizada do esqueleto, ou seja, uma forma de artrite crónica degenerativa. E também não se trata de um caso de osteomalacia, embora se não estivéssemos no século XX, eu seria capaz de afirmar que estávamos perante o mais grave caso de escorbuto jamais estudado. Consultámos todas as bases de dados e não conseguimos encontrar nada que conseguisse explicar esta condição.

Brambell percorreu suavemente os dedos, quase com afecto, sobre a coluna vertebral.

— Há uma outra anomalia partilhada pelos dois esqueletos, que só descobrimos ontem à noite. Dr. Padel'sky, importava-se de trazer o este-reozoom?

O homem corpulento, de bata branca, desapareceu nas trevas para logo voltar empurrando à sua frente um imponente microscópio. Colocou

o aparelho junto aos ossos do pescoço do esqueleto deformado, espreitou pela ocular, fez uns quantos ajustes e por fim recuou.

— Dr. Frock? — indicou Brambell com a palma da mão.

Frock aproximou a cadeira de rodas e, com um certo esforço, ajustou a cara ao visor. Ficou assim, imóvel, durante vários minutos, inclinado sobre o cadáver esqueletizado. Por fim afastou-se sem dizer uma só palavra.

— Dra. Green? — disse o médico-legista virando-se para ela. Margo chegou-se junto ao microscópio e espreitou, consciente de se encontrar no foco de todas as atenções.

À primeira vista não conseguiu interpretar a imagem. Finalmente compreendeu que o estereozoom estava focado naquilo que parecia ser uma vértebra cervical. Reparou numa série de marcas regulares mas pouco profundas, junto às bordas. Uma matéria estranha, acastanhada, colava-se ao osso, juntamente com pedaços de cartilagem, fiapos de músculos e um inchaço gorduroso de adipocera.

Margo endireitou-se devagarinho, assolada por um medo já seu conhecido, recusando-se a aceitar o que lhe recordavam aquelas marcas.

O médico-legista ergueu os sobrolhos: — Qual é a sua opinião, Dra. Green?

Margo inspirou fundo: — Parecem-me dentadas.

O olhar dela cruzou-se com o de Frock.

Sabia — aliás, sabiam os dois — exactamente porque é que Frock tinha sido convocado.

Brambell aguardou enquanto os outros espreitavam cada um de sua vez através do microscópio. Por fim, sem proferir uma palavra, apontou o estereozoom na direcção do esqueleto de Pamela Wisher, e focou as lentes sobre a zona pélvica. Frock posicionou-se junto do aparelho logo seguido por Margo. Desta feita não havia a menor dúvida: Margo notou que algumas das marcas tinham perfurado o osso e penetrado até à medula.

Frock piscou os olhos sob a luz branca e crua: — O tenente D'Agosta contou-me que estes esqueletos vieram do esgoto de West Side Lateral.

— Correcto — disse D'Agosta.

— Arrastados pelas águas desta última tempestade.

— É essa a teoria.

— Pode ter acontecido que uma matilha de cães selvagens tenha roído os cadáveres enquanto estes jaziam no interior do sistema de esgotos.

— Essa é uma das possibilidades — disse Brambell. — Porém, na minha humilde opinião, suponho que a força necessária para fazer uma dessas marcas mais profundas anda próxima dos seiscentos quilos por centímetro cúbico. É um bocadinho elevada para as mandíbulas de um cão, não acha?

— Mas não para, digamos, um pitbull?

— Ou para o cão dos Baskervilles, hã, Professor?

Frock não achou graça nenhuma ao sarcasmo: — Ainda não estou convencido de que essas marcas sejam tão poderosas quanto o senhor afirma!

— E que tal um crocodilo? — disse D'Agosta.

Viraram-se todos para ele.

— Um crocodilo — repetiu D'Agosta na defensiva. — Vocês sabem. Vão pela sanita abaixo quando são pequeninos e depois crescem no meio dos esgotos até ficarem gigantes. — Olhou em volta. — Li isso em qualquer lado.

Brambell soltou um risinho tão seco quanto um grão de poeira: — Os crocodilos, como todos os répteis, possuem dentes em forma de cone. Estas marcas têm o aspecto triangular característico dos mamíferos, provavelmente da família dos canídeos.

— Canídeos, mas sem serem cães? — perguntou Frock. — Não nos devemos esquecer do princípio da navalha de Occam. A explicação mais simples costuma ser a mais correcta.

Brambell inclinou a cabeça na direcção de Frock: — Sei que na sua profissão, caro doutor, os senhores gostam muito de mencionar a navalha de Occam. Mas na minha, preferimos a filosofia Holmesiana: “Quando eliminarmos o impossível, tudo o que restar, por muito improvável que seja, será a verdade”.

— Então o que acha que resta, Dr. Brambell? — respingou Frock.

— Por enquanto ainda não tenho nenhuma explicação viável.

Frock recostou-se na cadeira de rodas: — Este segundo esqueleto é muito interessante. Talvez tenha valido a pena a viagem desde Mendham. Mas o senhor esqueceu-se que eu já estou reformado.

Margo observou-o, surpreendida. Habitualmente o professor haveria de ficar fascinado por um enigma como este. Perguntou a si mesma se Frock também estaria a recordar-se do que tinha acontecido há dezoito meses. Se era esse o caso, então estava a resistir. Esta não era daquelas lembranças que gostaríamos de levar connosco para uma reforma tranquila.

— Dr. Frock, — disse Olívia Merriam, — estávamos a contar que quisesse ajudar-nos na análise do esqueleto. Devido às circunstâncias pouco habituais deste caso, o museu acedeu colocar o laboratório à disposição da polícia. Teremos todo o gosto em fornecer-lhe um escritório no quinto andar, com uma secretária pelo tempo que achar necessário.

Frock ergueu os sobrolhos.

— Decerto que a Morgue da cidade possui os equipamentos mais actualizados. Sem querer mencionar os brilhantes talentos de médico-legista do Dr. Brambell aqui presente.

— Tem toda a razão quanto aos meus brilhantes talentos, Dr. Frock, — replicou Brambell, — mas quanto à disponibilidade desses tais equipamentos, lamento muito mas aí errou pela medida grande. Os cortes orçamentais destes últimos anos deixaram-nos ficar um bocadinho para trás. Além disso, a Morgue é um lugar demasiado público para este tipo de exames. Neste preciso momento estamos infestados de jornalistas e equipas da TV. — Fez uma pausa. — E, claro está, nenhum de nós tem a sua experiência...

— Muito agradecido — disse Frock, apontando para o segundo esqueleto. — Mas expliquem-me qual é a dificuldade em identificar alguém que em vida se parecia, hã, com o Elo Perdido?

— Acredite que tentámos — disse D'Agosta. — Durante estas últimas vinte e quatro horas, verificámos todos os zés-ninguém dados como desaparecidos nos arredores. E nada de resultados. Tanto quanto podemos afirmar, nunca houve notícia de um monstro como este, quanto mais um que se deu ao luxo de se perder nos esgotos de Nova Iorque e aparecer depois todo mastigado.

Frock pareceu não ouvir a resposta à sua pergunta. A cabeça descaiu-lhe devagarinho sobre o peito e deixou-se ficar assim, imóvel, durante alguns minutos. À excepção dos grunhidos de impaciência do Dr. Brambell, o laboratório estava mergulhado no silêncio. Por fim, Frock ergueu a cabeça, suspirou e acenou com um ar cansado de resignação.

— Ora muito bem. Posso dar-vos uma semana. Tenho outros assuntos a tratar. Parto do princípio que a Dra. Green vai assistir-me na investigação?

Demasiado tarde, Margo deu-se conta de que ainda nem sequer tinha pensado na razão de ter sido convocada para este encontro secreto. Mas agora estava tudo claro. Sabia que Frock confiava nela totalmente. Juntos, tinham resolvido o mistério dos crimes da Besta do Museu. *Devem ter percebido*, pensou ela, *que Frock só ia querer trabalhar comigo e com mais ninguém.*

— Um momento! — exclamou. — Não posso fazer isso!

Os olhos dos presentes viraram-se todos na sua direcção e Margo concluiu que tinha falado mais alto do que queria. Por fim, acrescentou, numa voz trémula:

— O que eu queria dizer é que de momento não tenho tempo disponível.

Frock olhou-a, compreensivo. Mais do que qualquer um dos presentes, percebia que esta tarefa ia despertar memórias desagradáveis.

O rosto da directora Merriam ensombrou-se: — Vou falar disso ao Dr. Hawthorne. Tenho a certeza que ele vai dar-lhe todo o tempo necessário para poder colaborar com a polícia.

Margo abriu a boca para protestar, e depois achou melhor ficar calada. O seu contrato com o museu era demasiado recente para se dar ao luxo de recusar esta proposta.

— Então estamos combinados — disse Brambell com um pequeno sorriso a quebrar-lhe a imobilidade do rosto. — Trabalhamos juntos. Mas antes de nos dispersarmos, peço-vos o máximo de discrição. Já é mau terem saído notícias sobre a descoberta do corpo decapitado da Pamela Wisher. Se alguém chegar a saber que a nossa debutante foi mastigada depois de morta... ou talvez mesmo antes... — A voz arrastou-se e Brambell passou a mão sobre a cabeça calva.

Frock ergueu a cabeça num gesto brusco: — As marcas das dentadas não são post mortem?

— Essa, Dr. Frock, é a questão que mais nos preocupa. Ou pelo menos uma delas. O presidente da Câmara e o chefe da polícia aguardam impacientemente pelos resultados.

Frock não disse nada, mas todos perceberam que a reunião tinha terminado. O grupo voltou-se na direcção da porta, quase todos ansiosos por se afastarem dos sinistros objectos acastanhados que jaziam sobre a mesa das dissecações.

Quando Margo passou pela directora do museu, esta disse-lhe: — Se precisar da minha ajuda, é só dizer...

O Dr. Brambell mirou Frock e Margo uma vez mais e em seguida acompanhou a directora para fora da sala.

O tenente D'Agosta foi o último a sair. Junto à porta parou por uns instantes: — Se precisarem de falar com alguém, preferia que falassem comigo. — Em seguida abriu a boca, como se quisesse acrescentar mais alguma coisa, mas calou-se a tempo, acenou com a cabeça, e virou-lhes brusca-mente as costas. A porta fechou-se atrás dele e Margo ficou sozinha: ou seja, com Frock, Pamela Wisher, e o estranho esqueleto deformado.

Frock endireitou-se na cadeira de rodas: — Margo, importava-se de trancar a porta? E já agora, acenda o resto das luzes. — Empurrou a cadeira na direcção da mesa. — Acho que era melhor desinfecar-se e calçar umas luvas.

Margo olhou para os dois esqueletos e em seguida virou-se para o seu velho professor.

— Dr. Frock? O senhor não acha que isto possa ser obra do...

O professor virou-se na sua direcção com uma estranha expressão no rosto rubicundo. Ficaram a olhar um para o outro até que este sacudiu a cabeça.

— Nem pensar! — murmurou num tom raivoso. — Pelo menos até termos a certeza!

Margo susteve o seu olhar durante um momento, depois anuiu e dirigiu-se até à fileira de interruptores. Aquilo que nunca chegara a ser dito era muito mais perturbador do que aqueles tristes cadáveres sebosos.

6

Smithback enfiou-se na exígua cabina telefónica situada num dos cantos mais recônditos do fumarento bar *Cat's Paw*. Enquanto equilibrava a bebida numa das mãos, e se esforçava por ver as teclas à luz quase inexistente, disse o número do escritório, perguntando a si mesmo quantas mensagens estariam à sua espera.

Smithback nem sequer colocava em dúvida que se encontrava entre os melhores jornalistas de Nova Iorque. Provavelmente era mesmo o melhor! Há um ano e meio dera a conhecer ao mundo a história da Besta do Museu. E isto sem ser de uma forma parva e ausente: tinha estado no local, com D'Agosta e todos os outros, a debater-se no meio das trevas naquela noite de Abril. Graças ao sucesso do livro que logo se seguiu, foi-lhe oferecido um lugar como correspondente criminal do *Post*. E já não era sem tempo, agora que o caso da *Wisher* tinha vindo à luz. Grandes reportagens como esta eram mais raras do que se podia imaginar e havia sempre outros — como aquela nódoa do Bryce Harriman, repórter criminal do *Times* — a querer passar-lhe à frente. Mas se fizesse tudo como devia ser, esta história podia ser tão importante como fora a do *Mbwun*. Ou talvez ainda mais.

Um grande jornalista, pensou, enquanto escutava o telefone a tocar, adapta-se a todas as opções que lhe oferecerem. Considerem a história da *Wisher*. A mãe dela tinha-o apanhado de surpresa. Era de facto uma mulher impressionante. Smithback sentiu-se embaraçado e muito comovido. Empolado por estas emoções pouco familiares, elaborou um novo artigo para a edição da manhã, onde tratou a Pamela *Wisher* como se fosse o Anjo de Central Park South, descrevendo a sua morte em cores trágicas. Mas o verdadeiro golpe de génio foi a recompensa de cem mil dólares pela informação que conduziu à descoberta do assassino. Esta ideia ocorreu-lhe enquanto escrevia o artigo; depois pegou em tudo isto, o artigo semiescrito mais a ideia da recompensa, e foi ter ao escritório do novo redactor-chefe do *Post*, Arnold Murray. O homem adorou a proposta, autorizou-a logo ali, sem mesmo se dar ao incómodo de confirmar com o director.

Ginny, a secretária, atendeu o telefone toda excitada. Contou-lhe que já tinha recebido vinte telefonemas sobre a recompensa, todos eles da treta.

— E é tudo? — perguntou Smithback, desanimado.

— Bom, para dizer a verdade, apareceu aqui um tipo mesmo esquisito que queria falar contigo — apressou-se a acrescentar a secretária. Era uma rapariga pequenina e magricela que habitava na zona de Ronkonkoma e que sofria de uma paixoneta por Smithback.

— Ai sim?

— Estava vestido de andrajos e fedia. Ai meu Deus, ao pé dele até me custava a respirar. E pareceu-me completamente pedrado.

Isto é capaz de ser uma informação importante, pensou Smithback mais animado.

— E o que queria ele?

— Disse que sabia coisas sobre a morte da Wisher. Pediu para se encontrar contigo nos sanitários da Penn Station...

Smithback quase deixou cair o copo da bebida.

— Os sanitários? Estás a gozar comigo!

— Foi o que ele disse. Achas que é um perverso? — A voz da Ginny tinha um inquestionável tom de gozo.

— Qual dos sanitários?

Do outro lado da linha ouviu-se o restolhar de papelada.

— Assentei isso em qualquer lado. Na extremidade norte, no piso inferior, mesmo ao lado das escadas rolantes da linha nº 12. Hoje mesmo, às oito da noite.

— Exactamente, que informação tinha ele para me dar?

— Não me disse mais nada.

— Obrigado. — Smithback desligou e consultou o relógio: sete e quarenta e cinco. Os sanitários da Penn Station? *Eu teria de ser doido varrido ou completamente desesperado para seguir uma pista como esta!*

...

Smithback nunca tinha posto os pés nos sanitários da Penn Station. Assim como nenhum dos seus conhecimentos. No momento em que abriu a porta que dava para uma imensa sala aquecida, envolta num cheiro sufocante a urina e diarreia requentada, pensou que, de facto, preferia mijar nas calças a ter de usar qualquer um dos urinóis da Penn Station.

Estava cinco minutos atrasado. *Provavelmente o tipo já se pôs a andar*, pensou Smithback com alívio. *Partindo do princípio que ele alguma vez aqui esteve!* Estava quase a ir-se embora quando ouviu uma voz roufenha a chamar por ele.

— William Smithback?

— Como? — Smithback olhou em volta examinando os sanitários

desertos. Por fim deparou com duas pernas a surgirem por baixo do cubículo mais afastado. A porta abriu-se. Do interior emergiu um homenzinho escanzelado que começou a aproximar-se, meio trôpego. Tinha o rosto esguio e sebento, as roupas negras de tanta porcaria acumulada, e o cabelo acapachado em nós capazes de meter medo a qualquer um. Uma barba de cor indescritível dividia-se em duas partes mesmo sobre o umbigo posto à mostra devido a um enorme rasgão na camisa.

— William Smithback? — repetiu o homem, espreitando-o através de um par de olhos meio foscos.

— Quem mais poderia ser?

Sem dizer mais nada, o homem virou-lhe as costas e dirigiu-se até ao fundo da fileira de sanitários. Parou junto à porta escancarada do último cubículo, voltou-se e ficou à espera.

— Você tem alguma informação para me dar? — perguntou Smithback.

— Venha comigo! — O homem indicou o cubículo com o braço.

— Era o que mais faltava! Se tem qualquer coisa para me dizer, podemos conversar aqui mesmo, mas aí é que eu não entro!

O homem repetiu o gesto: — Este é o único meio de lá chegar!

— Chegar onde?

— Em baixo.

Cauteloso, Smithback aproximou-se do cubículo. O homem já tinha entrado e estava agora de pé, por detrás da sanita, a arrancar da parede um enorme pedaço de metal pintado que cobria um buraco irregular na suja parede de tijoleira.

— Aí dentro? — perguntou Smithback.

O homem acenou que sim.

— Onde é que isso vai dar?

— Em baixo — repetiu o homem.

— Fica para a próxima — disse Smithback já a recuar.

O homem trespassou-o com o olhar.

— É suposto eu conduzi-lo até junto do Mefisto. Ele quer falar consigo sobre o assassinato daquela rapariga. Sabe coisas muito importantes.

— Esqueça!

O homem continuou a olhá-lo: — Pode confiar em mim — explicou num tom simples.

Sem que soubesse porquê, mesmo apesar da porcaria e dos olhos drogados, Smithback descobriu-se a acreditar no que o homem lhe dizia.

— Que tipo de coisas?

— Terá de falar com o Mefisto.

— E quem é esse Mefisto?

— É o nosso chefe. — O homem encolheu os ombros como se não fosse necessária mais nenhuma informação.

— “Nosso”?

— Pois, a comunidade da “Estrada 666”.

Apesar do incômodo, Smithback começou a sentir uma pontinha de curiosidade. Uma comunidade organizada a viver nos subterrâneos? Só isto ia dar para um belo artigo. E se esse tal Mefisto realmente soubesse qualquer coisa sobre o caso da Wisher...

— Onde é que precisamente se encontra essa tal comunidade da “Estrada 666”?

— Não posso dizer-lhe. Mas posso mostrar-lhe o caminho.

— E como é que você se chama? — perguntou Smithback.

— Chamam-me o Artilheiro — respondeu o homem com uma pequena centelha de orgulho a brilhar-lhe nos olhos.

— Escute o que lhe vou dizer... gostaria muito de acompanhá-lo, mas nem pense que me vou enfiar nesse buraco. Podia ser emboscado, assaltado, qualquer coisa dessas, sei lá...

O homem sacudiu a cabeça com veemência.

— Eu protejo-o. Toda a gente sabe que eu sou o oficial às ordens do Mefisto. Comigo, vai estar em segurança!

Smithback mirou o homem da cabeça aos pés: viu um par de olhos remelosos, o nariz ranhoso, uma barba suja de feiticeiro. Ora aqui estava um tipo que se tinha dado ao trabalho de ir a pé até aos escritórios do Post. Uma carga de trabalhos para um desgraçado que parecia ao mesmo tempo falido e sem casa onde dormir.

Foi então que se lembrou do rosto convencido de Bryce Harriman. Imaginou o editor de Bryce, no Times, a perguntar-lhe uma vez mais como era possível que o artigo tivesse chegado às mãos de Smithback em primeiro lugar.

E gostou da ideia.

O homem a quem chamavam Artilheiro afastou para o lado o enorme pedaço de tela enquanto Smithback se enfiava no buraco aos tropeções. Logo que os dois passaram para o outro lado, o vagabundo voltou a meter cuidadosamente a placa no seu devido lugar, encostando-a à parede com a ajuda de uns quantos tijolos soltos.

Ao olhar em volta, Smithback descobriu-se no início de um túnel longo e estreito. Conduitas de água e de vapor corriam-lhe por cima da cabeça como veias grossas e cinzentas. O tecto era baixo, mas não tão baixo que um homem como Smithback não pudesse manter-se de pé. Uma luz crepuscular filtrava-se através das grelhas de ventilação, espaçadas a intervalos de uma centena de metros.

À luz desta claridade soturna, o jornalista começou a acompanhar a triste figura do seu companheiro. De vez em quando o troar de um comboio próximo enchia de som este espaço confinado; Smithback podia sentir o estrondo a vibrar-lhe mais nos ossos do que nas orelhas.

Começaram a caminhar na direcção do norte, ao longo deste túnel aparentemente interminável. Após dez ou quinze minutos, Smithback começou a ficar um bocadinho preocupado.

— Desculpe lá — disse. — Mas temos de andar tanto assim?

— Mefisto gosta de manter secretos os acessos à nossa comunidade.

Smithback acenou e esforçou-se por contornar o cadáver inchado de um cão morto. Não era de espantar que os habitantes destes túneis fossem um bocadinho paranóicos, mas a situação estava a ficar um tanto ou quanto ridícula. Já tinham caminhado o suficiente para se encontrarem sob o Central Park.

Quase de seguida, o túnel começou a curvar para a direita. Smithback apercebeu-se de uma série de portas de aço incrustadas na espessa parede de cimento. Lá no tecto, uma das condutas deixava pingar água através das juntas. Um painel anexo avisava o seguinte: PERIGO. CONTÉM FIBRA DE ASBETOS. EVITE PROVOCAR QUEDA DE POEIRAS. AMEAÇA DE CANCRO E DOENÇAS PULMONARES.

O vagabundo parou, remexeu no meio dos andrajos, retirou do bolso uma chave e enfiou-a na fechadura da porta mais próxima.

— Quem é que lhe deu isso? — perguntou Smithback.

— Temos gente muito habilidosa na nossa comunidade — explicou o homem, abrindo a porta e empurrando o jornalista para o interior.

Quando esta se fechou nas costas de Smithback, a escuridão da noite aproximou-se em passo de corrida. Ao compreender como tinha confiado até ali na frágil luz filtrada através das grelhas de ventilação, sentiu-se tomado por uma onda de pânico.

— Não tem uma lanterna? — perguntou a gaguejar.

Após o som de umas quantas raspadelas, acendeu-se um fósforo. Através desta claridade trémula, Smithback viu uma série de degraus de cimento que conduziam mais para baixo, tanto quanto a luz do fósforo conseguia penetrar.

O Artilheiro sacudiu o pulso e o fósforo apagou-se.

— Satisfeito? — perguntou-lhe a voz abafada e monocórdica.

— Nem por isso — apressou-se a responder Smithback. — Acenda outro.

— Quando for necessário.

Smithback lá foi descendo a escada aos apalhões, com as mãos estendidas, para se equilibrar, apoiadas nas paredes frias e escorregadias.

Desceram durante aquilo que lhe pareceu ser uma eternidade. De súbito, acendeu-se um novo fósforo. Percebeu então que os degraus terminavam num enorme túnel de metropolitano, com os carris prateados a brilharem sob a luz alaranjada.

— E agora, onde é que estamos?

— Ramal 100 — respondeu o homem. — Dois níveis mais abaixo.

— Já chegámos?

A luz do fósforo bruxuleou e apagou-se e uma vez mais ficaram envolvidos nas trevas.

— Siga-me — disse a voz. — Quando eu disser para parar, você pára. Imediatamente, entendeu?

Aventuraram-se no meio dos carris. Smithback descobriu que estava uma vez mais a combater um acesso de pânico sempre que tropeçava num dos carris de ferro.

— Alto! — exclamou a voz. Smithback imobilizou-se enquanto se acendia um novo fósforo. — Está a ver? — O Artilheiro apontou para uma barra de metal brilhante com uma linha de um amarelo-vivo pintada junto dela. — Este é o terceiro carril. Está electrificado. Cuidado, não lhe ponha o pé em cima.

O fósforo apagou-se. Smithback ouviu o homem a dar alguns passos em frente, no meio da escuridão húmida e abafada.

— Acenda outro! — gritou-lhe.

A luz brotou de um novo fósforo. Smithback passou com todo o cuidado por cima do terceiro carril.

— Há mais como este?

— Sim — respondeu o homenzinho. — Eu já lhe mostro.

— Ai Jesus — murmurou Smithback quando o fósforo se apagou. — O que é que acontece se pisarmos um deles?

— A carga eléctrica explode por todo o corpo e rebenta-lhe com os braços, pernas e cabeça — explicou a voz desencarnada. Seguiu-se uma pausa. — Se fosse a si, nunca lhe ponha o pé em cima.

Novo fósforo aceso, desta vez a iluminar mais um carril pintado de amarelo. Smithback cruzou-o com todo o cuidado e viu que o Artilheiro estava a apontar para um pequeno buraco na parede oposta, com cerca de setenta centímetros de altura e um metro e vinte de largura, traçado na parte inferior de uma velha abóbada que tinha sido coberta com blocos de cimento.

— Vamos descer por ali — disse o Artilheiro.

Smithback podia sentir uma corrente de ar quente a soprar do buraco, eivada de um tal fedor que quase lhe fez vir um vómito à garganta. Mesclado com este cheirete, pareceu-lhe detectar um leve traço a lenha ardida.

— Ainda mais para o fundo? — perguntou, incrédulo, desviando a cara. — O meu amigo quer que eu me enfie ali de barriga para baixo?

Mas o seu companheiro já estava a esgueirar-se para o interior.

— Nem pense! — gritou-lhe Smithback, agachado junto ao buraco. — Olhe, fique sabendo que não me vou meter aí! Se esse tal Mefisto quiser falar comigo, então que venha ele até aqui!

Fez-se um silêncio e depois a voz do Artilheiro ecoou através das sombras, vinda do outro lado da parede de cimento.

— O Mefisto nunca sobe mais alto do que o nível 3.

— Então desta vez vai ter de abrir uma excepção!

Smithback esforçava-se por aparentar uma confiança que não sentia. Percebeu que se tinha metido numa situação impossível, que tinha de confiar totalmente neste homem bizarro e alucinado. Fazia de novo uma escuridão de breu e não havia maneira de poder encontrar sozinho o caminho de volta.

Fez-se um longo silêncio.

— Ainda aí está? — perguntou Smithback.

— Deixe-se ficar aí! — exigiu de súbito a voz.

— Vai-se embora? Ao menos deixe-me os fósforos! — implorou Smithback. Logo de seguida soltou uma exclamação de surpresa quando lhe bateram no joelho. Era a mão sebenta do Artilheiro a entregar-lhe qualquer coisa através do buraco.

— Só? — resmungou Smithback quando descobriu, às apalpadelas, que só restavam três fósforos na caixa.

— É tudo o que eu posso dispensar — disse-lhe a voz, cada vez mais distante. E acrescentou mais qualquer coisa, mas Smithback não conseguiu perceber nada.

Caiu o silêncio. O jornalista encostou-se contra a parede, receoso de se sentar, com uma das mãos agarrada à caixa dos fósforos. Amaldiçoou-se por ter sido tão parvo ao ponto de seguir o mendigo até este lugar. Nenhuma reportagem vale isto, pensou. Seria possível voltar atrás apenas com três fósforos? Cerrou os olhos e concentrou-se, tentando recordar-se de todas as voltas e reviravoltas que o tinham trazido até ali. Finalmente acabou por desistir: os três fósforos mal deveriam bastar para o conduzirem até ao outro lado dos carris electricificados.

Quando os joelhos começaram a protestar, abandonou a posição agachada. Fincou os olhos arregalados na escuridão do túnel, com os ouvidos sempre à escuta. As trevas eram tão profundas que começou a imaginar coisas a passearem-se no meio da escuridão: movimentos, formas. Deixou-se ficar muito quietinho, a esforçar-se por controlar a respiração, enquanto decorria um tempo infinito. Que loucura esta! Se ao menos...

— Ó escrevinhador! — soou uma voz incorpórea vinda do buraco junto aos seus pés.

Smithback deu um saltou e soltou um gritinho agudo: — Hã?

— Estou a falar com William Smithback, escrevinhador, sim ou so-pas? — A voz semicantarolante que emergia das profundidades junto aos seus pés era baixa e seca.

— Sim, sim, sou o Smithback. Bill Smithback. E o senhor, quem é? — perguntou em voz alta, incomodado por estar a conversar com uma entidade invisível.

— Sou o Mefisssto — disse a voz a carregar nos esses, num sopro sinistro.

— Porque é que demorou tanto tempo? — replicou Smithback todo nervoso, uma vez mais agachado na direcção do buraco na parede de tijolo.

— A subida foi longa!

Smithback ficou calado durante um minuto, a pensar quanto tempo precisaria este homem — que devia estar de pé, alguns metros mais abaixo — para ascender todos esses níveis.

— Não quer passar para este lado? — perguntou-lhe.

— Não. E tu devias sentir-te honrado, ó escrevinhador! Desde há cinco anos que eu não subia tão alto.

— E porque não? — perguntou Smithback, às apalpadelas nos bolsos, em busca do microgravador.

— Porque este é o meu domínio. Sou o Senhor de tudo quanto vês!

— Mas eu não vejo peva!

Uma risada seca brotou do buraco.

— Errado! Estás a ver a escuridão. E a escuridão é o meu domínio. Acima da tua cabeça estrondeiam as locomotivas e os habitantes da superfície correm de um lado para o outro em demandas inúteis. Mas os territórios sob o Central Park... a Estrada 666, a pista de Ho Chi Min, a Casamata, tudo isto me pertence.

Smithback reflectiu durante alguns momentos. O nome irónico dado à Estrada 666 até fazia sentido. Mas os outros confundiam-no.

— A pista de Ho Chi Min... que vem a ser isso?

— Uma comunidade... como as outras — sibilo a voz. — Agora reuniu-se à minha, para protecção. Em tempos que já lá vão, conhecíamos o trilho de uma ponta à outra. Muitos dos que aqui habitam participaram nessa cínica luta contra uma nação inocente e primitiva. E por causa disso foram ostracizados. Presentemente vivemos as nossas vidas aqui em baixo, neste exílio que a nós próprios impusemos, a respirar, a procriar, a morrer. O nosso maior desejo é que nos deixem em paz.

Smithback dedilhou uma vez mais nos botões do microgravador, fazendo figas para que tudo tivesse ficado registado. Já tinha ouvido falar de vagabundos que se tinham retirado para os túneis do metropolitano em busca de abrigo, mas o que dizer de uma população inteira?

— Então os vossos cidadãos são pessoas sem domicílio fixo?

Fez-se uma pausa. Em seguida, a voz prosseguiu:

— Não gosto dessa designação, escrevinhador. Nós temos um domicílio, e se tu não fosses tão tímido, podias visitá-lo. Temos tudo o que necessitamos. As canalizações fornecem-nos água para os cozinhados e respectiva higiene, e os cabos dão-nos a electricidade. As poucas coisas vindas da superfície de que necessitamos são-nos fornecidas pelos nossos estafetas. Na Casamata temos mesmo uma enfermeira e uma professora primária. Por outro lado, existem alguns espaços subterrâneos, como o entreposto ferroviário do West Side, que são tão selvagens quanto perigosos. Mas aqui onde estamos, vivemos com dignidade.

— Uma professora primária? Quer dizer que há crianças aqui em baixo?

— O meu amigo é um ingénuo. Muita gente vive aqui precisamente porque têm crianças. Não se esqueça que a malvada máquina do Estado está sempre a tentar levá-las e entregá-las à segurança social. Optaram pelo meu mundo de calor e escuridão em vez desse teu mundo de desespero, ó escrevinhador!

— Porque é que está sempre a chamar-me isso?

O risinho seco soou de novo vindo do interior do buraco:

— Mas não é isso que fazes? William Smithback, o escrevinhador?

— Sim, mas...

— Para um jornalista, estás muito mal informado. Olha, vê se lês a Dunciad do Pope antes de conversarmos outra vez!

Smithback começava a aperceber-se que havia mais nesta pessoa do que ele tinha pensado à partida.

— A sério, quem é você? Quero dizer, qual é o seu verdadeiro nome?

Fez-se um novo silêncio.

— Deixei isso para trás, há muito tempo, juntamente com o resto da minha vida — sibilo a voz. — Agora chamo-me Mefisto. Nunca mais me voltes a perguntar isso a mim, ou seja a quem for!

Smithback engoliu em seco: — As minhas desculpas!

Mefisto parecia estar a ficar aborrecido. O tom de voz tornou-se mais cortante, a rasgar a escuridão:

— Trouxemos-te aqui por uma razão.

— O assassinato da Wisher? — perguntou Smithback, esperançado.

A voz desfez-se numa risada desprovida de alegria:

— Nos teus artigos disseste que ela foi encontrada sem cabeça, juntamente com outro cadáver. Vim até aqui para te informar que o facto de terem perdido a cabeça é de somenos importância.

— Como assim? — perguntou Smithback. — O senhor sabe quem é que os matou?

— São os mesmos que andam a atacar a minha gente — sibilou Mefisto. — Os Engelhados!

— Os quem? Não estou a perceber nada...

— Então cala-me essa matraca e escuta o que eu te digo, escrevinhador! Já afirmei que a minha comunidade é um porto seguro. E sempre foi assim, pelo menos até há um ano. Agora estamos sempre a ser atacados. Aqueles que se aventuram para lá das áreas protegidas, ou desaparecem ou são assassinados. Assassinados dos modos mais horríveis que se podem conceber. A minha gente está em pânico. Os meus estafetas tentaram vezes sem conta levar este assunto à polícia. Ai, a polícia! — Ouviu-se uma cuspidela furiosa e em seguida a voz tornou-se mais aguda. — Não passam de cães de guarda de uma sociedade moralmente falida... Na opinião deles, somos lixo que só serve para ser espancado e deitado fora. As nossas vidas não valem nada. Entretanto, quantos de nós não morreram já ou desapareceram? Puto Gordo, Hector, Annie a Preta, Primeiro-sargento, entre muitos outros. Mas quando arrancam a cabecinha a uma dessas ricas, a cidade inteira passa-se dos carros!

Smithback humedeceu os lábios. Estava a perguntar a si mesmo que tipo de informações teria Mefisto para lhe dar.

— O que vem a ser isso de “estarem a ser atacados”?

Fez-se um silêncio. Por fim ouviu-se a resposta sussurrada:

— Os ataques vêm do exterior...

— Do exterior? — perguntou Smithback, a olhar, ansioso para a escuridão. — O que quer dizer com isso? Do exterior significa que vêm de um outro lugar que não este? Da superfície?

— Não. Aqui em baixo. Para lá da Estrada 666. Para lá da Casamata. Existe um outro lugar. Um lugar à parte. Há doze meses ouviram-se rumores, rumores que diziam que esse lugar estava a ser ocupado. Em seguida começaram as mortes. A minha gente começou a desaparecer. De início enviámos grupos à procura deles. A maior parte das vítimas nunca foram encontradas. Mas aquelas que o foram, tinham-lhes comido as carnes e arrancado as cabeças...

— Alto lá! Comeram-lhes as carnes? Quer dizer que existe um grupo de canibais que mata pessoas e lhes rouba as cabeças? — *Este Mefisto devia ser completamente doido!* Uma vez mais, Smithback perguntou-se como haveria de regressar à superfície.

— Não estou a achar gracinha nenhuma ao tom de dúvida da tua voz, ó escrevinhador! — replicou Mefisto. — Foi exactamente isso que eu quis dizer! Ó Artilheiro!

— Sim? — disse uma voz junto à orelha de Smithback. O jornalista deu um salto e soltou um gemido de susto e surpresa.

— De onde é que ele veio? — perguntou Smithback com um soluço.

— Existem muitos caminhos que atravessam o meu Reino — explicou a voz de Mefisto. — E ao viver aqui, nesta encantadora escuridão, os nossos olhos tornam-se mais argutos.

Smithback engoliu em seco: — Olhe. Não é que eu não acredite no senhor, mas...

— Caluda! — avisou Mefisto. — Já falámos tempo de mais. Artilheiro, leva-o até à superfície!

— Mas, e a recompensa? — perguntou Smithback, surpreendido. — Não foi por causa dela que me chamou até aqui?

— És burro, ou quê? — soprou a voz. — Não quero o teu dinheiro para nada! Não vai salvar as pessoas de que eu gosto. Regressa ao teu mundo, escreve o teu artigo. Conta tudo o que ouviste às pessoas da superfície! Diz-lhes que quem quer que matou a Pamela Wisher também anda a matar a minha gente. E que estas mortes têm de parar! — A voz parecia estar a afastar-se, a ecoar através da escuridão dos corredores que se estendiam sob os pés de Smithback. — Doutro modo, — acrescentou a voz com uma intensidade feroz, — haveremos de encontrar outras maneiras de nos fazermos ouvir!

— Mas eu preciso...

O Artilheiro agarrou-lhe o cotovelo: — O Mefisto já se foi embora! Agora vou conduzi-lo até lá acima!

7

O tenente D'Agosta, sentado no seu pequenino gabinete de paredes envidraçadas, tateou no bolso do casaco em busca do charuto, enquanto passava uma vista de olhos pelos relatórios dos mergulhos em Humboldt Kill. Em vez de ter fechado um caso, tinha agora dois entre as mãos, abertos de par em par. Como de costume, ninguém sabia coisa nenhuma, ninguém tinha visto o que quer que fosse. O noivo da rapariga estava desfeito pelo desgosto e não servia de nada como testemunha ocular. O pai já não era vivo há muito tempo. A mãe era pouco comunicativa e distante como uma

dessas deusas nórdicas. Franziu o sobrolho: toda esta treta relacionada com a Pamela Wisner não podia ser mais explosiva.

Os olhos percorreram a pilha de relatórios que se elevava até ao dístico PROIBIDO FUMAR colado do outro lado da porta. Fez uma careta. Estes avisos tinham florescido por toda a esquadra desde há uma semana.

Puxou o charuto para fora do bolso e retirou-lhe o invólucro de plástico. De qualquer modo não havia lei que o proibisse de mascar aquela coisa. Fê-lo rodar devagarinho, com todo o amor, entre o indicador e o polegar, enquanto examinava atentamente o invólucro com um olhar crítico. Finalmente, enfiou o charuto na boca.

Deixou-se ficar assim, durante alguns momentos, sem se mexer. Por fim rogou uma praga, abriu de rompante a gaveta superior da secretária e vasculhou no interior até encontrar um fósforo de cozinha, que acendeu raspando-o contra a sola do sapato. Aplicou a chama à extremidade do charuto e recostou-se na cadeira com um suspiro de alívio, enquanto escutava o crepitar do tabaco a ser aspirado pela boca e drenado pelo nariz.

A campainha do telefone interno soou, insistente.

— Sim? — respondeu D'Agosta. Não podiam estar já a reclamar. Ainda agora tinha acabado de acendê-lo.

— Tenente? — disse a voz da secretária departamental. — Está aqui a sargento Hayward que deseja falar consigo.

D'Agosta resmungou e endireitou-se na cadeira.

— Quem?

— A sargento Hayward. Diz que a convocou.

— Não convoquei nada...

Uma mulher em uniforme apareceu à soleira da porta. Quase por reflexo, D'Agosta examinou-lhe as feições: era pequena, magrinha, com peitos generosos, cabelos negros de azeviche a contrastar com a palidez da pele.

— Tenente D'Agosta? — perguntou ela.

D'Agosta nem podia acreditar que uma voz de contralto tão profunda pudesse ser produzida por um corpinho tão delicado.

— Sente-se, por favor — disse-lhe e ficou a ver a sargento a acomodar-se numa das cadeiras, como se fosse hábito um subordinado apresentar-se de improviso no escritório do seu superior, sempre que lhe desse na veneta...

— Não me recordo de a ter convocado... — disse D'Agosta ao fim de algum tempo.

— E não convocou. Mas sabia que queria ver-me, de uma maneira ou de outra.

D'Agosta recostou-se, puxando uma baforada do charuto. Ia deixá-la dizer o que lhe apetecesse e depois chutá-la dali para fora. D'Agosta não

costumava ser picuinhas em termos processuais, mas contactar assim um superior hierárquico, sem mais nem menos, ultrapassava todas as medidas. Perguntou-se se um dos seus homens não a teria apalrado, nas profundezas da sala dos ficheiros. Não lhe faltava mais nada, ter entre mãos mais um processo de assédio sexual.

— Quanto aos cadáveres que o senhor encontrou na Cloaca... — começou Hayward.

— Que têm eles? — respingou D'Agosta, de súbito desconfiado. As medidas de segurança não deveriam ter deixado transpirar nada sobre este assunto.

— Antes da reorganização dos serviços, servi na Polícia de Trânsito. — Hayward acenou com a cabeça como se este gesto explicasse tudo. — Ainda faço a patrulha do West Side, corro com os sem-abrigo da Penn Station, Hell's Kitchen, dos ramais rodoviários, das zonas sob...

— Um momento! — interrompeu-a D'Agosta. — Você? Um cão de fila?

Percebeu logo que não deveria ter utilizado aquela expressão. Hayward estremeceu na cadeira com as sobranceiras a contraírem-se enquanto escutava o tom desconfiado da voz de D'Agosta. À volta dos dois gerou-se um silêncio incómodo.

— Não apreciamos esse termo, tenente! — disse ela por fim.

D'Agosta decidiu que já tinha chatices suficientes e que não tinha paciência nenhuma para aturar esta visitante indesejada.

— No meu gabinete digo o que me apetecer! — retorquiu com um encolher de ombros.

Hayward encarou-o durante alguns instantes e naqueles olhos castanhos D'Agosta viu a consideração que ela tinha por ele começar a decrescer.

— Tudo bem — disse a sargento. — Que seja como o senhor quiser... — Inspirou fundo. — Quando ouvi falar desses seus esqueletos, lembrei-me de uma coisa. Lembrei-me de um certo número de homicídios recentes entre as toupeiras...

— Toupeiras?

— A gente que vive nos túneis... — disse Hayward com um olhar tão condescendente que D'Agosta ficou logo irritado. — Os sem-abrigo dos subterrâneos... De qualquer modo li um artigo sobre este assunto no Post. O que falava do Mefisto.

D'Agosta fez uma careta. Lá estava o Bill Smithback a dar a volta à cabeça das pessoas, a tornar uma situação, já de si desagradável, em algo ainda pior. Em tempos tinham sido amigos, se assim se poderia dizer, mas agora que Smithback se transformara num jornalista de homicídios, já ninguém o podia aturar. E D'Agosta sabia perfeitamente que nunca poderia

passar-lhe para as mãos a mínima dica sobre as coisas que ele andava constantemente a exigir-lhe.

— A esperança de vida de um sem-abrigo é muito curta — prosseguiu Hayward. — É ainda pior no caso das toupeiras. Mas esse jornalista estava cheio de razão. Ultimamente, algumas das mortes têm sido horríveis. Faltam cabeças, os corpos aparecem esventrados. Achei que seria melhor vir contar-lhe isto. — Hayward ajeitou-se na cadeira e fitou D'Agosta com um belo par de olhos castanhos. — Se calhar era melhor ter ficado calada.

D'Agosta fez por ignorar este último comentário.

— E de quantos homicídios recentes estamos nós a falar? Dois? Três?

Hayward fez uma pausa.

— Meia dúzia... — disse ela por fim.

D'Agosta olhou-a com o charuto a meio caminho da boca: — Meia dúzia?

— Foi isso que eu disse. Antes de vir aqui ter consigo, consultei os ficheiros. E verifiquei que houve sete homicídios entre as toupeiras nos últimos quatro meses que se enquadravam neste MO.

D'Agosta baixou o charuto.

— Olhe, sargento, vamos lá a pôr os pontos nos is. Ao que parece, temos entre mãos uma espécie de Jack o Estripador dos subterrâneos sem que ninguém se tenha dado conta disso?

— Olhe, isto não passa de um palpite meu, entendido? — respondeu Hayward à defesa. — Não me aborreça com isso. Nenhum destes crimes é da minha responsabilidade.

— Então porque é que não seguiu as vias competentes e foi contar tudo ao seu superior hierárquico? Porque é que veio ter comigo?

— Eu dirigi-me ao meu chefe. O comissário Waxie. Conhece-o?

E quem é que não conhecia o Jack Waxie? Era o comissário mais gordo e preguiçoso de toda a cidade de Nova Iorque. Tinha chegado ao lugar onde estava sem fazer nada e sem ofender ninguém. Há um ano, D'Agosta também estava para ser promovido ao posto de comissário, devido às instâncias de um Presidente da Câmara agradecido. Infelizmente o presidente Harper tinha sido substituído aquando das eleições municipais, e o novo presidente instalara-se na Câmara a prometer reduções nos impostos e cortes nos gastos públicos. Nas reestruturações que se seguiram no Comissariado Central, Waxie foi nomeado em vez de D'Agosta. Assim vai o mundo.

Hayward cruzou as pernas.

— Os homicídios entre as toupeiras são muito diferentes daqueles que ocorrem à superfície. Nem sequer conseguimos encontrar a maior parte dos cadáveres. E quando os encontramos, as ratazanas e os cães vadios já

deram com eles muito antes de nós. A maioria deles nem sequer pode ser identificada. Quanto às toupeiras, aí reina a lei do silêncio.

— E o Jack Waxie manda arquivar tudo...

Hayward franziu de novo o sobrolho: — Ele está-se a cagar para esta gente!

D'Agosta deixou-se ficar a observá-la durante um minuto, perguntando a si mesmo por que diabo um chauvinista puro e duro como o Waxie teria aceiteado esta menina polícia entre o seu pessoal. Por fim os seus olhos voltaram a percorrer aquela cinturinha estreita, a pele pálida e os belos olhos castanhos, e percebeu a resposta.

— Tudo bem, sargento! — disse por fim. — Vamos nessa! Sabe onde foram encontrados os corpos?

— De facto, é tudo quanto eu sei!

Entretanto o charuto tinha-se apagado. D'Agosta remexeu no fundo da gaveta em busca de novo fósforo.

— E onde é que os encontraram? — perguntou.

— Aqui e ali. — Hayward retirou do bolso uma folha impressa em computador, desdobrou-a e fê-la deslizar sobre o tampo da secretária.

D'Agosta olhou para ela enquanto reacendia o charuto.

— O primeiro foi encontrado a 30 de Abril, na Rua 58 West, nº 624.

— Na sala da caldeira, no subsolo. A sala está ligada a um velho acesso ao terminal de uma via ferroviária; foi por causa disso que o caso caiu na jurisdição da armada territorial.

D'Agosta acenou com a cabeça e voltou a examinar a folha.

— O outro corpo foi encontrado a 7 de Maio, sob a estação de Metro de Columbus Circle Line. Descobriram o terceiro a 20 de Maio, na linha B4, via 22, poste quilométrico 1,9. Onde raio é que isso é?

— Trata-se de um túnel desactivado para os comboios de mercadorias que faziam a junção com o entreposto ferroviário do West Side. As toupeiras esburacam as paredes para acederem a alguns desses túneis.

D'Agosta escutava tudo de charuto na boca. Há um ano, depois de lhe terem falado da prometida promoção, tinha trocado os Garcia y Vegas pelos Dunhills. E embora essa tal promoção nunca se tivesse materializado, nunca se tinha convencido a voltar à antiga marca de charutos. Voltou a encarar a Hayward que continuava a olhá-lo com uma expressão impassível. A rapariga parecia não ter muito jeito para respeitar os seus superiores. Porém, apesar da pequena estatura, aparentava um ar de autoconfiança e autoridade. Tinha mostrado iniciativa ao vir ter com ele. E uma grande lata, também. Quase lamentou ter começado este encontro com o pé errado.

— O que se passou aqui não está precisamente de acordo com os regulamentos... Mesmo assim agradeço-lhe o incômodo...

Hayward acenou com a cabeça de um modo quase imperceptível, como se estivesse a concordar com o seu cumprimento, mas sem o querer demonstrar de viva voz.

— Não pretendo meter-me na vida do comissário Waxie — prosseguiu D'Agosta. — Mas a verdade é que eu não posso deixar passar o que me disse, no caso de haver uma ligação. Parto do princípio que já percebeu isso. Portanto proponho-lhe o seguinte: esquecer que veio ver-me.

Hayward acenou de novo.

— Vou telefonar ao Waxie, como se fosse eu a ter descoberto estes relatórios, e a seguir vamos dar uma vista de olhos aos locais em causa.

— Olhe que ele não vai gostar. A única vista que ele aprecia é aquela que se vê da janela do seu gabinete...

— Ora, há-de acabar por concordar... Não lhe vai parecer bem que um tenente faça todo o trabalho sem que ele levante o rabo do lugar. Especialmente se este caso for assim tão importante. Um assassino em série dos sem-abrigo... isto pode ser politicamente explosivo. Portanto vamos dar uma voltinha, só nós os três. Não vale a pena incomodar mais ninguém.

Imediatamente Hayward franziu o sobrolho:

— Não sei se isso será muito inteligente — disse ela. — Ó tenente, lembre-se que aqueles lugares são perigosos, lá em baixo. Não é o nosso território; é o deles. E também não é nada do que está a pensar. Não estamos a falar de uma simples mão-cheia de marginais pedrados. Corremos o risco de encontrar extremistas, comunidades inteiras deles, veteranos do Vietname, antigos condenados, ex-utopistas da SDS, tipos em liberdade condicional ou mesmo fugitivos à justiça. E não há nada que eles mais detestem do que chuis. Precisamos pelo menos de uma brigada inteira para nos fazer companhia.

D'Agosta descobriu que estava a ficar irritado com tanta falta de respeito.

— Olhe, Hayward, note que não estamos a falar do desembarque da Normandia. O que vamos fazer não é mais do que uma espreitadela. E mesmo assim, posso meter-me em problemas. Se descobirmos qualquer coisa, então podemos remeter tudo para as vias oficiais...

Hayward não disse nada.

— Hayward? Se eu ouvir qualquer referência a esta nossa alegre reunião, fique sabendo que eu sei de onde é que ela veio!

Hayward levantou-se, alisou as calças azuis-escuras, e apertou o cinto do uniforme.

— Compreendido!

— Espero bem que sim. — D'Agosta ergueu-se, exalando um jacto de fumo na direcção do painel com PROIBIDO FUMAR. Observou Hayward a olhar para o charuto com um ar que tanto podia ser de desprezo como de desaprovação. — Quer um? — perguntou-lhe num tom sarcástico enquanto puxava de um novo charuto do bolso do casaco.

Pela primeira vez, os lábios de Hayward torceram-se naquilo que poderia ser a sombra de um sorriso.

— Não, muito obrigada. Não depois do que aconteceu ao meu tio.

— E o que foi?

— Cancro da boca. Tiveram que lhe cortar os lábios.

D'Agosta deixou-se ficar enquanto Hayward lhe virava as costas e abandonava o gabinete com um passo expedito. Percebeu que ela nem sequer se tinha dado ao trabalho de se despedir. Também notou que, de um momento para o outro, o charuto já não lhe sabia tão bem.

8

Sentou-se imóvel, na escuridão atenta e absoluta.

Apesar de a sala se encontrar desprovida de luz, os olhos percorriam todas as superfícies, atardando-se com amor sobre cada objecto que encontravam. Estas sensações ainda eram uma novidade; podia ficar assim sentado, durante horas, sem esboçar um único movimento, a apreciar a maravilhosa acuidade dos seus sentidos.

Agora, com os olhos fechados, escutava os ruídos distantes da cidade. Devagarinho, vindo dos murmúrios que serviam de pano de fundo, começou a diferenciar os vários temas de conversação, filtrando os mais nítidos e mais próximos, de todos os que se encontravam a várias salas, ou até mesmo andares, de distância. Por fim, até mesmo esses se perderam na névoa da sua concentração. Fixou-se apenas nas ténues restolhadas e guinchos dos ratos enquanto estes prosseguiam nos secretos ciclos de vida no interior das paredes. Por vezes, julgou que conseguia ouvir o som do próprio planeta, a rodar, agitado, varrido pela atmosfera.

Mais tarde — não tinha a certeza quanto tempo teria passado —, a fome voltou de novo. Não era uma fome propriamente dita, mas sim a sensação de que faltava qualquer coisa: uma necessidade profunda e por enquanto ainda subtil, sem localização específica. Até ali nunca tinha permitido que essa necessidade se tornasse dominante.

Ergueu-se num movimento rápido e seguro, e atravessou o laboratório, mesmo em plena escuridão. Abriu um dos bicos de Bunsen alinhados contra a parede do fundo, acendeu-o e colocou uma retorta cheia com água destilada sobre a chama. Enquanto a água aquecia, enfiou a mão num dos bolsos secretos cosidos no interior do casaco e retirou uma pequena cápsula de metal. Desatarraxou a tampa e verteu uma nuvenzinha de pó sobre a superfície da água. Se houvesse luz, o pó teria brilhado com a cor do mais puro jade. À medida que a temperatura ia subindo, uma fina poalha começou a espriar-se para o fundo do recipiente até que toda a retorta se transformou numa tempestade líquida em miniatura.

Desligou a chama e esvaziou o destilado numa taça de pirex. Tinha chegado o momento em que devia agarrar o recipiente entre as mãos, purificar as ideias, executar os movimentos rituais e permitir que a carícia do vapor lhe enchesse as narinas. Mas a verdade é que não conseguia esperar nem mais um segundo; uma vez mais sentiu o céu-da-boca a arder enquanto engolia o conteúdo da taça com uma expressão gulosa. Riu-se, divertido com a sua incapacidade para cumprir os preceitos que tão rispidamente determinara aos outros.

Mesmo antes de voltar a sentar-se, a sensação de vazio já tinha desaparecido, substituída pelo início da imensa viagem: um rubor que começava nas extremidades e que depois se espalhava para o interior, até que todo o corpo parecesse ficar em brasa. Viu-se assolado por uma sensação indescritível de poder e bem-estar. Os sentidos, já de si hiperestimulados, pareceram expandir-se até conseguir ver minúsculos grãos de poeira suspensos na escuridão de breu, até poder escutar toda a ilha de Manhattan a conversar consigo mesma, as banalidades trocadas na sala dos cocktails do Rainbow Room, ao septuagésimo andar do Centro Rockefeller, até aos gemidos famintos da sua prole, acoitada lá muito em baixo, em lugares esquecidos e secretos.

Estavam todos a ficar famintos. Dentro em breve, nem mesmo a Cerimónia seria capaz de os controlar.

Mas quando esse momento chegasse, já nem a cerimónia seria necessária.

A escuridão em volta adquiriu um brilho cegante. Fechou os olhos e ficou a ouvir o pulsar vigoroso do sangue através das portas e corredores do ouvido interno. Haveria de manter as pálpebras cerradas até chegar ao pico — até que aquele brilho estranho e prateado que lhe cobria momentaneamente os olhos desaparecesse de uma vez por todas. Quem lhe chamara vítreo, pensou, divertido, escolhera bem o nome.

Cedo, mesmo muito cedo, desvaneceu-se este florescer luminoso. Mas a sensação de força permaneceu, localizada nas suas articulações e fi-

bras nervosas, como se fosse uma presença constante a recordar-lhe aquilo em que se tinha transformado. Se ao menos os seus antigos colegas o pudessem ver agora. Então compreenderiam tudo.

Quase a contra vontade, levantou-se de novo, embora não lhe apetecesse nada abandonar este lugar que tanto lhe agradava. Mas havia muito a fazer.

A noite prometia ser longa.

9

Margo aproximou-se da porta, notando com desagrado que esta continuava tão suja como sempre. Mesmo num museu famoso pela sua alta tolerância ao pó, a porta que dava para o laboratório de Antropometria — ou Esqueletaria, assim chamado por quem lá trabalhava — era quase inacreditavelmente sebenta. *Ninguém deve ter lavado esta porcaria desde o início do século*, pensou ela. Uma patina de gordura cobria a maçaneta e a área em volta como um verniz brilhante. Margo ainda considerou pegar num lençinho de papel, mas depois encolheu os ombros, agarrou-se à maçaneta com toda a força e rodou-a.

Como de costume, a sala estava mal iluminada e ela foi obrigada a piscar os olhos de modo a conseguir ver as feiras de gavetas metálicas que se erguiam até ao tecto como as estantes de uma imensa biblioteca. Cada uma dessas doze mil gavetas continha, no seu todo ou em parte, os restos de um esqueleto humano. Embora quase todas as ossadas pertencessem aos nativos de África e das Américas, Margo estava principalmente interessada no subconjunto que tinha sido colecionado mais para investigações médicas do que por meros interesses antropológicos. O Dr. Frock sugerira-lhe que, como primeiro passo, ela devia começar pelos despojos de pessoas que sofressem de problemas ósseos agudos. Talvez, alvitrou ele, as vítimas de macrocefalia ou Síndrome de Paget, pudessem dar algumas luzes sobre o bizarro esqueleto que esperava por eles sob o plástico azul no laboratório de Antropologia Forense.

Enquanto deambulava entre as imensas estantes, Margo suspirou. Sabia que o encontro iminente iria ser assaz desagradável. Sy Hagedorn, o administrador do laboratório de Antropometria, era quase tão velho e ressequido quanto os esqueletos à sua guarda. Tal como Curley, que orientava o pessoal de admissão, Emmaline Spragg da Biologia dos Invertebrados, e mais uns quantos outros, Sy Hagedorn era o último sobrevivente da velha

guarda do museu. Apesar da base de dados informatizada, apesar do laboratório de alta tecnologia situado mesmo ao lado da Esqueletaria, ele continuava a recusar-se a utilizar os novos métodos de catalogação característicos do século XX. Quando o seu antiquado colega Greg Kawakita transformou o laboratório em gabinete de trabalho, este teve de suportar todo o cruel desprezo de Hagedorn sempre que abria a tampa do computador portátil. Nas costas dele, Kawakita chamava “Stumpy” ao administrador. Só Margo e uma mão-cheia de estagiários sabiam que o nome não se referia ao diminuto tamanho de Hagedorn, mas ao *Stumpiniceps troglodytes*, uma espécie comum de fungos que povoara os oceanos da Terra durante a era Carbonífera.

E ao lembrar-se de Kawakita, Margo franziu o sobrolho numa expressão culpada. Este tinha-lhe deixado uma mensagem no atendedor automático há seis meses, pedindo desculpas por se ter afastado, a dizer que precisava de falar com ela, e que ia ligar-lhe de novo no dia seguinte, à noite. Quando o telefone voltou a tocar, à hora marcada, Margo estendeu a mão, num gesto automático e em seguida imobilizou-se, com os dedos a poucos centímetros do auscultador. Ninguém deixou uma mensagem quando o atendedor automático se activou. Margo afastou a mão devagarinho, perguntando a si mesma que tipo de instinto a teria impedido de responder à chamada de Kawakita. Mas enquanto pensava isso, descobriu que já conhecia a resposta. Kawakita tinha participado em tudo aquilo... assim como Pendergast, Smithback, o tenente D’Agosta, e até mesmo o Dr. Frock. Fora o seu programa de extrapolação que os ajudara a compreender a verdadeira natureza do Mbwnun: a criatura que aterrorizara o museu e que ainda a enchia de sonhos inquietos. Por muito egoísta que isso fosse, a última coisa que ela desejava era falar com alguém que desnecessariamente lhe lembrasse esses dias terríveis. Enfim, uma parvoíce, agora que estava mergulhada até ao queixo numa investigação que...

O súbito aclarar de uma garganta trouxe Margo de volta ao presente. Ergueu os olhos e deparou-se com um homem baixinho, de pé à frente dela, vestido com um fato coçado de tweed, com o rosto marcado por múltiplas rugas.

— Julguei ter ouvido alguém a vaguear entre os meus esqueletos — disse Hagedorn, de cenho cerrado, com os bracinhos cruzados sobre o peito. — Que vem a ser isto?

Contra vontade, Margo sentiu o aborrecimento a tomar o lugar dos outros devaneios. Com que então, os esqueletos eram dele? Esforçando-se por controlar a irritação, tirou uma folha de papel do saco e passou-a para as mãos de Hagedorn.

— O Dr. Frock pediu que estes espécimes sejam transferidos para o laboratório de Antropologia Forense.

Ele examinou-a cada vez mais carrancudo:

— Três esqueletos? Isto é um tanto ou quanto irregular...

Vai levar no dito, Stumpy!

— É muito importante e precisamos deles para já. Se houver algum problema, estou certa de que a Dra. Merriam lhe dará todas as autorizações que necessitar.

A menção do nome da directora do museu teve o efeito desejado.

— Ora, tudo bem. Mas continuo a pensar que isto é pouco habitual. Venha comigo.

Hagedorn conduziu-a na direcção da ancestral secretária de madeira, profundamente riscada e esburacada por anos de negligência. Por detrás da secretária — metidos em feiras de minúsculas gavetas —, encontravam-se os arquivos do Dr. Hagedorn. Este pôs-se a procurar o primeiro número que constava na lista, enquanto percorria as gavetas com um dedo amarelado. Por fim lá parou, abriu uma das gavetas, remexeu nas fichas que havia lá dentro até puxar por uma delas, sempre a resmungar.

— 1930-262 — leu em voz alta. — Que sorte a minha! Está mesmo na prateleira de cima. Não sei se a menina se deu conta que eu já não sou tão jovem quanto era. A altura dá-me vertigens. — De súbito parou o que estava a fazer. — Este é um esqueleto médico — disse, apontando para uma bolinha vermelha no canto direito da ficha.

— Tudo o que está na lista pertence à mesma categoria — replicou Margo. Era óbvio que Hagedorn estava à espera de uma explicação, mas ela preferiu fechar-se num silêncio teimoso. Por fim, o administrador aclarou de novo a garganta com as sobranceiras a contraírem-se perante um pedido tão irregular.

— Já que insiste... — disse ele a empurrar a ficha sobre o tampo da secretária na direcção de Margo. — Assine isto, inclua a indicação do respectivo departamento, e não se esqueça de incluir o nome do Dr. Frock na coluna do Supervisor.

Margo baixou os olhos sobre a ficha gordurosa, com as bordas esbordadas pelo uso e idade. *É uma ficha de biblioteca!*, pensou. *Vejam lá que coisa mais original!* O nome do esqueleto estava claramente impresso na parte superior: Homer Maclean. Correspondia à letra ao pedido do Dr. Frock: tratava-se de uma vítima de neurofibromatose, se a memória não a enganava.

Estava a inclinar-se para escrevinhar o nome na primeira fila em branco quando parou subitamente. Ali, três ou quatro linhas mais acima na lista dos outros investigadores, descobriu o rabisco que tão bem se recordava: G. S. Kawakita, Antropologia. Ele tinha requisitado este mesmo esqueleto cinco anos antes. O que aliás não era nada para admirar: o Greg

tinha um enorme fascínio pelo inusitado, pelas anormalidades, as excepções à regra. Talvez fosse por isso que ele se sentira atraído pelas teorias do Dr. Frock sobre a evolução fractal.

Pronto, pensou ela. Ainda hoje vou ver se encontro o número de telefone do Greg. Mais vale tarde do que nunca!

Ouviu-se um ruído agudo de respiração asmática. Margo levantou a cabeça e deparou-se com o olhar impaciente de Hagedorn.

— É só o seu nome que eu quero — disse num tom de desprezo. — Não precisa de escrever um poema. Deixe-se de tretas e veja lá se se despacha!

10

A fachada barroca do Clube Polímnia, toda ela feita de mármore e de grés, inclinava-se para a frente como a proa de um galeão espanhol. Por cima do toldo, uma estátua dourada da musa que lhe dava o nome, protectora da retórica, equilibrava-se num só pé, como se estivesse prestes a levantar voo. Logo abaixo, a porta rotativa rodava, toda afadigada, como costumava rodar todos os sábados ao fim da tarde. Embora a frequência do clube estivesse limitada aos membros da imprensa nova-iorquina, ainda assim deixava passar, como certa vez Horace Greeley dissera num tom de protesto, “metade dos jovens desempregados que viviam a sul da Rua 14”.

Lá bem no fundo dessas profundidades revestidas a madeira de carvalho, Bill Smithback dirigiu-se ao bar e pediu uma Caol Ila sem gelo. Embora se estivesse perfeitamente nas tintas para o pedigree exigido pelo clube, de qualquer modo estava muito interessado na sua colecção única de uísques de importação. O puro malte encheu-lhe a boca com um gosto de turfeira, fumo e água do Loch nan Ban. Ficou assim, a saborear o uísque, até que finalmente olhou em volta, preparado para se banhar nos acenos de admiração e parabéns dos seus colegas jornalistas.

Terem-lhe dado a reportagem sobre a Wisher fora de facto a grande oportunidade da sua vida. Em menos de uma semana, já tinha colocado três histórias na primeira página. Conseguira mesmo transformar os delírios do Mefisto, o chefe dos sem-abrigo, em algo pertinente e incisivo. Ainda nessa mesma tarde, quando Smithback estava prestes a deixar o escritório, Murray dera-lhe umas palmadinhas amigáveis nas costas. O Murray que não tinha por hábito louvar fosse quem fosse.

Infelizmente, o exame da clientela não lhe trouxe grandes resulta-

dos. Smithback virou-se na direcção do bar e bebeu mais um golo. E enquanto bebia, pensava em como eram de facto extraordinários os poderes de um jornalista. Uma cidade inteira estava agora em pé de guerra por sua causa. Ginny, a secretária, encontrava-se absolutamente avassalada pelo volume de chamadas relativas à recompensa, ao ponto de o jornal ter sido obrigado a contratar uma nova telefonista. O próprio Presidente da Câmara já estava a sofrer a pressão. A Sra. Wisher devia estar-lhe agradecida. Um golpe de génio!

Lembrou-se vagamente se a Sra. Wisher não teria andado a manipulá-lo, mas acabou por colocar este pensamento de lado. Bebeu mais um pouco do uísque, de olhos fechados, enquanto o álcool lhe escorregava pela garganta como um sonho de um mundo melhor.

Uma mão agarrou-lhe no ombro e Smithback virou-se logo, esperançado. Era Bruce Harriman, o repórter criminal do Times, que também andava a cobrir o caso da Wisher.

— Oh! — exclamou Smithback, desapontado.

— Assim é que é, Bill! — disse Bryce, com a mão ainda poisada no ombro de Smithback, enquanto abria caminho ao empurrão e batia com uma moedinha no zinco do bar. — Um Killiam!

Smithback acenou com a cabeça. *Céus, pensou, fui logo encontrar-me com este tipo!*

— Ah, pois! — disse Harriman. — Boa ideia, a tua! Aposto que estão todos doidos de contentes contigo no Post! — E em seguida fez uma pequena pausa antes de proferir o derradeiro comentário.

— E estão mesmo... — replicou Smithback.

— Cá por mim devia agradecer-te... — Harriman pegou na caneca e bebeu um golinho com toda a elegância. — O que tu fizeste deu-me uma nova ideia para a minha reportagem...

— A sério? — disse Smithback sem interesse nenhum.

— A sério. Comecei a pensar porque teria parado toda esta investigação. Porque é que teria ficado completamente paralisada.

Smithback ergueu a cabeça e o jornalista do Times acenou com um ar convencido:

— Quando publicaram a notícia da recompensa, recebeu-se um sem-número de telefonemas marados. A polícia foi obrigada a tomar todos eles à letra. Agora andam atrás de milhares de dicas da treta, e a perder um tempo precioso. Olha, Bill, aqui vai um conselho de amigo: se eu fosse a ti, não mostrava a minha cara na esquadra da polícia, pelo menos nos próximos dez anos.

— Não me chateies — respondeu Smithback, irritado. — Fizemos um grande favor à polícia!

— Não àqueles com quem eu falei...

Smithback virou-lhe as costas e bebeu mais um golo do uísque. Já estava habituado aos comentários do Harriman. Bryce Harriman, o licenciado em jornalismo pela Universidade da Colúmbia, que considerava as suas capacidades jornalísticas como um dom divino. De qualquer modo, Smithback ainda continuava de boas relações com o tenente D'Agosta. E isso era o que mais importava. O Harriman que se fosse lixar!

— Já agora, Bryce, conta-me lá se venderam muitos exemplares do Times hoje de manhã. Fica sabendo que as vendas do Post subiram quarenta por cento desde a semana passada.

— Não sei nem quero saber. O número de vendas não devia interessar a um verdadeiro jornalista.

Smithback aproveitou a oportunidade para dar mais uma machadada:

— Tens de aceitar as coisas como elas são, Bryce. Levei-te a melhor. Consegui entrevistar a Sra. Wisher e tu não.

O rosto de Harriman ficou carrancudo. Smithback tinha-lhe tocado num ponto sensível. Provavelmente o editor tinha-lhe dado um bom raspanete.

— Pois sim — disse Harriman. — Ela levou-te à certa e fez-te a caminha toda... Fica sabendo que a história mais importante está noutro lado.

— E que história vem a ser essa?

— Estou a referir-me à identidade do segundo esqueleto. E o lugar para onde levaram os corpos. — Harriman encarou Smithback enquanto bebia a cerveja com um ar descontraído. — Com que então, não sabias? Provavelmente estavas demasiado ocupado a entrevistar malucos nos túneis...

Smithback virou-se para o jornalista enquanto se esforçava para controlar a surpresa. Seria uma falsa pista? Talvez não. Os olhos que espreitavam por detrás dos óculos de aros de tartaruga estavam cheios de desprezo, mas não mentiam.

— Ainda não consegui descobrir — respondeu num tom reservado.

— Não me digas! — Harriman deu-lhe uma palmada nas costas. — Com que então, centenas de milhar de dólares de recompensa? O suficiente para pagar o teu salário durante os próximos dois anos. Isto é, se o Post não for outra vez à falência! — Riu-se, deixou cair uma nota de cinco dólares sobre o balcão e virou-se para se ir embora.

Irritado, Smithback acompanhou-lhe a retirada com os olhos. Com

que então, os corpos tinham sido retirados da morgue. Já se devia ter inteirado desse facto. Mas onde é que estavam agora? Nada de funerais. Deviam estar escondidos algures, num laboratório com um equipamento mais adequado do que o que havia na morgue de Nova Iorque. Um lugar seguro, nada parecido com a Universidade de Colúmbia ou a de Rockefeller, sempre cheias de estudantes a meter o bedelho em tudo o que era lado. Afinal era o tenente D'Agosta quem estava a tratar do caso. Smithback sabia que ele era um tipo às direitas, incapaz de tomar decisões precipitadas. Mas porque teria o D'Agosta mandado deslocar os cadáveres...

D'Agosta!

De súbito Smithback soube, com uma certeza quase absoluta, onde eles deveriam estar.

Esvaziou o copo, escorregou do banco e atravessou a tapete vermelha na direcção de um conjunto de cabinas telefónicas no átrio de entrada. Enfiou-se na primeira, meteu na ranhura uma moeda de vinte e cinco cêntimos e marcou um número.

— Fala o Curley — disse uma voz idosa.

— Ora viva! Aqui é o Smithback! Como é que vai a vida?

— Vamos andando, Dr. Smithback. Já não falava consigo há que tempos. — Curley, que controlava o acesso dos funcionários ao Museu de História Natural, tratava toda a gente por doutor. Os príncipes viviam e morriam; as dinastias ascendiam e tombavam; mas Curley haveria de permanecer na sua cabina debruada a bronzear, a verificar passes para toda a eternidade.

— Curley, a que horas na quarta-feira à noite chegaram aquelas ambulâncias? Você sabe, as duas que vieram ao mesmo tempo. — Smithback falava depressa, fazendo figas para que o guarda velhote não chegasse a perceber que ele se tinha transformado num jornalista depois de ter deixado o trabalho de escrever um catálogo para o museu.

— Ora deixe cá ver... — respondeu Curley no tom pausado do costume. — Olhe, doutor, não me consigo lembrar de nada...

— A sério? — perguntou Smithback, desanimado. Estava quase a pôr as mãos no gôlo...

— A não ser que o doutor se esteja a referir à ambulância que chegou aqui com as luzes e a sirene desligadas. Mas isso foi na quinta-feira bem cedo, não na quarta. — Smithback conseguia ouvir as folhas do registo a serem dedilhadas. — Aqui está. Um pouco depois das cinco da manhã...

— É isso mesmo, quinta-feira. Onde é que eu tinha a cabeça? — Smithback agradeceu a Curley e desligou o telefone, doido de contente.

Voltou ao bar com um sorriso nos lábios. Apenas com um telefo-

nema tinha descoberto aquilo que o Harriman andava há dias e dias à procura.

Tudo fazia sentido. Sabia que D'Agosta costumava servir-se dos laboratórios do museu, especialmente no caso dos crimes da Besta. Tratava-se de um laboratório de alta segurança num museu de alta segurança. Sem dúvida tinha chamado para o ajudar na investigação o próprio curador, o pomposo Dr. Frock. E talvez a ex-assistente do Dr. Frock, a Margo Green, a velha amiga de Smithback.

Margo Green, pensou Smithback. Ora aí estava algo merecedor de um exame mais atento!

Dirigiu-se ao barman: — Paddy, acho que vou continuar com o Islay, mas muda de destilaria. Agora dá-me um Laphroaig, se fizeres favor. Aquele com quinze anos...

E depois provou um golinho do delicioso uísque. Custava dez dólares o copo, mas valia a pena. *Cem mil dólares pagavam-te o salário durante os próximos dois anos!*, dissera-lhe Harriman em tom de troça. Smithback decidiu que, logo que terminasse a próxima reportagem para a primeira página, haveria de ir pedir um aumento ao Murray. Deve-se sempre malhar em ferro quente.

11

Logo que chegou ao fundo de uma enorme escadaria de metal, a sargento Hayward abriu uma pequena porta coberta de pintinhas castanhas de ferrugem, e foi sair numa gare abandonada de caminhos-de-ferro. D'Agosta apareceu logo atrás, de mãos nos bolsos. Lá muito no alto, uma luz pardacenta filtrava-se através das grelhas do tecto, iluminando os grãos de poeira suspensos no ar. D'Agosta olhou primeiro para a esquerda, depois para a direita. Em ambas as direcções, os carris dissolviam-se na escuridão do túnel. Reparou então que Hayward tinha uma maneira esquisita e silenciosa de se mover debaixo da terra, em passinhos cautelosos, como se estivesse sempre desconfiada.

— Onde está o comissário? — perguntou Hayward.

— Está a chegar — respondeu D'Agosta enquanto esfregava a sola do sapato contra o corrimão metálico da via de resguardo. — Pode ir andando. — E ficou a ver Hayward a avançar ao longo do túnel, ágil como uma gatinha, com a lanterna a projectar um feixe de luz contra a escuridão. Todo o mal-estar que sentira ao deixá-la fazer de guia tinha-se

evaporado ao dar-se conta da facilidade com que ela se mexia através do subterrâneo.

Waxie, por outro lado, perdera parte da energia que lhe era habitual nestas duas horas desde que tinham visitado as caves do prédio onde tinha sido descoberto o primeiro cadáver, há mais de três meses. Tratava-se de uma sala húmida, atafalhada de velhas caldeiras. Cabos eléctricos apodrecidos penduravam-se do tecto. Hayward apontou para o colchão escondido atrás de uma fornalha enegrecida, cheia de jornais rasgados e garrafas de plástico vazias: sem dúvida a residência do morto. Ainda era possível ver-se uma mancha de sangue, com cerca de um metro de diâmetro, sobre o colchão roído pelos ratos. Um pouco mais acima, um par de meias de desporto estava pendurado sobre uma tubagem, cobertas por um fino manto de bolor esverdeado.

Hayward disse-lhe que o corpo aqui encontrado era de Hank Jasper. Não havia testemunhas do que lhe tinha acontecido. O homem não possuía amigos ou familiares. Os ficheiros da polícia revelaram-se de uma total inutilidade: não havia fotografias, ou descrições do local do crime, apenas a papelada de rotina, um breve relatório a referir-se a “lacerações extensas”, um crânio esmagado, e uma nota quanto a um rápido funeral no Potter’s Field em Hart Island.

Também pouco ou nada havia a dizer quanto ao segundo corpo encontrado nos lavabos de Circle Station: muito lixo, uma tentativa pouco entusiástica para lavar a sangria que ainda se colava às velhas sanitas e espelhos estalados. Ninguém o tinha podido identificar: faltava-lhe a cabeça.

Atrás dele ouviu alguém a praguejar. D’Agosta voltou-se e viu a forma redonda do comissário Waxie a emergir da porta ferrugenta. O comissário olhou em volta, desconfiado, com o rosto macilento a brilhar na luz cintilante.

— Céus, Vinnie — disse ele enquanto escolhia o caminho através dos carris na direcção de D’Agosta. — Que raio andas tu a fazer? Já te disse que isto não é trabalho para um comissário da polícia. Ainda por cima num domingo à tarde! — Apontou com a cabeça para a escuridão do túnel. — A miúda convenceu-te, não foi? Ela tem cá um par de mamocas! Sabes que lhe ofereci um posto como minha assistente? Em vez disso, ela preferiu ficar no terreno a arrancar vagabundos dos buracos. Vá-se lá entender esta gente!

Não era nada para admirar!, pensou D’Agosta, enquanto imaginava o que seria a vida para uma mulher tão atraente como ela a obedecer às ordens de Waxie.

— E agora a porcaria do meu rádio avariou-se — resmungou Waxie, irritado.

D'Agosta apontou para o alto: — Hayward disse-me que os rádios não funcionam aqui em baixo. Pelo menos de uma forma que inspire confiança.

— Porreiro! Como é que vamos pedir ajuda?

— Não pedimos. Amanhamo-nos sem eles.

— Porreiro! — repetiu Waxie.

D'Agosta voltou-se para Waxie. Gotinhas de suor cresciam-lhe sobre o lábio superior e nas papadas macilentas que começavam já a dar sinais de flacidez.

— Não te esqueças que esta é a tua jurisdição — comentou D'Agosta. — Imagina o que vais ganhar se os resultados forem interessantes: vão dizer que tomaste logo conta da situação, que inspeccionaste pessoalmente o local do crime. Para variar. — Enfiou os dedos no bolso do casaco em busca de um charuto, mas acabou por desistir. — E já agora pensa como vai parecer mal se estas mortes estiverem mesmo relacionadas, vá-se lá saber como, e a imprensa começar a dizer que tu olhaste para o outro lado...

Waxie franziu-lhe o sobrolho: — Não estou interessado em candidatar-me a presidente da Câmara, Winnie.

— Não estou a referir-me a isso. Tudo o que sei é que, quando há merda, como mais tarde ou mais cedo sempre acontece, ficamos sempre protegidos.

Waxie resmungou, um pouco mais sossegado.

D'Agosta podia ver a luz da lanterna de Hayward a brincar sobre os carris. Pouco depois a repariga materializou-se vinda da escuridão.

— Estamos quase lá — disse ela. — É só um nível mais abaixo.

— Mais abaixo? — exclamou Waxie. — Sargento, pensei que este era o último nível!

Hayward não lhe respondeu.

— E como é que vamos descer? — perguntou D'Agosta.

Hayward apontou na direcção de onde tinha vindo.

— Mais para norte, ao longo dos carris, há uma escada do lado direito.

— E se vier um comboio? — perguntou Waxie.

— Este ramal foi abandonado — disse Hayward. — Há muito tempo que as composições não passam por aqui.

— Como é que você sabe?

Hayward apontou em silêncio com o foco da lanterna na direcção dos carris, iluminando a espessa camada de ferrugem alaranjada. Os olhos de D'Agosta acompanharam o foco de luz até que se encontraram com o rosto de Hayward. A repariga não parecia lá muito satisfeita.

— Há qualquer coisa de especial no próximo nível? — perguntou D'Agosta sem perder a calma.

Hayward permaneceu calada durante alguns momentos.

— Geralmente só costumamos varrer os níveis superiores. Mas ouvimos contar histórias. Quanto mais descermos, mais estranhas elas são. — Fez uma pausa, antes de terminar. — Foi por isso que sugeri trazermos reforços.

— Há gente a viver aqui em baixo? — perguntou Waxie poupando a D'Agosta o trabalho de responder.

— Claro que há. — Hayward fez uma careta como se Waxie tivesse a obrigação de saber disso. — É mais quente no Inverno e não chove nem faz vento. A única coisa que os preocupa são as outras toupeiras...

— E quando foi a última vez que vocês varreram esse nível?

— Os níveis inferiores não se visitam, comissário.

— E porque não?

Fez-se um silêncio.

— Em primeiro lugar, porque é quase impossível encontrarmos as toupeiras que vivem lá em baixo. Elas possuem uma boa visão nocturna e estão habituadas à escuridão. Basta desviarmos a cabeça e no instante seguinte já desapareceram. Os meus colegas limitam-se a fazer um par de incursões por ano, e isto com a ajuda de cães treinados para encontrar corpos. E mesmo assim nunca descemos até ao fundo. Além disso, é muito perigoso. Nem todas as toupeiras vêm ter aqui em busca de abrigo. Algumas vêm-se esconder. Andam a fugir de qualquer coisa, geralmente das autoridades. Algumas possuem comportamentos de predador.

— E aquele artigo no Post? — perguntou D'Agosta. — Afirmava que existia uma espécie de comunidade subterrânea. Não me pareceu que o artigo dissesse que eles eram hostis.

— Olhe, tenente, o artigo referia-se à comunidade sob o Central Park. Não às estações de caminho-de-ferro do West Side — explicou Hayward. — Algumas zonas são mais civilizadas do que outras. E não se esqueça que o artigo mencionava algo mais. Referia-se a actos de canibalismo.

Waxie abriu a boca para responder, mas acabou por fechá-la, engolindo em seco.

Em silêncio, começaram a deslocar-se ao longo dos carris. À medida que avançavam, D'Agosta apercebeu-se que estava inconscientemente a dedilhar na sua S&W Modelo 4946, de acção dupla. Em 93, discutira-se muito no departamento se esta arma não deveria ser trocada por uma pistola semiautomática de 9 mm. Agora D'Agosta sentia-se feliz com esta nova escolha.

A escada, quando deram com ela, estava protegida por uma porta de aço meio arrancada aos gonzos. Hayward abriu-a e depois desviou-se para

o lado. Mal D'Agosta entrou, sentiu os olhos ficarem marejados de lágrimas. Um fedor a amoníaco atacou-lhe as narinas.

— Desço eu primeiro, tenente — disse Hayward.

D'Agosta encostou-se à parede. *Por mim, tudo bem*, pensou.

Os degraus cobertos de cal desciam até um patamar e em seguida davam uma volta. Os olhos de D'Agosta começavam já a arder. O cheiro tornava-se aos poucos quase insuportável.

— Que merda vem a ser esta? — perguntou.

— Mijo — explicou Hayward. — E outros quantos dejectos que eu nem lhe conto.

Atrás deles, a respiração de Waxie tornou-se ainda mais pronunciada.

E lá foram descendo até desembocarem numa abertura irregular que dava para um espaço húmido e escuro. À medida que a luz da lanterna de Hayward brincava em volta, D'Agosta percebeu que se encontravam naquilo que parecia ser a extremidade cavernosa de um velho túnel. Só que neste lugar não havia carris: apenas um chão irregular de terra batida, respingado de poças de água e óleo e dos restos calcinados de pequenas fogueiras. Havia lixo espalhado por todo o lado: jornais velhos; um par de calças rasgadas; um sapato; uma fralda de plástico recentemente utilizada.

D'Agosta podia ouvir a respiração acelerada de Waxie mesmo nas suas costas. Estava já a magicar se o comissário teria parado com os protestos de uma vez por todas. *Talvez seja por causa do cheirete*, pensou.

Hayward estava a dirigir-se a uma passagem que conduzia para longe da caverna.

— Foi por estes lados, — disse ela, — que encontraram o corpo enfiado num buraco. É melhor não nos separarmos. Cautela, não sejam encanados.

— Encanados? — perguntou D'Agosta.

— Alguém no meio da escuridão estende um braço, e dá-vos com um cano na cabeça.

— Não estou a ver ninguém! — disse D'Agosta.

— Garanto-lhe que eles estão aqui... — replicou Hayward.

A respiração de Waxie acelerou-se ainda mais.

Cautelosos, começaram a acompanhar a passagem. De tempos a tempos, Hayward apontava o foco da lanterna para ambos os lados do túnel. De dez em dez metros viam-se espaços rectangulares cortados na rocha: no século passado, explicou ela, tinham servido como zona de descanso e de arrumação ao pessoal que trabalhava na via-férrea. Colchões porquíssimos jaziam na maior parte dos cubículos. Enormes ratazanas, incomodadas pela luz, patinhavam no meio das imundices, enquanto

procuravam fugir aos focos das lanternas com uma calma insolente. Mas não havia sinais da presença de seres humanos.

Hayward parou, retirou o boné da polícia e prendeu uma madeixa húmida de cabelo por cima da orelha.

— O relatório disse que o corpo foi encontrado num cubículo mesmo em frente a uma passadeira de ferro caída.

Logo que D'Agosta descobriu que respirar através da mão não servia absolutamente para nada, desatou o nó da gravata e esticou o colarinho da camisa sobre a boca para fazer de máscara.

— Ora aqui está... — Hayward apontou o foco da lanterna na direcção de um monte de ferragem ferrugenta e em seguida fez correr a luz na direcção oposta, até localizar o cubículo. Visto de fora, parecia-se com todos os outros: um metro e cinquenta de largura, cinquenta centímetros abaixo do nível do solo, escavado na rocha até à profundidade de um metro.

D'Agosta aproximou-se e espreitou para o interior. Viu um colchão nu, todo torcido, ensopado em sangue seco. Também havia sangue esparinhado nas paredes, juntamente com pedacinhos de qualquer coisa que nem quis pensar o que fosse. Também lá estava o omnipresente caixote, derrubado e parcialmente esmagado. O chão do cubículo estava atapetado de jornais. O fedor era indescritível.

— Este tipo — sussurrou Hayward — também foi encontrado sem a cabeça. Identificaram-no através das impressões digitais. Shasheen Walker, trinta e dois anos de idade. Ficha judiciária maior que o meu braço. Um drogado como há poucos.

Se a situação fosse outra, D'Agosta acharia um disparate ouvir um polícia falar tão baixinho. Mas agora isso agradava-lhe. Fez-se um longo silêncio enquanto D'Agosta percorria o interior do cubículo com o foco da sua lanterna.

— Encontraram a cabeça? — perguntou por fim.

— Nã! — respondeu Hayward.

O pequeno antro fedorento não mostrava um só sinal de investigação da parte da polícia. A pensar que preferia encontrar-se noutra sítio qualquer, a fazer qualquer coisa de muito diferente, D'Agosta enfiou-se no cubículo, pegou na ponta de um cobertor peçonhento e puxou-o para fora.

Qualquer coisa acastanhada tombou das dobras do cobertor e rebolou na direcção do canto mais próximo. O que restava da boca estava escancarada num grito gelado.

— Acho que afinal eles não procuraram com muito afinco — disse D'Agosta. Um pequeno gemido escapou-se da boca de Waxie. — Estás bem, Jack? — perguntou-lhe, virando a cabeça para trás.

Waxie não disse nada. O rosto parecia-se com uma Lua pálida, suspensa sobre a escuridão daninha.

D'Agosta voltou a apontar a luz na direcção da cabeça. — Vamos ter de chamar uma equipa de técnicos para fazerem um exame completo... — E estendeu a mão para o rádio até se lembrar que este não funcionava.

Hayward aproximou-se dele: — Meu tenente?

D'Agosta parou o que estava a fazer: — Sim?

— As toupeiras deixaram este lugar sossegado porque alguém morreu aqui. A maior parte delas são supersticiosas com este tipo de coisas. Mas mal nos formos embora, elas vão limpar toda esta porcaria, livrarem-se da cabeça, e o senhor nunca mais voltará a encontrá-la. Mais do que tudo, não querem ver chuis aqui em baixo.

— Como é que raio sabem eles onde nós estamos?

— Estou fartinha de lhe explicar, tenente. Eles estão por todo o lado!

À escuta!

D'Agosta iluminou o espaço em volta. O corredor permanecia morto e silencioso.

— Importava-se de concluir?

— Se quiser a cabeça, vai ter de levá-la consigo.

— Merda! — suspirou D'Agosta. — Tudo bem, sargento. Vamos ter de improvisar... agarre ali aquela toalha...

Passando à frente de um Waxie completamente imóvel, a sargento Hayward apanhou do chão uma toalha encharcada em água e estendeu-a sobre o cimento, junto à cabeça. Em seguida, cobrindo a mão com a manga do uniforme, empurrou a cabeça na direcção da toalha servindo-se do punho.

D'Agosta deixou-se ficar a contemplar estas actividades com um misto de nojo e admiração, enquanto Hayward dava um nó nas pontas da toalha. Ainda não tinha parado de piscar os olhos para se livrar do ardor provocado pelo cheirete.

— Pronto, agora vamos embora... O privilégio é seu, sargento.

— Tudo bem... — Hayward pegou no embrulho mantendo-o o mais afastado do corpo que lhe era possível.

Enquanto D'Agosta seguia na dianteira, na direcção das escadas, fazendo passar o foco da lanterna de um lado ao outro do corredor, ouviu-se um súbito assobio e uma garrafa apareceu a rodopiar vinda da escuridão até se estilhaçar contra a parede. Foi por um triz que não acertou na cabeça de Waxie. Lá no fundo da passagem, D'Agosta escutou o ruído de umas quantas restolhadas.

— Quem está aí? — gritou. — Alto! Somos da polícia!

Uma nova garrafa surgiu a voar do meio das trevas. D'Agosta aperce-

beu-se, com um estranho arrepio na base da espinha, de que podia perfeitamente sentir, mas não ver, formas a moverem-se na sua direcção.

— Faça notar que somos só três, meu tenente! — disse Hayward, com um toque de nervosismo na voz. — Importa-se que eu lhe sugira que nos piremos daqui para fora o mais depressa possível?

Um grito rouco soou na escuridão, e depois mais outro, assim como o estrondo de uma correria. Escutou um gemido de terror mesmo sobre os ombros e virou-se para deparar com Waxie, completamente paralisado pelo medo.

— Que raio, comissário, controle-se! — gritou-lhe D'Agosta.

Waxie começou a choramingar. Do lado oposto, D'Agosta ouviu um som sibilante e voltou-se para ver a frágil silhueta de Hayward ficar tensa e erecta, com os braços pendentes ao longo do corpo, a palma das mãos viradas para o exterior. O embrulho formado pela toalha pendia-lhe dos dedos. Ela inspirou fundo como se estivesse a preparar-se. Em seguida olhou rapidamente em volta e virou-se para a escada uma vez mais a segurar a cabeça bem longe do corpo.

— Ai Jesus, não me deixem aqui sozinho! — clamou Waxie.

D'Agosta deu-lhe um empurrão no ombro com toda a força. Com um gemido abafado, Waxie começou a andar, primeiro devagarinho e depois cada vez mais depressa, até se cruzar com a Hayward já em passo de corrida.

— Mexam-se! — disse D'Agosta, enquanto empurrava Hayward à sua frente com uma das mãos. Nesse preciso momento sentiu qualquer coisa zumbir-lhe junto ao ouvido, parou, virou-se, sacou da arma e fez fogo na direcção do tecto. À luz do clarão do disparo, viu uma dúzia ou mais de pessoas a aproximarem-se pelo meio do túnel, a dividirem-se como se quisessem cercá-lo; corriam agachadas junto ao chão, movendo-se com uma rapidez sinistra através da escuridão. D'Agosta virou-lhes as costas e acelerou na direcção das escadas.

No nível superior, do outro lado da porta desengonçada, parou enfim, meio afogado e ficou à escuta.

Hayward aguardava ao seu lado, de arma na mão. Não se ouvia um som, à excepção dos passos de Waxie, que já os tinha ultrapassado, a correr junto aos carris, rumo às zonas mais iluminadas.

Alguns segundos depois, D'Agosta afastou-se da porta.

— Olhe, sargento, se alguma vez no futuro sugerir que é melhor termos reforços... insista um pouco mais, combinado?

Hayward enfiou a arma no coldre.

— Estava com medo que o senhor se passasse lá em baixo, tal como aconteceu com o comissário — disse ela. — Mas a verdade é que se portou muito bem, para um novato...

D'Agosta olhou-a, e só então percebeu que esta era a primeira vez que ela o tratava como um oficial de patente superior. Ainda pensou em perguntar-lhe que raio era aquela respiração esquisita que ela tinha feito, mas acabou por se calar.

— Ainda a tem consigo? — perguntou-lhe em vez disso.

Hayward ergueu a toalha.

— Nesse caso vamos pirar-nos daqui. Os outros locais a visitar ficam para uma outra altura...

No caminho para a superfície, a imagem que mais atormentava D'Agosta não era a turba que estivera prestes a cercá-los, mas sim o túnel húmido e interminável, como uma fralda acabada de usar.

12

Margo lavou as mãos no lavabo metálico do laboratório de Antropologia Forense e em seguida secou-as num toalhete áspero de hospital. Depois, olhou para a maca sobre a qual estavam dispostos, cobertos com um lençol, os restos mortais de Pamela Wisher. As amostras e as observações já tinham sido todas tomadas, de modo a que o cadáver fosse entregue à família lá por volta do meio-dia. Do outro lado da sala, Brambell e Frock estavam a trabalhar no esqueleto ainda não identificado, debruçados sobre as ancas grotescamente retorcidas, muito ocupados em medir tudo com o máximo de rigor.

— Permitam-me que faça uma pequena observação? — disse o Dr. Brambell poisando uma serra vibrante.

— Faça favor — replicou Frock, no habitual tom bajulador, sacudindo no ar uma mão condescendente.

Era óbvio que se detestavam.

Margo calçou duas luvas de látex e virou-lhes as costas para esconder um sorriso. Esta era provavelmente a primeira vez que ela via Frock a confrontar-se com um homem tão inteligente ou pelo menos com um ego tão grande quanto o seu. Era um verdadeiro milagre que as investigações continuassem a avançar. E contudo, durante o decorrer destes últimos dias, eles tinham feito testes de anticorpos, análises osteológicas, análises para indicar a presença de agentes tóxicos e teratogénicos, assim como inúmeros outros exames. Tudo o que restava agora era determinar a sequência de ADN e uma análise forense às marcas de mordeduras. Mesmo assim, o cadáver desconhecido permanecia um enigma, recusando-se a revelar os

seus segredos. Margo sabia que isso apenas iria aumentar a atmosfera já de si tensa que reinava no laboratório.

— Deveria ser mais que óbvio, até para o mais idiota, — Brambell estava nesse momento a dizer, com aquela voz de sotaque irlandês a tremer de irritação, — que esta mordedura não podia de modo algum ter sido feita do lado dorsal, porque, se assim fosse, o processo transversal teria sido cortado...

— Não consigo entender o que é que esse suposto corte tem a ver seja com o que for! — resmungou Frock.

Margo desinteressou-se da disputa que estava prestes a rebentar. A especialidade dela era a genética e etnofarmacologia, não a anatomia pura e simples. Em boa verdade, tinha mais com que se ralar.

Incomodada pelas dores de cansaço nos músculos das espáduas, embrenhou-se na análise do último teste do electroproteínograma aos tecidos do cadáver não identificado. Cinco séries de dez tecidos tinham vindo adicionar-se às da noite anterior em vez das habituais três. A rotina de trabalho aumentara de um modo dramático nestes últimos dias; tinha de tomar cuidado para não exagerar.

Dez minutos de cuidadoso escrutínio confirmaram as suas suspeitas: as faixas negras dos vários elementos proteicos pouco mais revelavam além das proteínas habituais aos músculos de um ser humano. Endireitou-se e soltou um suspiro de cansaço. Se quisesse informações genéticas mais pormenorizadas, teria de utilizar um aparelho sequenciador de ADN bem mais sensível do que a simples separação por electroforese. Infelizmente os resultados só estariam disponíveis daí a vários dias.

No momento em que colocou de lado as faixas de gel, enquanto esfregava os ombros num gesto pensativo, descobriu um envelope de cânhamo junto ao processador SPARC-10. *São as provas dos raios-X*, pensou. *Devem ter chegado logo pela manhã*. Como não podia deixar de ser, Brambell e Frock tinham estado demasiado ocupados a discutir junto ao cadáver para lhes darem uma olhada. O que era compreensível: com um corpo já quase completamente esqueletizado, os raios-X de pouco ou nada serviam.

— Margo? — chamou Frock.

Ela aproximou-se da mesa das autópsias.

— Olhe, minha querida — disse Frock empurrando a cadeira de rodas na direcção de um microscópio. — Importava-se de examinar a estria que percorre todo o fémur direito?

O microscópio electrónico estava a funcionar na ampliação mínima, mas mesmo assim era como se ela estivesse a olhar directamente para um outro mundo. O osso acastanhado saltou-lhe em frente dos olhos, revelando as montanhas e os vales de uma paisagem desértica em miniatura.

— Então, o que me conta?

Já não era a primeira vez que Margo tinha sido chamada a arbitrar uma disputa, coisa que não lhe dava satisfação alguma.

— Parece tratar-se de uma fissura natural no osso — disse ela, esforçando-se por manter um tom de neutralidade na voz. — Sem dúvida provocada pela osteíte de que o sujeito sofria. Não se pode afirmar que ela seja a consequência de uma mordedura.

Frock recostou-se na cadeira de rodas sem conseguir esconder uma expressão de triunfo.

Brambell piscou os olhos: — Como assim? — perguntou, incrédulo. — Ó Dra. Green, não queria contradizê-la, mas isso aí revela de um modo inequívoco a marca longitudinal de um dente.

— E eu não queria contradizê-lo a si, Dr. Brambell! — Margo aumentou a amplificação do microscópio electrónico e logo de seguida a pequena fissura transformou-se num imenso desfiladeiro. — Mas repare aqui ao fundo. Notam-se perfeitamente pequenos poros naturais...

Brambell aproximou-se num repelão, retirou os óculos antiquados e espreitou pelas oculares. Contemplou a imagem durante algum tempo e depois recuou devagarinho.

— Hum... — resmungou enquanto voltava a colocar os óculos na ponta do nariz. — Custa-me dizer isto, Frock, mas neste caso é capaz de ter razão...

— Quer dizer que é a Margo quem tem razão!

— Sim, claro. Os meus parabéns, Dra. Green.

Margo não teve tempo para dizer fosse o que fosse porque, nesse instante, o telefone do laboratório começou a tocar. Frock apontou a cadeira nessa direcção e foi atender a chamada com toda a energia. Margo ficou a observá-lo, enquanto se dava conta de que esta era a primeira vez que ela realmente parava para olhar para o seu velho conselheiro desde que o D'Agosta lhe tinha telefonado, na semana anterior. Embora de aspecto imponente, parecia agora mais magro do que ela se recordava. A cadeira de rodas também parecia diferente: velha e coçada. Perguntou-se, num súbito acesso de simpatia, se o seu mentor não estaria a enfrentar tempos difíceis. Se fosse esse o caso, também não parecia muito afectado com isso. Pelo contrário, até estava mais alerta, mais vigoroso, do que nos tempos em que dirigia o departamento de antropologia do museu.

Frock escutava o que lhe diziam com um ar preocupado. O olhar de Margo afastou-se dele e virou-se para a janela do laboratório de onde podia ver-se a esplendorosa paisagem do Central Park. As árvores estavam ricas com a espessa folhagem verde-escura do Verão e o reservatório cintilava à brilhante luz do Sol. Mais para o sul, vários barquinhos a remos deslizavam

pachorrentamente sobre a superfície do lago. Margo pensou então como seria infinitamente preferível se estivesse aos comandos de um desses barcos — toda refastelada — em vez de estar aqui enfiada no museu, a meter as mãos no interior de cadáveres putrefactos.

— Era o D'Agosta — disse Frock, cortando a ligação com um suspiro. — Contou-me que este nosso amigo vai ter companhia. Não se importavam de fechar as persianas? A luz artificial é preferível quando estamos a trabalhar com um microscópio...

— Companhia? Como assim? — perguntou Margo num tom seco.

— Foi o que ele me disse. Ao que parece, descobriram uma cabeça meio apodrecida enquanto andavam a investigar uns túneis do metropolitano, ontem à tarde. Vão enviá-la para nós a analisarmos.

O Dr. Brambell resmungou qualquer coisa em gaélico.

— Será que ela pertence... — começou Margo, e depois apontou com o queixo na direcção dos cadáveres.

Frock abanou a cabeça, com uma expressão sombria a passar-lhe pelo rosto.

— Aparentemente nada têm a ver uma com a outra...

O silêncio abateu-se sobre o laboratório. Por fim, praticamente ao mesmo tempo, os dois homens voltaram-se na direcção do esqueleto ainda por identificar. E logo de seguida os murmúrios de discórdia fizeram-se de novo ouvir. Margo soltou um suspiro profundo e aproximou-se do equipamento de electroforese. Ainda tinha pela frente uma manhã inteira de catalogação.

A sua atenção poisou-se sobre as provas de raios-X. Tinha sido uma trabalhadeira dos diabos para conseguir tê-las prontas ainda essa manhã. Talvez fosse melhor deitar-lhes uma vista de olhos antes de começar a catalogar.

Retirou do envelope a primeira série e foi pendurá-las no visor. Eram três fotografias do tronco esquelético do cadáver desconhecido. Tal como estava à espera, estas mostravam — sem grande nitidez — aquilo que já todos tinham constatado por observação directa: um esqueleto que sofria de deformações bizarras dos ossos, com um espessamento grotesco da zona cortical. Aliás, o corpo inteiro sofria deste mesmo processo osteológico.

Margo retirou essas fotografias do visor e pendurou a série seguinte. Mais três perspectivas, desta feita da região lombar.

Quase de imediato deu-se conta de tudo: quatro pintinhas brancas. Curiosa, aproximou a lente para as observar mais de perto. As quatro pintinhas afinal tinham a forma de triângulos, ordenadas como os vértices de um quadrado perfeitamente delineado, localizadas na base da coluna vertebral, prisioneiras no interior de uma massa fundida de excrescências

ossificadas. Margo percebeu que só podiam ser feitas de metal, pois este era o único material opaco aos raios-X.

Endireitou-se. Os dois homens ainda continuavam debruçados sobre o cadáver, sempre a resmungarem um com o outro.

— Descobri uma coisa que gostaria que os senhores examinassem — disse ela.

Brambell chegou junto do visor em primeiro lugar e olhou para as fotografias com toda a atenção. Em seguida recuou, ajustou a posição dos óculos e voltou a aproximar-se.

Curioso, Frock aproximou-se com a cadeira a ranger em grande estardalhaço, e sem se dar conta disso, chegou mesmo a raspar com a roda na perna do outro médico.

— Com sua licença... — disse, servindo-se da enorme cadeira para empurrar Brambell para o lado. Por fim inclinou-se em frente até o nariz ficar a milímetros de distância do visor.

A sala mergulhou no silêncio à exceção do sopro do ar na conduta colocada sobre a mesa anatômica. Ao menos uma vez na vida, constatou Margo, tanto Frock como Brambell estavam completamente perplexos.

13

Esta era a primeira vez que D'Agosta entrava no gabinete de Horlocker desde que este fora nomeado para o cargo de chefe da polícia, e nem queria acreditar nos seus olhos. O gabinete parecia-se com uma pretensiosa churrascaria suburbana: mobiliário maciço em falso mogno, cortinados espessos, apliques em ferro forjado, estilo mediterrânico, com globos de vidro fosco. Esteve quase a chamar por um criado para lhe servirem uma cervejola.

O chefe da polícia, Redmond Horlocker, sentava-se por detrás de uma imensa secretária completamente destituída de qualquer tipo de papelada. Mesmo ao lado, refastelado numa cadeira de braços, Waxie estava nesse momento a contar-lhe as suas aventuras do dia anterior. Tinha chegado ao ponto em que os três estavam a ser perseguidos pela horda enraivecida de indigentes, enquanto ele, Waxie, procurava mantê-los à distância de modo que D'Agosta e Hayward pudessem escapar em segurança. Horlocker ouvia tudo, de rosto impassível.

D'Agosta fixou os olhos num Waxie cada vez mais entusiasmado com o ritmo da narrativa. Ainda pensou em acrescentar qualquer coisa,

mas a experiência de muitos anos disse-lhe que isso não ia fazer qualquer diferença. Waxie era um comissário de bairro; não tinha muitas oportunidades de se apresentar perante o chefe máximo e impressioná-lo quanto bastasse. E quem sabe se os resultados finais não permitiriam a cedência de mais um suplemento de efectivos para o caso? Além disso, uma vizinha por detrás da orelha segredava-lhe que esta ia ser uma daquelas situações em que a merda seria da grossa. Embora estivesse oficialmente encarregue do assunto, grande mal não viria ao mundo em deixar algum crédito por mãos alheias. Quanto mais visíveis nós somos no início, mais nos tramos no fim, se as coisas derem para o torto.

Mal Waxie acabou de contar a sua história, seguiu-se um momento de silêncio. Por fim, Horlocker aclarou a garganta:

— Tem mais alguma coisa a acrescentar, tenente? — disse ele, virando-se para D'Agosta.

D'Agosta empertigou-se: — Bom, chefe, ainda é demasiado cedo para se saber se existe ou não uma ligação. Merece que lhe deitemos uma vista de olhos, mas a verdade é que eu preciso de mais ajuda para...

O telefone arcaico soou e Horlocker pegou no auscultador e ficou a ouvir o que lhe diziam durante algum tempo: — Isso pode esperar! — replicou num tom brusco, e em seguida desligou a chamada e virou-se novamente na direcção de D'Agosta.

— Você costuma ler o Post?

— Às vezes — respondeu D'Agosta, que já sabia no que aquilo iria dar.

— E conhece pessoalmente esse Smithback, responsável por todos esses disparates?

— Conheço, chefe.

— O gajo é seu amigo?

D'Agosta fez uma pausa: — Nem por isso, chefe.

— Nem por isso... — repetiu Horlocker. — Mas naquele livro que ele escreveu sobre a Criatura do Museu, pareceu-me que Smithback deixou entender que você e ele eram amigos de peito. A acreditar no que li, vocês os dois salvaram o mundo inteiro, sem precisarem da ajuda de mais ninguém, durante aquele problemazito sem importância ocorrido no Museu de História Natural.

D'Agosta permaneceu de bico calado. O papel que ele representara durante aquela desastrosa noite de estreia da exposição das Superstições era já história antiga. Não havia nesta nova administração quem lhe desse o menor crédito pelo ocorrido.

— Ora bem, como já deve ter sido informado, esse seu alegado amiguinho, Smithback, ofereceu uma recompensa, e agora andam malucos a telefonar-nos a toda a hora. Foi para atender esses telefonemas que tivemos

de deslocar o suplemento de efectivos que nos pediu! — O chefe mexeu-se, irritado, no seu imenso trono de couro. — E agora está a querer dizer-me que os homicídios dos sem-abrigo e a morte da Wisher tiveram o mesmo MO?

D'Agosta acenou que sim.

— Ok. Aqui em Nova Iorque ninguém gosta que andem a dar cabo dos sem-abrigo. É de facto um problema. Dá mau aspecto. Mas no momento em que se assassinam debutantes, então é que a porca torce o rabo. Estamos entendidos?

— Completamente! — disse Waxie.

D'Agosta permaneceu calado.

— O que eu quero dizer, é que todos nós estamos preocupados com as mortes dos sem-abrigo, de modo que vamos tentar resolver esse assunto. Mas repare, D'Agosta, lembre-se que há sem-abrigo a morrer todos os dias. Aqui entre nós morrem às dúzias de cada vez e ninguém quer saber disso para nada. Por outro lado, tenho uma cidade inteira à perna por causa dessa debutante sem cabeça. O presidente da Câmara quer o caso resolvido de uma vez por todas! — Inclinou-se em frente com os cotovelos apoiados sobre a secretária, uma expressão magnânima a passar-lhe pelo rosto. — Olhe, sei muito bem que vai querer mais efectivos. Foi por isso que destaquei o sargento Waxie para o ajudar neste caso. Já mandei alguém substituí-lo à secretária.

Ao escutar estas palavras, qualquer coisa definiu e morreu no coração de D'Agosta. Um caos ambulante como o Waxie era precisamente aquilo que menos desejava. Agora, em vez de mais efectivos, ia ser obrigado a apoiar o desgraçado em todos os passinhos que ele desse. Talvez fosse melhor colocá-lo num serviço subalterno onde ele não corresse o risco de enfiar a pata na poça. Mas isso iria colocar um problema na cadeia de comando: pôr um sargento da polícia num caso dirigido por um tenente da Brigada de Homicídios. Adivinhem sobre quem iriam cair as chatices?

— D'Agosta! — interpelou-o o chefe da polícia.

D'Agosta ergueu a cabeça: — Como?

— Fiz-lhe uma pergunta! O que é que se está a passar no museu?

— Completaram os testes no corpo da Wisher e já o devolveram à família.

— O outro esqueleto?

— Ainda estão a tentar identificá-lo.

— E quanto às marcas de dentes?

— Ainda não conseguiram entender-se quanto à sua origem, ao que parece.

Horlocker abanou a cabeça: — Mas que raio, D'Agosta, julguei que me tinha afirmado que aquele agente sabia o que estava a fazer. Com certeza não quer que eu me arrependa por ter escutado as suas recomendações quando mandei retirar os dois cadáveres da Morgue.

— Temos o chefe dos médicos-legistas e os melhores especialistas do museu a trabalharem em conjunto. Conheço-os pessoalmente e posso garantir-lhe que não há melhor que...

Horlocker soltou um enorme suspiro e sacudiu a mão. — Estou-me nas tintas para as qualificações deles! O que eu quero são resultados. Agora que tem o Waxie a trabalhar consigo, as coisas hão-de avançar mais depressa. Veja lá se me arranja alguns resultados amanhã, até ao final do dia. Entendido, D'Agosta?

— Entendido, chefe!

— Ótimo! — Horlocker sacudiu a mão. — Então, ponham-se os dois a mexer daqui para fora!

14

Esta devia ser, pensou Smithback, a mais bizarra das manifestações que ele tinha assistido nos dez anos que vivera em Nova Iorque. Os cartazes estavam todos pintados de um modo competente. O sistema sonoro era de primeira categoria. Em comparação, Smithback sentia-se mal vestido.

A multidão era bastante diversificada: tias do Central Park South e Quinta Avenida, cobertas de diamantes e com fatos da Donna Karan, ao lado de jovens banqueiros, vendedores de títulos do Tesouro, comerciantes para todos os gostos, sem esquecer um grande número de jovens desejosos de um pequeno momento de desobediência civil. Também havia ali estudantes com os uniformes das escolas privadas, mas, no fim de contas, aquilo que mais o surpreendia era a quantidade de gente que ali estava. Devia haver pelo menos duas mil pessoas presentes a misturarem-se à sua volta. E quem quer que tivesse organizado esta manifestação devia com certeza ter apoios políticos: a multidão tinha sido autorizada a ocupar a Grand Army Plaza na hora de ponta de um dia de trabalho. Por detrás de uma série bem comportada de barricadas da polícia e das câmaras de TV, estendiam-se filas intermináveis de automobilistas coléricos.

Smithback sabia que este grupo representava toda a riqueza e poder da cidade de Nova Iorque. Esta manifestação não era brincadeira nenhuma — pelo menos, não o era para o presidente da Câmara, para o chefe da po-

lícia, ou para quem quer que tivesse alguma coisa a ver com as politiquices da cidade. Este tipo de gente não costumava ir para a rua fazer demonstrações. E, contudo, aqui estavam todos.

A Sra. Horace Wisher, de pé, sobre uma enorme plataforma montada na esquina de Central Park South com a Quinta Avenida, mesmo sob a estátua dourada da vitória, dirigia-se à multidão com a ajuda de um poderoso microfone que lhe transformava a tonalidade seca da voz numa presença inevitável. Por detrás dela, via-se uma ampliação da já famosa fotografia a cores da filha Pamela.

— Por quanto tempo mais? — perguntava ela à turba. — Por quanto tempo mais vamos deixar a nossa cidade agonizar? Por quanto tempo mais vamos tolerar que matem as nossas filhas, filhos, irmãos, irmãs ou pais? Por quanto tempo mais vamos viver no medo nas nossas casas e nos nossos bairros?

A Sra. Wisher percorreu a multidão com o olhar, à escuta dos crescentes murmúrios de concordância.

Por fim voltou a falar, agora num tom mais suave: — Os meus antepassados vieram para Nova Amesterdão há trezentos anos. Desde aí a cidade passou a ser o nosso lar. E foi um bom lar, digo-vos. Quando era criança, a minha avó costumava levar-me a passear no Central Park ao fim do dia. Vínhamos a pé, sozinhas da escola mesmo depois do anoitecer. Nem sequer trancávamos a porta de casa.

» Pergunto-vos, porque é que nada foi feito no que diz respeito ao crime e às drogas que continuam a crescer à nossa volta? Quantas mais mães vão ter de perder os filhos até nós dizermos basta?

Afastou-se um pouco do microfone como se estivesse a reflectir. Um murmúrio de raiva começava a espriar-se através da multidão. Esta mulher tinha a simplicidade e a dignidade de um orador nato. Smithback ergueu o minigravador bem alto, já a preparar-se para um novo artigo de primeira página.

— Chegou o momento — disse a Sra. Wisher com a voz de novo a crescer — de recuperarmos a nossa cidade e de a entregarmos aos nossos filhos e netos. Se isso implicar executarmos os passadores de drogas, se tivermos de gastar biliões de dólares na construção de novas prisões, então será isso que teremos de fazer. Estamos em guerra. E se não acreditam em mim, olhem para as estatísticas. Em cada dia que passa, eles andam a dar cabo de nós. Mil e novecentos assassinatos em Nova Iorque, e isto apenas no ano passado. Cinco mortes por dia. Estamos em guerra, meus amigos, e infelizmente é uma guerra que está a ser perdida. Agora devemos ripostar com tudo o que tivermos à mão. Rua após rua, quarteirão atrás de quarteirão, desde Battery Park até aos

Cloisters, desde East Side Avenue até Riverside Drive, vamos recuperar a nossa cidade!

Entretanto, o rumor de cólera continuava a crescer. Smithback notou que havia mais jovens a juntarem-se à turba, atraídos pelo ruído e pela multidão. Frasquinhos de bolso e garrafas de Wild Turkey estavam a passar de mão em mão. *Banqueiros da treta*, pensou Smithback.

De súbito, a Sra. Wisher virou-se e apontou com o dedo. Smithback também se voltou e viu uma grande agitação vinda do outro lado das barricadas da polícia: uma limusina negra tinha acabado de se imobilizar, e o presidente da Câmara, um homem pequeno e careca, vestido com um fato escuro, desceu dela acompanhado por vários auxiliares. Smithback deixou-se ficar à espera, ansioso por novos acontecimentos. O tamanho desta manifestação obviamente tinha apanhado o presidente da Câmara de surpresa e agora este estava morto por participar e por demonstrar todo o seu interesse no assunto.

— Eis o nosso presidente da Câmara! — clamou a Sra. Wisher enquanto o homem abria caminho na direcção da plataforma com a ajuda de vários polícias. — Veio aqui para falar connosco!

O ruído da multidão aumentou ainda mais.

— Mas ele não vai falar coisa nenhuma! — gritou a Sra. Wisher. — Olhe, Sr. Presidente, queremos acções, não discursos!

Ao ouvir isto, a multidão rugiu.

— Acções! Nada de conversas!

— Acções! — rugiu a multidão. Os jovens presentes começaram a assobiar e a apupar.

O presidente da Câmara estava nesse momento a subir à plataforma, todo ele gestos e sorrisos. Pareceu a Smithback que ele estava a tentar pedir o microfone à Sra. Wisher. Esta recuou um passo.

— Estamos fartos de discursos! Estamos fartos de conversas de merda! — E com estas palavras, a Sra. Wisher arrancou o microfone da ficha, e desceu da plataforma deixando o presidente da Câmara entregue à sua sorte, solitário e de pé perante a multidão, com um falso sorriso no rosto, incapaz de se fazer ouvir perante os apupos.

Mais do que qualquer outra coisa, foi este comentário final que fez explodir a multidão. O clamor ininteligível cresceu ainda mais e a multidão investiu contra a plataforma. Smithback ficou a observar tudo isto, com uma estranha sensação a subir-lhe pela espinha. As pessoas em volta começavam a tornar-se perigosas. Várias garrafas vazias de álcool voaram na direcção da plataforma e uma delas chegou mesmo a estilhaçar-se a poucos centímetros dos pés do presidente. O grupo de jovens tinha-se entretanto consolidado num só corpo e estavam a abrir caminho aos empurrões,

rumo ao palco, entre invectivas e insultos. Smithback escutou algumas palavras isoladas: Cabrão. Paneleiro. Liberal de merda! Outros detritos foram projectados. E os auxiliares do presidente, ao compreenderem que a causa estava perdida, limitaram-se a arrastá-lo da plataforma na direcção da limusina.

Ah, pensou Smithback, *como é interessante verificar o modo como os sentimentos de revolta afectam todas as classes!* Não conseguia lembrar-se de ter visto antes um discurso tão demagógico como o que a Sra. Wisher acabara de proferir. À medida que a sensação de ameaça ia diminuindo e a multidão começava a dividir-se em pequenos grupos indignados, o jornalista abriu caminho na direcção de um banco no parque para aí escrever as suas impressões enquanto estas ainda estavam frescas. Em seguida, consultou o relógio: eram cinco e trinta. Levantou-se e atravessou o Parque, rumo a noroeste. Por via das dúvidas, mais valia estar-se bem colocado.

15

Margo estava a terminar o seu jogging à volta da Rua 65, enquanto escutava o canal de notícias pela rádio do walkman, quando parou, surpreendida, ao deparar-se com uma figura conhecida encostada à porta da rua do seu apartamento. A popa de cabelo crescia-lhe sobre o rosto alongado como uma haste acastanhada.

— Oh! — resfolegou ela desligando o rádio e puxando os auscultadores das orelhas. — És tu.

Smithback sobressaltou-se e assumiu um ar de incredibilidade trocista: — Será possível? É como se costuma dizer por aí, a mordedura de um amigo ingrato é bem mais venenosa do que a de uma serpente. Depois de tudo o que passámos juntos (de todo esse enorme reservatório de memórias), achas que tudo o que eu mereço é um simples, “Oh! És tu!”?

— Para que saibas, estou a fazer os possíveis por me esquecer desse “enorme reservatório de memórias” de uma vez por todas — disse Margo, enfiando o walkman na bolsa de ombro e debruçando-se para massajar os tornozelos. — Além disso, nestes últimos tempos, sempre que nos encontramos, é sempre para falar do mesmo assunto: a minha carreira e como ela é fascinante!

Smithback encolheu os ombros: — Um total sucesso, diga-se de passagem! Mas tens razão. Bom, vamos fazer de conta que vim aqui para te pedir desculpas, ó Flor do Lótus! Deixa-me oferecer-te uma bebida. — E ao

dizer isto, olhou-a com um ar apreciador. — Estás com um óptimo aspecto. Andas a concorrer para o título de Miss Universo?

Margo endireitou-se: — Tenho coisas mais interessantes para fazer!

Smithback agarrou-lhe o braço enquanto Margo procurava esgueirar-se na direcção da porta de casa: — Café dos Artistas! — Disse num tom de desafio.

Margo suspirou: — Tudo bem — replicou, libertando o braço com um pequeno sorriso. — Não me vendo por pouco, mas também não sou de ferro! Dá-me alguns minutos para tomar um duche e mudar de roupa.

Daí a pouco entraram no café venerável através do átrio do Hotel dos Artistas. Smithback acenou com a cabeça na direcção do recepcionista enquanto os dois se dirigiam até ao sossego do velho bar.

— Tem bom aspecto! — Margo apontou com a cabeça para o carrinho das quiches prestes a iniciar a sua ronda pelas mesas.

— Eh lá, olha que eu disse uma bebida, não um jantar com oito pratos! — Smithback escolheu uma mesa situada mesmo por baixo do quadro do Howard Chandler Christy, repleto de mulheres nuas em discretas brindeadeiras no meio do arvoredo.

— Acho que a ruiva tem um fraquinho por mim! — disse ele com uma piscadela de olhos na direcção do quadro. Um velho criado, vestido de branco e negro, e com um sorriso perpétuo estampado no rosto enrugado, aproximou-se e tomou nota das bebidas.

— Gosto muito de vir aqui — comentou Smithback enquanto o criado se afastava, com os pés a arrastar. — Somos sempre bem tratados. Detesto os bares onde nos tratam como se fôssemos todos escumalha da mais ordinária... — Olhou na direcção de Margo com uma expressão interrogativa: — Bom. Chegou o momento das perguntas. Tens lido os meus artigos desde a última vez que nos vimos?

— Lamento, mas só falo na presença do meu advogado! — replicou Margo. — Mas li aqueles artigos onde falavas da Pamela Wisher. Achei o segundo particularmente bem feito. Gostei do modo como a tornaste numa pessoa de carne e osso, não um objecto de exploração. Não costumavas ser assim, pois não?

— Ora aí está a minha Margo! — exclamou Smithback. Entretanto o criado voltou a aparecer com as bebidas e uma taça de avelãs salgadas, pôs tudo em cima da mesa, e voltou a desaparecer.

— Acabo de voltar da manif. Aquela Sra. Wisher é uma mulher terrível!

Margo concordou: — Ainda agora ouvi as notícias na rádio. Deve ter sido uma grande confusão. Pergunto a mim mesma se ela se deu conta das reacções que provocou.

— As coisas começaram a dar para o torto lá para o final. Diria que

ficaram mesmo assustadoras. Os ricos e influentes descobriram de um momento para o outro o poder do *vulgus mobile*.

Margo riu-se, mas sem baixar a guarda. Era preciso tomar cuidado na presença de Smithback. Se calhar tinha um minigravador ligado no bolso das calças.

— Que coisa estranha... — disse Smithback.

— Como assim?

O jornalista encolheu os ombros: — Bastam apenas uma ou duas bebidas, ou talvez o estímulo de nos encontrarmos no meio da multidão, para que os aristocratas percam a compostura e se transformem numa horda violenta.

— Se tivesses estudado antropologia, — disse Margo, — não ficarias assim tão surpreendido. Além disso, segundo percebi, a multidão não era só composta por gente fina como os meios de comunicação social deram a entender. — Bebeu mais um gole e recostou-se na cadeira. — De qualquer modo, presumo que este nosso encontro não seja meramente para a cavaqueira. Nunca te vi gastares dinheiro com as outras pessoas, sem que tivesses um motivo ulterior...

Smithback poisou o copo sobre a mesa, visivelmente magoado.

— Estou espantado. A sério que estou. Isso nem parece coisa da Margo que eu em tempos conheci. Quase nunca te vejo. E nas raras vezes em que isso acontece, só abres a boca para dizer disparates. Olha bem para ti: toda musculada como uma gazela. Onde é que está a Margo discreta, de ombros encolhidos, que eu tão bem conhecia e amava? O que foi que aconteceu contigo?

Margo quis responder mas depois calou-se. Só Deus sabia o que Smithback diria se soubesse que ela agora transportava uma arma no interior da sacola. *O que aconteceu comigo?* Mas mesmo enquanto fazia esta pergunta, percebeu que já conhecia a resposta. É verdade que há muito tempo não se encontrava com Smithback. Mas isso era pelas mesmas razões que também não ia ver o Dr. Frock, o seu velho mentor. Ou Kawakita, ou até mesmo Pendergast, o agente do FBI, ou todos aqueles que ela conhecia dos seus primeiros tempos no museu. As memórias partilhadas por todos eram ainda demasiado frescas, demasiado terríveis. Os pesadelos ainda lhe perturbavam o sono; a última coisa que ela desejava agora era que alguém viesse pôr o dedo na ferida e lembrar-lhe aquelas experiências terríveis.

Mas enquanto pensava nisto, a expressão magoada de Smithback dissolveu-se num sorriso:

— Mas para quê esconder o assunto? — prosseguiu num tom trocista. — Tu sabes como eu sou. Existe mesmo um motivo ulterior. Sei per-

feitamente o que tens andado a fazer, quando vais trabalhar para o museu tarde e a más horas...

Margo teve um sobressalto. Como é que isto constou? Mas em seguida fez os possíveis por se acalmar; Smithback era um tipo esperto, capaz de pescar fosse o que fosse, desde que houvesse isco no anzol. Neste caso, talvez estivesse a pescar às cegas.

— Foi o que eu pensei — disse ela. — Já agora, diz-me lá o que ando mesmo a fazer e como é que descobriste isso?

Smithback encolheu os ombros:

— Cá tenho as minhas fontes. Tu, mais do que ninguém, devias lembrar-te disso. Contactei com um velho amigo do museu e ele disse-me que o corpo da Pamela Wisher, acompanhado por um outro cadáver ainda não identificado foram levados para o museu na quinta-feira passada. Tu e o Frock andam a ajudar nas autópsias.

Margo ficou de boca calada.

— Não te preocupes. Foi tudo em *off-the-record*.

— Acho que já terminei a bebida — disse Margo, levantando-se. — São horas de ir embora.

— Espera um bocadinho! — Smithback agarrou-lhe o pulso com a mão. — Há uma coisa que eu ainda não sei. Chamaram-te por causa das marcas de dentes nos ossos?

Margo virou-se num repente:

— Como é que soubeste isso?

Smithback esboçou um sorriso de triunfo e nesse instante Margo percebeu, com uma vaga sensação de angústia, como ele lhe tinha dado a volta. Até ali, o jornalista apoiara-se apenas em palpites. Mas a reacção dela tinha confirmado tudo.

Voltou a sentar-se:

— Quando queres, és mesmo um grande sacana!

O jornalista voltou a encolher os ombros:

— Não foram só palpites. Sabia que os corpos tinham sido levados para o museu. E se leste a minha entrevista com o Mefisto, o chefe dos subterrâneos, ficaste a saber o que ele disse acerca dos canibais que vivem de baixo de Manhattan.

Margo abanou a cabeça: — Ó Bill, não podes publicar isso!

— E porque não? Ninguém ficava a saber que a informação partiu de ti...

— Não é isso que me preocupa — respingou Margo. — Pensa um bocadinho antes de escreveres o próximo cabeçalho. Imaginas o que uma notícia como essa pode fazer à cidade? E a tua amiguinha, a Sra. Wisher? Ela não sabe de nada. Como é que achas que ela vai reagir

quando souber que a filha não só foi assassinada e decapitada, como semidevorada?

Uma expressão dolorosa percorreu o rosto de Smithback: — Eu sei, Margo. Mas são notícias, percebes?

— Adia-as por mais um dia.

— Porquê?

Margo hesitou.

— É bom que me dês uma razão de peso, ó Florzinha de Lótus.

— Bom — respondeu Margo com um suspiro. — Porque as dentadas podem ser caninas. Aparentemente os corpos ficaram nos subterrâneos durante muito tempo antes de serem arrastados nas enxurradas. Pode ser que um cão vadio lhes tenha dado umas dentadinhas.

Smithback ficou desconsolado: — Queres tu dizer que não se trata de canibais?

Margo sacudiu a cabeça: — Lamento desapontar-te. Devemos ter a resposta amanhã, logo que os testes laboratoriais estejam concluídos. Então podes ter a exclusividade da reportagem, prometo. Temos uma reunião marcada para amanhã à tarde no museu. Quando ela acabar, vou falar sobre esse assunto com o Frock e o D'Agosta.

— Mas que diferença faz um dia?

— Já te disse. Se publicares isso agora, vais provocar um pânico dos diabos. Ainda hoje viste o modo como se comportaram os aristocratas durante a manif. Já pensaste no que ia acontecer se eles soubessem que anda um monstro à solta, quem sabe se um novo Mbwun, ou um assassino em série com tendências canibais? Se daqui a um dia disséssemos que afinal não passava de um cão, ias parecer um idiota chapado. Já chateaste a polícia com essa história da recompensa. Se agora fores aterrorizar a cidade sem razões nenhuma, então vão correr-te a pontapé daqui para fora.

Smithback recostou-se na cadeira: — Hum — disse ele à falta de melhor.

— Espera só mais um dia, Bill — pediu Margo. — A história ainda não tem pernas para andar.

Smithback ficou calado, a matutar no assunto.

— Tudo bem — disse ele por fim. — Todos os meus instintos me dizem que devo estar doido por fazer o que me pedes. Mas podes ficar com o teu dia. Depois disso, não te esqueças que tenho o exclusivo. Nada de passar esta história a mais ninguém!

Margo soltou um risinho: — Não te preocupes!

Ficaram os dois sentados, em silêncio. Por fim, Margo suspirou: — Há pouco perguntaste o que é que se estava a passar comigo. Não faço a

menor ideia. Acho que estes crimes me lembraram coisas que era melhor ficarem esquecidas.

— Estavas a pensar na Besta do Museu? — disse Smithback, enquanto atacava metodicamente a taça dos salgadinhos. — Foram uns tempos lixados...

— Podes crer... — replicou Margo com um encolher de ombros. — Depois do que nos aconteceu... bom, preferia deixar isso tudo para trás. Só tinha pesadelos e acordava noites seguidas com suores frios. Depois de ir para a Colúmbia, as coisas melhoraram um pouco. Pensei que podia pôr um ponto final no assunto. Mas então voltei para o museu; e tudo isto começou a acontecer... — E depois de dizer isto, deixou-se ficar calada durante alguns momentos.

— Ó Bill, — voltou ela a atacar, — fazes alguma ideia do que aconteceu ao Gregory Kawakita?

— Ao Greg? — perguntou Smithback. Já tinha dado cabo dos salgadinhos e andava a dar voltas à taça, como se estivesse à procura de mais alguns, escondidos lá no fundo. — Nunca mais lhe pus a vista em cima desde que pediu ao museu uma licença sem vencimento. Porquê? — Franziu os olhos numa expressão astuciosa. — Vocês os dois... não andavam juntos?

Margo sacudiu a mão como se o assunto fosse uma coisa de pouca importância: — Não, não aconteceu nada disso. Se alguma coisa houve entre nós, foi que andávamos sempre a competir um com o outro para chamar a atenção do Dr. Frock. Mas a verdade é que ele tentou entrar em contacto comigo, há alguns meses, e eu nunca lhe respondi. Acho que adoeceu, ou qualquer coisa no género. A voz dele pareceu-me diferente do habitual. De qualquer modo, como estava a sentir-me um bocadinho culpada, procurei pelo nome dele na lista telefónica de Manhattan. E o nome não constava. Só queria saber se ele se tinha ido embora e arranjado um novo emprego em qualquer outro lugar...

— Não faço a mínima! — respondeu Smithback. — Mas o Greg é daquele género de pessoas que cai sempre de pé. Aposto contigo que ele deve estar metido nalgum grupo de investigação, a ganhar trezentos mil dólares por ano. — Em seguida consultou o relógio. — Tenho de ir entregar o artigo sobre a manif até às nove horas. O que quer dizer que talvez ainda haja tempo para uma segunda bebida.

Margo olhou-o com um espanto trocista: — Bill Smithback, a pagar a uma amiga uma nova rodada? Como é que eu podia deixar-te numa ocasião como esta? Esta noite fez-se história!

Nick Bitterman subiu a correr os degraus de pedra do Castelo de Belvedere. Chegado ao parapeito, ficou à espera que Tanya o apanhasse. Mais abaixo, a massa obscura do Central Park espraiava-se à luz do Sol poente. Nick podia sentir o frio gelado da garrafa de Don Pérignon através da abertura do saco de papel que trazia debaixo do braço. Era um toque agradável, a contrastar com o calor deste fim de tarde. Sempre que se mexia, os copos tilintavam-lhe no bolso do casaco. Num gesto automático, apalpou a caixinha quadrada que continha o anel. Era um diamante de um carate, cortado pela Tiffany, e inserido numa estrutura de platina. O objecto tinha-lhe custado quatro mil dólares na loja da Rua 47. Tinha-se safado bem. E agora lá vinha a Tanya, a soltar muitos risinhos, toda esbaforida. Sabia do champanhe mas não sabia do anel.

Nick recordou-se de ter visto um filme no qual duas personagens bebiam champanhe na ponte de Brooklyn e depois atiravam com os copos para o meio do rio. Bonita cena, mas esta ainda havia de ser melhor. Não havia vista mais espectacular de Manhattan do que a que se tinha das ameias do Castelo de Belvedere ao pôr-do-sol. A única restrição era sair dali rapidamente e em força antes da chegada da noite.

Agarrou na mão de Tanya para a ajudar a escalar os últimos degraus e em seguida dirigiram-se até ao parapeito de pedra. A torre do castelo elevava-se atrás deles, negra ao anoitecer, com os ornamentos góticos alegremente enfeitados pelos cata-ventos que espreitavam das ameias superiores. Nick olhou para o caminho percorrido. Lá em baixo, estendia-se o pequeno lago e logo a seguir o imenso relvado que conduzia à fileira de árvores que cobria de sombras a estrutura do Reservatório. Este parecia uma palheta dourada à luz do Sol poente. À direita, os prédios da Quinta Avenida erguiam-se com grande aparato em direcção ao norte, com todas as janelas a flamejar em tons laranja; à esquerda, acoravam-se os baluartes obscuros do Central Park West, sob uma camada de nuvens.

Nick tirou a garrafa de champanhe do pacote de papel castanho, rasgou a folha de alumínio e o fio protector, apontou para longe com todo o cuidado, e a seguir, sem jeito nenhum, lá conseguiu arrancar a rolha que se soltou com grande estrondo, até desaparecer no meio do ar. Alguns segundos depois, ouviu-se um chape quando esta bateu na superfície do lago.

— Bravo! — exclamou Tanya.

Nick encheu as taças e passou-lhe uma.

— À tua! — Feito o brinde, bebeu o conteúdo de uma só vez, embora a Tanya só depenicasse um golinho. — Força com isso! — encorajou-a.

Tanya esvaziou a taça e torceu o nariz.

— Faz cócegas — disse com uma risadinha, enquanto Nick voltava a encher as taças e esvaziava de novo a sua, num único golo.

— Atenção, ó cidadãos de Manhattan — gritou ele do alto da muralha, de taça vazia erguida no ar, com a voz a perder-se no espaço em volta. — Aqui fala o Nick Bitterman! Proclamo que este 7 de Agosto seja o dia da Tanya Schmidt para toda a eternidade!

Tanya riu-se enquanto ele enchia as taças pela terceira vez até estas transbordarem e a garrafa ficar vazia. Quando o champanhe acabou, Nick abraçou a rapariga.

— O ritual exige que as deitemos fora! — disse num tom imperioso.

Lançaram as taças para o meio do ar e inclinaram-se sobre o parapeto enquanto estas tombavam a cintilar até irem bater contra a superfície do lago. Nick reparou então que visitantes que até ali tinham estado a tomar banhos de sol, juntamente com os maluquinhos dos patins, já se tinham ido embora. Os terrenos em volta do castelo encontravam-se desertos. Era tempo de iniciar a última jogada. Meteu a mão no bolso do casaco, retirou a caixinha e passou-lha para as mãos. Em seguida, todo orgulhoso, recuou um passo para melhor observar a reacção da rapariga.

— Deus do Céu! — exclamou ela. — Isto deve ter custado uma fortuna!

— Tu vales uma fortuna! — respondeu Nick com um sorriso enquanto lhe enfiava o anel no dedo, e a seguir a puxava contra si para a beijar forte e feio. — Percebes o que isto significa?

Tanya voltou-se para ele com um brilhozinho nos olhos. Por detrás dela, a escuridão começava a devorar o arvoredado.

— Então? — insistiu Nick.

Ela devolveu-lhe o beijo e murmurou-lhe a resposta aos ouvidos.

— Até que a morte nos separe, querida! — replicou Nick, beijando-a de novo, um beijo mais demorado, envolvendo-lhe os seios com a mão.

— Ai, Nick! — disse ela, rindo-se enquanto recuava.

— Não está aqui ninguém! — Nick agarrou-lhe o rabo com a outra mão puxando-lhe as coxas contra as suas.

— A cidade inteira está a ver-nos!

— E eu ralado! Talvez aprendam qualquer coisa! — Enfiou-lhe a mão por baixo da camisa e começou a titilar-lhe o mamilo enquanto olhava em volta para a escuridão circundante. — É melhor irmos para o meu apartamento — sussurrou-lhe aos ouvidos.

Tanya sorriu e em seguida dirigiu-se às escadas de pedra. Nick ficou a observá-la, admirando a graça natural do seu andar. O champanhe caro

corria-lhe nas veias. Nada melhor do que uma bebedeira de champanhe, pensou. *Vai direitinho à cabeça!*

E à bexiga também!

— Espera aí! — disse em voz alta. — Tenho de ir mudar a água ao peixinho!

Tanya deixou-se ficar onde estava enquanto ele se dirigia para a torre. Nick recordou-se que havia sanitários escondidos nas traseiras, mesmo ao lado da escadaria metálica de manutenção que conduzia directamente do lago aos cata-ventos. Sob a sombra da torre, tudo estava imóvel; os ruídos do tráfego na East Drive pareciam abafados e distantes. Nick descobriu a porta dos sanitários e empurrou-a para entrar enquanto abria o fecho éclair da braguilha. Dirigiu-se aos urinóis com os pés a rasparem sobre os ladrilhos estalados do pavimento. O compartimento estava deserto como seria de esperar. Encostou-se à frescura da porcelana e cerrou os olhos.

Voltou rapidamente a abri-los quando um ligeiro ruído quebrou a sonolência provocada pelo champanhe. *Nã*, pensou, *não é nada!* Riu-se, abanando a cabeça perante a paranóia que existia sempre à flor da pele, mesmo no menos impressionável dos nova-iorquinos.

O ruído fez-se ouvir de novo, desta feita muito mais alto. Nick voltou-se num misto de surpresa e medo, com o pénis ainda seguro na mão. Só então reparou que havia alguém escondido num dos compartimentos das sanitas e que estava a aproximar-se dele num salto.

...

Tanya esperava, de pé, junto ao parapeito, com a brisa da noite a morder-lhe o rosto. Tocou no anel de noivado, e sentiu-o como se ele fosse qualquer coisa estranha e pesada contra o dedo. O Nick já estava a demorar-se. Agora o parque estava todo às escuras, o grande relvado deserto, as luzes da Quinta Avenida a cintilarem sobre a superfície do lago.

Impaciente, caminhou na direcção da torre e depois contornou-a até ao outro lado. A porta dos sanitários dos homens encontrava-se fechada. Bateu à porta, primeiro timidamente, depois com mais força.

— Nick? Ó Nick? Estás aí?

Não se ouviu nada, apenas o vento a suspirar através das árvores. O vento trazia consigo um odor estranhamente acre, pungente e desagradável que lhe lembrou o queijo feta.

— Nick? Deixa-te de brincadeiras!

Tanya empurrou a porta e entrou nos sanitários.

Durante alguns instantes, o silêncio desceu sobre o Castelo de Belva-

dere. E só depois começaram os gritos: ululantes, cada vez mais altos, como se quisessem rasgar a doce noite estival.

Smithback sentou-se ao balcão do seu Café Grego preferido e, com um aceno de cabeça, pediu ao cozinheiro que lhe fizesse a refeição do costume: dois ovos escalfados e uma dose dupla de tortilhas. Bebeu um golinho da chávena de café que lhe puseram à frente, suspirou de contentamento e puxou do maço de jornais que trazia debaixo do braço. Consultou o Post em primeiro lugar, franzindo ligeiramente o sobrolho enquanto dava uma vista de olhos ao artigo da primeira página, escrito por Hank McCloskey relativo ao crime no Castelo de Belvedere. Quanto ao seu artigo da manif da Grand Army Plaza, esse tinha sido despromovido para a quarta página. Por direitos adquiridos, a primeira página do jornal deveria ter sido sua, com a história do envolvimento do museu e a marca dos dentes nas ossadas. Mas tinha prometido à Margo. No dia seguinte haveria de ser diferente. Além disso, este período de espera haveria de lhe garantir novos artigos nos próximos dias.

O pequeno-almoço chegou e Smithback atacou as tortilhas com todo o gosto, trocando o Post pelo New York Times. Passou os olhos pelos cabeçalhos — todos eles comidos e bem arrumadinhos como mandava o figurino — com um esgar trocista. Foi então que, um pouco abaixo da dobra do jornal, descobriu uma única coluna que dizia apenas: “O regresso da Besta do Museu?”. O artigo estava assinado por Bryce Harriman, enviado especial.

Smithback prosseguiu na sua leitura com as tortilhas a transformarem-se em pasta de papel no interior da boca.

8 de Agosto — Os cientistas do Museu de História Natural de Nova Iorque continuam a examinar os corpos decapitados de Pamela Wisher e de um outro cadáver ainda não identificado. Até ao momento, não foi possível determinar se as marcas de dentes encontradas nos ossos são o resultado post mortem do ataque de animais vadios, ou se foram elas as verdadeiras causadoras da morte.

O brutal assassinato e decapitação de Nicholas Bitterman no Castelo de Belvedere, no Central Park, ocorrido ontem, ao fim da tarde, fez escalar a pressão das autoridades sobre a equipa médico-legal para que encontre respostas adequadas o mais depressa possível. Em abono da verdade, nestes últimos meses,

entre a população dos sem-abrigo, têm-se verificado mortes que alegadamente correspondem ao mesmo padrão. Não se sabe ainda se esses corpos também vão ser transferidos para o museu para ulterior análise. Os restos mortais de Pamela Wisher já foram entregues à família. O funeral será às três da tarde, no Cemitério de Holy Cross, Bronxville.

As autópsias têm vindo a ser realizadas sob uma capa de profundo secretismo nas instalações do museu. “Eles não querem que haja uma nova onda de pânico”, soubemos de fonte segura. “Mas a palavra que ninguém se atreve a pronunciar continua a ser Mbwun”.

Mbwun, o nome segundo o qual os cientistas passaram a chamar à Besta do Museu, era uma criatura monstruosa, inadvertidamente trazida para o local por uma fracassada expedição à Amazónia. Em Abril do ano passado, a presença deste monstro nas subcaves do museu tornou-se tristemente famosa quando vários visitantes e alguns dos guardas foram assassinados. O monstro também atacou um grupo de visitantes durante a inauguração de uma das exposições, causando assim uma vaga de pânico e o disparo involuntário dos sistemas de alarme. Daí resultou a morte de 46 pessoas, cerca de trezentos feridos graves, um dos maiores desastres ocorridos em Nova Iorque nestes últimos anos.

O nome de Mbwun foi atribuído à criatura pela agora extinta tribo dos Índios Kothoga, que viviam no habitat original da criatura, nas regiões superiores do rio Xingu, bacia do Amazonas. Durante décadas, os antropólogos e colectores de borracha tinham ouvido rumores acerca de um enorme animal, aparentemente reptiliano, que vivia nas margens do rio Xingu. Foi então que, em 1987, um antropólogo do Museu de História Natural, Julian Whittlesey, organizou uma expedição até às nascentes do Xingu, em busca de pistas sobre esta tribo e a já referida criatura. Whittlesey desapareceu na floresta das chuvas e os outros membros da expedição morreram tragicamente num acidente aéreo quando estavam a regressar aos Estados Unidos.

Os caixotes que continham as relíquias da expedição chega-

ram a Nova Iorque. Os artefactos encontravam-se embrulhados em fibras vegetais que continham uma substância necessária à sobrevivência do Mbwun. Embora não seja conhecido o modo como a criatura conseguiu chegar ao museu, os conservadores teorizaram que esta tinha sido inadvertidamente encerrada num dos contentores, juntamente com os restantes caixotes da expedição. A criatura passou a habitar nas imensas subcaves do museu até ao momento em que acabou o seu alimento natural e começou a atacar os guardas e os visitantes.

O animal foi abatido durante o confronto que se seguiu, a carcaça foi confiscada pelas autoridades e destruída antes que se pudesse executar uma devida análise taxinómica. Embora ainda subsistam muitos mistérios associados à criatura, determinou-se que ela era natural de um planalto isolado da Amazônia, chamado Tepui. Recentes extracções hidráulicas de ouro nas margens superiores do Xingu danificaram seriamente esta zona e sem dúvida provocaram a extinção da espécie. O professor Whitney Cadwalader Frock, do Departamento de Antropologia do Museu, autor da obra “Evolução Fractal”, acredita que a criatura possa ser uma aberração evolucionária produzida pelo habitat natural da floresta das chuvas.

Houve quem sugerisse que as mortes recentes eram obra de um segundo Mbwun, talvez a companheira do original. Também seria esta a tácita opinião da polícia nova-iorquina, pois pediu ao laboratório do museu que confirmasse se as marcas de dentes nas ossadas eram consistentes com a mordedura de um cão selvagem ou produto de algo mais poderoso — algo semelhante a um Mbwun.

Smithback empurrou para o lado os ovos ainda por comer com uma mão trémula de raiva. Não conseguia saber o que era pior: deixar que aquele parvalhão do Harriman lhe passasse a perna, ou o facto de ele próprio, Smithback, ter tido a história nas mãos antes de o convencerem a deixá-la de lado.

Nunca mais, jurou a si mesmo. Nunca mais.

...

No décimo quinto andar do Comissariado Central, D’Agosta poisou preci-

samente o mesmo jornal com um suspiro de irritação. Os conselheiros do departamento de informação da polícia de Nova Iorque iam ver-se gregos para conseguirem evitar a histeria resultante desta notícia. Quem quer que tivesse passado esta informação, pensou ele, ia pagá-las na devida medida. Pelo menos desta vez a culpa não era do melga do Smithback.

Em seguida pegou no telefone e marcou o número do escritório do chefe da polícia. Por falar em pagá-las, convinha ter cuidado com o que ia dizer-lhe. Quando se tratava do Horlocker, mais valia telefonar-lhe do que ser telefonado.

Mas tudo o que ouviu foi a voz do atendedor de chamadas da secretária do chefe.

D'Agosta voltou a pegar no jornal e voltou a deixá-lo cair, cada vez mais frustrado. Daqui a nada o Waxie haveria de aparecer por ali, sem dúvida a berrar sobre os crimes do Castelo de Belvedere e a data limite imposta pelo chefe. Só de pensar na presença do Waxie, mesmo sem se dar conta disso, os olhos de D'Agosta cerraram-se, mas a sensação de cansaço era tal que voltou a abri-los logo de seguida. Só tinha dormido duas horas, e sentia-se esgotado até aos ossos depois de ter passado uma noite inteira a percorrer o Castelo de Belvedere de uma ponta à outra em busca de novos indícios.

Levantou-se e foi até à janela. Lá em baixo, no meio da cinzentude dos prédios, ainda se conseguia distinguir um pequeno quadrado negro: era o terreno de jogos da Escola Primária 362. As minúsculas figurinhas dos miúdos corriam de um lado para o outro, a brincar à apanhada ou ao jogo da macaca, sem dúvida aos guinchos e aos berros durante todo o período do recreio do meio-dia. *Ó meu Deus, pensou, o que eu não daria por estar ali com eles!*

Quando voltou à secretária, apercebeu-se que a ponta do jornal tinha derrubado a fotografia do Vinnie Júnior, o seu filho de dez anos. Endireitou-a com todo o cuidado, respondendo ao sorriso da foto com um sorriso involuntário. Por fim, agora que já se sentia um pouco melhor, enfiou a mão no bolso do casaco e puxou de um charuto. O Horlocker que se fosse lixar. O que for será.

Acendeu o charuto, atirou com o fósforo para o cinzeiro, e aproximou-se de um grande mapa da zona oeste de Manhattan, pregado num expositor. O expositor estava atafalhado de alfinetes brancos e vermelhos. Uma indicação num dos cantos dizia que os alfinetes brancos relatavam todos os desaparecimentos nos últimos seis meses, enquanto que os vermelhos indicavam mortes que correspondiam aos mesmos modos operacionais dos suspeitos. D'Agosta estendeu a mão para um recipiente de plástico, puxou de um alfinete vermelho, localizou no mapa o Reservatório do

parque e com todo o cuidado espetou o alfinete um pouco mais ao sul. Em seguida recuou um passo, deixou-se ficar de olhos fixos no painel, procurando ver se haveria algum padrão coerente em todo aquele ruído visual.

Os alfinetes brancos ultrapassavam em mais de dez para um os alfinetes vermelhos. Claro que a maior parte deles não significava nada. As pessoas desapareciam em Nova Iorque por muitas e variadas razões. Mesmo assim, este era um número demasiado elevado, cerca de três vezes o que seria normal para um período de seis meses. E a maior parte dos desaparecimentos tinha ocorrido na zona do Central Park. Continuou a olhar para o painel. Por muito estranho que isso lhe parecesse, a distribuição dos pontinhos não parecia aleatória. A intuição dizia-lhe que devia haver ali um padrão qualquer, mas não conseguia fazer ideia de qual seria.

— Ainda a pensar na morte da bezerra, tenente? — disse uma voz familiar e melodiosa nas suas costas. Surpreendido, D'Agosta deu um salto e voltou-se. Era Hayward, agora oficialmente anexa ao caso, tal como Waxie.

— Já ouviu dizer que se deve bater à porta antes de entrar? — replicou ele num tom agreste.

— Ouvi, sim. Mas o meu tenente disse-me que queria receber estes resultados o mais depressa possível. — A mão graciosa de Hayward estendeu-lhe um maço de papel impresso a computador. D'Agosta pegou na papelada e começou a passar os olhos pelos relatórios: mais crimes entre os sem-abrigo, ocorridos nos últimos seis meses, quase todos na zona oeste do Central Park, ou seja, na jurisdição do Waxie. Como já seria de esperar, nenhum tinha sido investigado.

— Céus! — murmurou, enquanto abanava a cabeça. — Bom, vamos lá pô-los no mapa!

E começou a ler em voz alta as respectivas localizações, enquanto Hayward espetava alfinetes vermelhos no painel. Por fim fez uma pequena pausa, e deitou um olhar de soslaio às madeixas de cabelo negro e àquela pele tão diáfana. Embora não lhe tivesse dito nada, D'Agosta sentia-se contente por ela o estar a assistir. A imperturbável autoconfiança da rapariga era como um porto de abrigo no centro de uma pavorosa tempestade. E tinha de admitir que ela não era desagradável ao olhar.

Vindo do átrio, ouviu-se alguém a correr e o som de vozes irritadas. Qualquer coisa pesada desmoronou-se com grande estrépido. De cenho franzido, D'Agosta pediu a Hayward que fosse ver o que se passava. Pouco depois ouviram-se novos gritos e D'Agosta apercebeu-se que alguém estava a mencionar o seu nome numa vozinha aguda e irritante.

Curioso, enfiou a cabeça pela porta entreaberta. Uma criatura inacreditavelmente porca estava de pé, à entrada do departamento de Homicídios, a debater-se entre as mãos de dois polícias que se esforçavam por o

subjugar. Hayward estava mesmo ao lado, pequenina e nervosa, como se estivesse à espera de se meter ao barulho. D'Agosta viu um tufo de cabelos colados uns aos outros pela sujidade; a pele amarelada pela icterícia; um corpo magro e faminto; e o inevitável saco de plástico preto que continha todos os bens terrenos da criatura.

— Quero ver o tenente! — berrava o mendigo numa voz esganiçada. — Tenho informações que lhe interessam. Exijo que...

— Ó meu amigo — disse um dos polícias todo enojado, enquanto se esforçava por agarrar o desgraçado pela gola sebenta do casaco. — Se tiver alguma coisa a dizer, diga-me a mim, entendido? O tenente tem mais que fazer!

— Ali está ele! — O homenzinho apontou um dedo trémulo na direcção de D'Agosta. — E não está a fazer nada! Tire as patas de cima de mim ou eu vou queixar-me a quem de direito, ouviu? Vou chamar o meu advogado.

D'Agosta recuou para o interior do gabinete, fechou a porta, e pôs-se de novo a examinar o cartaz. A barragem de vozes prosseguiu. Os guinchos do sem-abrigo continuavam a moer-lhe o juízo, pontuados pelo tom de voz cada vez mais irritado de Hayward. O tipo não se queria mesmo ir embora.

De súbito a porta abriu-se com estrondo e o mendigo meio entrou, meio caiu no interior do gabinete, logo seguido por uma Hayward furiosa. O homem foi acoitar-se num canto do gabinete, agarrado ao saco de lixo, como se este servisse de protecção.

— Tem de ouvir o que eu tenho para lhe dizer, tenente! — ganiu ele em alta voz.

— O gajo é escorregadio como um raio — arquejou Hayward, a esfregar as mãos nas coxas elegantes. — E estou a dizer isto no sentido mais literal!

— Deixe-me em paz! — berrou ele na direcção de Hayward.

Farto de tanta confusão, D'Agosta suspirou: — Tudo bem, sargento. — E em seguida virou-se para o pedinte. — Pronto. Cinco minutos. Mas deixe isso lá fora! — Apontou para o saco de lixo que tresandava a requeitado.

— Se o deixar lá fora, eles roubam-no! — protestou o homem.

— Isto é uma esquadra da polícia! — respingou D'Agosta. — Ninguém vai roubar nada dessas merdas!

— Não são merdas nenhuma! — choramingou o pedinte, mas lá acabou por entregar o saco peganhento a Hayward, que logo se apressou a deitá-lo para o meio do corredor e trancar a porta.

De súbito, a atitude do homem mudou por completo. Aproximou-se a arrastar os pés e foi sentar-se numa das cadeiras destinadas aos visitantes. Cruzou as pernas, como se fosse dono de tudo aquilo. Agora o fedor era

bem mais intenso. Lembrava vagamente a D'Agosta aquilo que sentira no interior dos túneis do metropolitano.

— Espero que esteja confortável! — disse D'Agosta colocando estrategicamente o charuto à frente do nariz. — Fique sabendo que só lhe sobram quatro minutos!

— Aqui para nós, Vincent, — confessou o sem-abrigo, — sinto-me tão confortável quanto seria de esperar, dadas as condições em que me encontro.

D'Agosta deixou cair o charuto sobre a secretária, completamente estarrecido.

— E já agora, lamento muito que continues com esses hábitos... — comentou o homem de olhos postos no charuto. — Mesmo assim, noto que a qualidade do material melhorou. Folhas da República Dominicana, se não estou enganado, com uma cinta de Connecticut. Se tiveres mesmo de fumar, essa imitação à Churchill é bem melhor do que as porcarias que costumavas enfiar pela boca dentro!

D'Agosta continuava sem dizer palavra. Conhecia a voz, esse melodioso sotaque do Sul. Só não conseguia relacioná-la com a criatura fedorenta que tinha pela frente.

— Pendergast? — perguntou num suspiro.

O sem-abrigo concordou com a cabeça.

— Mas que raio...

— Espero que me perdoes a entrada histriónica. Queria comprovar a eficácia do meu disfarce.

— Ah, pois! — disse D'Agosta.

Hayward aproximou-se e deitou uma vista de olhos a D'Agosta. Pela primeira vez parecia completamente perdida. — Meu tenente...? — começou ela.

D'Agosta suspirou fundo: — Olhe, sargento, este senhor é... — Agitou a mão para a figura desmazelada que permanecia sentada, com as mãos cuidadosamente cruzadas sobre o colo. — ...o Pendergast, agente especial do FBI.

Hayward olhou para D'Agosta e depois para o sem-abrigo.

— Não me gozem!

Pendergast soltou uma gargalhada. Depois apoiou os cotovelos sobre os braços da cadeira, estendeu as mãos, descansou o queixo nas pontas dos dedos e virou-se para Hayward: — Encantado por a conhecer, sargento. Gostava de lhe apertar a mão, mas...

— Deixe lá! — Hayward apressou-se a responder, ainda meio desconfiada.

De súbito, D'Agosta aproximou-se e esmagou entre as suas a mão esguia e sebosa do visitante.

— Céus, Pendergast! Ainda bem que te vejo. Estou farto de perguntar a mim mesmo por onde tens andado. Ouvi dizer que recusaste a directoria do gabinete de Nova Iorque, mas a verdade é que nunca mais te pus a vista em cima, desde...

— Desde os crimes do museu, tal como hoje em dia são conhecidos. — Pendergast acenou com a cabeça. — Noto que eles voltaram à primeira página...

D'Agosta voltou a sentar-se e fez um sinal de concordância.

Pendergast passou os olhos pelo mapa: — Tens aqui um problema do caraças, Vincent. Uma série de assassinatos horríveis, tanto à superfície como no subsolo. Como se não bastasse a angústia que assombra a elite da cidade, correm por aí rumores de que o Mbwun está de volta.

— Olha, Pendergast, tu não fazes a menor ideia...

— Desculpa-me contradizer-te, mas a verdade é que sei muito bem o que está a acontecer. De facto, vim até aqui para te perguntar se precisavas de ajuda.

O rosto de D'Agosta iluminou-se para logo se tornar um pouco mais circunspecto.

— E isso é a título oficial?

— Semioficial. Mas é o melhor que eu posso fazer, lamento. Recentemente posso escolher quase todas as minhas comissões. Passei todo este ano a trabalhar em projectos técnicos. Um dia destes eu conto-te tudo. Pelo menos fica sabendo que recebi uma autorização para assistir o Departamento de Polícia de Nova Iorque neste caso particular. Evidentemente que tenho de manter aquilo a que nós tão delicadamente chamamos de “negabilidade”. De momento não existe uma única prova de que tenha sido cometido um crime federal. — Sacudiu a mão. — O meu problema, aqui para nós, é que eu não consigo manter-me afastado de um caso interessante. Um hábito aborrecido, mas muito difícil de ser quebrado.

D'Agosta olhou-o, perplexo:

— Então porque é que eu nunca mais te pus a vista em cima nestes últimos dois anos? Nova Iorque não te proporciona casos interessantes?

Pendergast inclinou a cabeça:

— Nem por isso.

D'Agosta virou-se para Hayward: — Esta é a primeira coisa boa que aconteceu neste caso desde o primeiro dia.

Pendergast olhou primeiro para D'Agosta e depois para Hayward. Os olhos de um azul-pálido, contrastavam com a sujidade da pele.

— Sinto-me lisonjeado, Vincent. Mas vamos lá ao trabalho. Dado que o meu aspecto vos parece ter convencido, tenciono testá-lo no subsolo o mais cedo possível. Ou seja, se vocês me contarem tudo o que há a contar...

— Parto do princípio que você concorda que a morte da Wisher e os crimes dos sem-abrigo estão relacionados? — perguntou Hayward, ainda um pouco desconfiada.

— Concordo em absoluto, sargento... Hayward, não é? — disse Pendergast. E depois endireitou-se na cadeira. — Você não é a Laura Hayward?

— E se for? — disse ela, de pé atrás.

Pendergast voltou a recostar-se na cadeira. — Excelente! — comentou em voz baixa. — Deixe-me dar-lhe os parabéns pelo seu artigo na revista do mês passado, *Journal of Abnormal Sociology*. Ora aí está uma visão interessante sobre a hierarquia dos sem-abrigo dos subterrâneos.

Pela primeira vez desde que D'Agosta a tinha encontrado, Hayward pareceu-lhe ficar bastante incomodada. A rapariga corou e virou-se para o lado, como se não estivesse habituada a este tipo de cumprimentos.

— Então, sargento? — perguntou D'Agosta.

— Ando a preparar a minha tese na Universidade de Nova Iorque — respondeu Hayward, ainda a olhar para D'Agosta, como se estivesse à espera de ouvir mais um sarcasmo. — A tese trata da estrutura das castas na sociedade dos subterrâneos.

— Porreiro! — disse D'Agosta, surpreendido por a ver sempre na defensiva, embora ele próprio também estivesse um pouco de pé atrás. *Porque é que ela não me contou nada? Achará que eu sou estúpido?*

— Mas porquê publicar isso numa revista tão pouco conhecida? — prosseguiu Pendergast. — Sempre pensei que o *Law Enforcement Bulletin* seria a escolha mais óbvia.

Hayward soltou uma risada rouca e recuperou a compostura: — Está a gozar comigo?

De súbito, D'Agosta compreendeu tudo. Já era complicado ser-se uma franganota atraente a pavonear-se no meio de uma esquadra da polícia habitualmente frequentada por criminosos brutamontes. Mas trabalhar para conseguir um elevado grau académico sobre precisamente aquele tipo de gente que ela era obrigada a capturar... Abanou a cabeça ao imaginar o constante estado de troça a que ela deveria estar sujeita da parte dos seus colegas.

— Ah, estou a ver... — disse Pendergast, acenando com a cabeça. — Bom, de qualquer modo, tenho muito gosto em conhecê-la. Mas vamos lá ao que interessa. Preciso de consultar as análises de todas as cenas do crime. Quanto mais soubermos sobre essas sociedades subterrâneas, mais rapidamente encontraremos o culpado. Ou os culpados. Esse sujeito não violou ninguém, correcto?

— Correcto.

— Talvez seja um fetichista. Pelo menos ele... ou eles... gostam de ficar com umas quantas lembranças. Vamos ter de consultar os arquivos dos assassinos em série inactivos ou indivíduos com comportamento típico de homicidas. Também gostaria que vocês me fizessem uma pesquisa para saber se existem pontos comuns entre todas as vítimas. E examinar uma segunda vez os ficheiros das pessoas desaparecidas. Temos de encontrar qualquer pista, por muito ténue que ela seja.

— Vou tratar disso — disse Hayward.

— Excelente! — Pendergast pôs-se de pé e aproximou-se da secretária. — Agora, se me deixassem dar uma vista de olhos aos documentos deste caso...

— Senta-te, por favor! — apressou-se a dizer D'Agosta, a torcer o nariz. — Não sei se já percebeste, mas o teu disfarce é demasiado convincente...

— Tudo bem — respondeu Pendergast num tom desprendido, voltando a sentar-se. — Já entendi. Sargento Hayward, não se importava de me atirar esses documentos?

18

Margo sentou-se no imenso Anfiteatro de Lineu, situado nas profundezas do edifício do Museu de História Natural, e olhou em volta, curiosa. Era um espaço elegante, originalmente construído em 1882. Imensas abóbadas estendiam-se sobre lambris de carvalho escuro. Em torno da cúpula havia um friso intrincado, que mostrava a evolução das espécies em toda a sua glória: começando pelos rigorosos desenhos dos primeiros seres unicelulares, até à grandiosa figura do Homem.

Concentrou-se nesta última imagem que representava um indivíduo vestido de casaca, chapéu alto e bengala na mão. Era de facto um monumento maravilhoso em honra dos primeiros conceitos da evolução darwiniana: ali se via a constante marcha para o alto, do simples ao complexo, assinalando o Homem como a sua coroa de glória. Margo sabia que a perspectiva moderna era muito diferente desta. De facto, a Evolução era bem mais aleatória e acidental, cheia de becos sem saída e bifurcações bizarras. O Dr. Frock — sentado na cadeira de rodas mesmo ao seu lado — dera já importantes contribuições para este assunto, com a sua teoria da evolução fractal. Recentemente, os biólogos que se dedicavam ao estudo da evolução já não consideravam que o ser humano fosse a apoteose da evolução, mas